



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA
MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
PROFSOCIO

NAIRA LOPES MOURA

AS EDUCAÇÃO SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DAS
IDENTIDADES DE JOVENS DO QUILOMBO SALINAS - PI

SOBRAL – CE
2020

NAIRA LOPES MOURA

**AS EDUCAÇÃOES SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DAS
IDENTIDADES DE JOVENS DO QUILOMBO SALINAS - PI**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional–PROFSOCIO, da Universidade Estadual Vale do Acaraú–UEVA. Área de concentração: juventude e questões contemporâneas.

Orientadora: Profa. Dra. Isaurora Cláudia Martins de Freitas

**SOBRAL – CE
2020**

NAIRA LOPES MOURA

**AS EDUCAÇÃOES SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DAS
IDENTIDADES DE JOVENS DO QUILOMBO SALINAS - PI**

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Isaurora Cláudia Martins de Freitas (Presidente)
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Prof.^a Dr.^a Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes
Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA

Prof.^a. Dr.^a Nara Maria Forte Diogo Rocha
Universidade Federal do Ceará – UFC

Ficha Catalográfica a inserir

Ao meu filho João Neto e à minha filha Giovanna, com os quais tenho compartilhado diálogos construtivos na convivência, tenho orgulho de vê-los em crescimento e consciência política sob a lente da crítica e empatia, competências necessárias nos dias de hoje.

Ao meu pai, que me apresentou um mundo rico e vasto: o mundo da leitura.

Ao meu sobrinho Lázaro e às minhas sobrinhas Jade, Ana Laura e Maria Cecília, fontes de amor e de esperança.

Aos meus irmãos Danilo e Igor, dos quais tenho apoio para continuar nesta luta rotineira da vida.

Às minhas queridas Sol e Lua, garotas, com um engajamento político que surpreende pela idade.

In Memoriam

Ao meu irmão querido Fabiano Lopes Moura, que com seu exemplo de vida contribuiu de forma discreta, não com palavras, mas com exemplos, gestos e atitudes, para importantes causas sociais.

À Débora Rodrigues de Santana, ascendente da Comunidade Quilombola Salinas, companheira de militância por 10 anos, orientadas pelo desassossego que as desigualdades racial e social insistem em nos apresentar.

BRASIL QUILOMBOLAS

Minha terra tem quilombos
Onde o negro vive a lutar
Zumbi quilombolas daqui
Resistem com os de lá
Belo chão de terras santas
Com florestas e animais
Onde mora o povo negro,
Índio, branco e sarará.
Zumbi ah! Quilombolas
Zumbi ah! Quilombolas
Em qualquer hora do dia
Vale a pena se morar
Minha terra tem quilombos
Onde negros vivem a lutar
Povo negro de Zumbi
Hoje vamos festejar
Com o bloco na avenida
Ganga Zumba quilombar
Zumbi ah! Quilombolas
Zumbi ah! Quilombolas

(Poesia de Ruimar Batista, musicada por Assis Bezerra, artistas piauienses)

AGRADECIMENTOS

Ao Deus soberano, que me propiciou essa rica experiência e que diz em sua Palavra: melhor é o fim das coisas que o princípio delas! (Eclesiastes 7:8).

É atribuída a Margaret Thatcher a frase de que não existe sociedade, apenas indivíduos. Mas é precisamente o contrário: são os indivíduos que não existem isoladamente como mônadas, átomos, sílabas sem palavras. Quando retroagimos na história podemos perceber que o indivíduo sempre esteve ligado a uma comunidade, a uma tradição, a uma sociedade; e foi através deste processo social que a humanidade construiu a linguagem, a cultura, a arte e tudo aquilo que dá significado a nossas vidas; riquezas que são impensáveis sem o contato e a integração entre vários seres humanos em uma totalidade. Ninguém é Robinson Crusoe, isolado em uma ilha sem qualquer horizonte societário. Na academia não é diferente, os trabalhos exigem orientação, revisão dos pares, leitura compartilhada. Desta forma, não existe caminhada sem o apoio, auxílio e comprometimento de várias pessoas que nos motivam, nos ensinam e nos fortalecem nesse itinerário. Como disse Isaack Newton: se cheguei até aqui foi porque me apoiei no ombro de gigantes.

À professora e minha orientadora, Isaurora Cláudia Martins de Freitas, por toda orientação, sugestão, auxílio e paciência. Mulher autêntica, forte e decidida, além de muito articulada, pela qual nutro a mais profunda admiração.

Aos professores do PROFSOCIO/UEVA, Vinicius Vilaverde, Marina Mesquita, Diocleide Lima, Rosângela Pimenta, Isabel Linhares, Rodrigo Chaves, Ivaldinete Gemes e Francisco Alencar, por me inserirem nas mais complexas e atuais discussões das Ciências Sociais de um jeito simples, humilde, acessível e competente. Desconstruíram a caricatura que se cria de uma academia inalcançável, ruíram os muros que separa o saber do senso comum. Sempre procurei me orientar pelo exemplo deles.

A todo corpo administrativo do PROFSOCIO/UEVA, pelo auxílio, acessibilidade e pronto-atendimento.

À amiga Raimunda Ferreira Gomes Coelho, por ter me apresentado todo o acervo de livros e artigos necessários para efetivação deste trabalho, além de ter me acompanhado em todo este processo, bem como pela sua participação no vídeo documentário como pesquisadora.

À Talita do Monte e ao Chagas Vale, amigos especiais e artistas que sempre me inspiraram através do talento esboçado em todos os seus trabalhos desenvolvidos e por todo apoio na produção do vídeo documentário.

Aos professores pesquisadores pela participação especial no vídeo documentário: Solimar Lima e Sônia Terra e pelo apreço à Comunidade de Salinas.

À Rosângela Pereira de Sousa, por ter oferecido grandes contribuições desde o início dessa caminhada.

Ao amigo Raimundo Isídio de Sousa, que sempre me provocou e desafiou a me repensar e ir mais longe do que o que muitas vezes achava que poderia.

À Socorro Brito, que com sua força e coragem me impulsionou em momentos difíceis.

À minha prima Noême Madeira Moura Fé, que me acolheu em sua casa na cidade de Sobral-CE, possibilitando que eu tivesse um lugar para repousar, além do aconchego amigo, coisa que hotel nenhum pode oferecer.

Aos meus colegas da primeira turma de mestrado PROFSOCIO/UEVA, pelas discussões, amizade e receptividade que tornaram este caminho mais fácil, mais agradável e mais instigante.

Ao Marcos Vinicius Ferreira, que através de sua implacável liderança conseguiu efetivar o reconhecimento de Salinas como uma comunidade quilombola, além de estar sempre à frente de todos os demais projetos que visam proteger, resgatar e ressignificar a identidade do povo afrodescendente. Meus sinceros agradecimentos, pois, em todo o trajeto ele me dispôs documentos, fotos, entrevistas, vídeos – material necessário para a conclusão deste trabalho. Também por ter atendido minhas ligações e mensagens – que se ampliaram por conta do isolamento social – ao longo de todo esse processo.

À Cleane Pereira da Silva, um dos importantes pilares da Comunidade Quilombola Salinas, braço forte de todos os projetos que tem como finalidade fortalecer a identidade da juventude local e não poderia ser diferente neste trabalho.

À Maria Florentina Pereira dos Santos, Titia Maria Flor, pela disposição em colaborar com todo este projeto através de conversas tanto pessoalmente, quanto por telefone.

A toda a Comunidade Quilombola de Salinas, de Campinas do Piauí, localidade na qual fui inserida em toda essa teia cultural e simbólica, retrato de uma diversidade obscurecida pelo dito “Brasil Oficial” (parafraseando Machado de Assis), com a qual me debrucei – embora longe de esgotar – neste trabalho. Sou muito grata pelo acolhimento que sempre me foi oferecido em todo este espaço, tanto físico como cultural, e que, a partir dele, pude vislumbrar um horizonte rico e profundo a ser explorado.

Sou grata a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

RESUMO

O processo de construção da identidade afrodescendente da juventude quilombola é atravessado por desafios, entre eles, destacam-se o esquecimento histórico dos quilombos após abolição, as tentativas de apagamento das histórias e ocultação das contribuições do seu grupo social, bem como os estigmas a eles atribuídos durante e depois do processo de colonização, que os reduzem a uma condição de inferioridade. Nesta pesquisa, trato da construção da identidade de jovens da Comunidade Quilombola Salinas (PI), com a pretensão de investigar as contribuições das educações sociais promovidas pela Comunidade, sobretudo pelo Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, e da educação escolar, por meio da disciplina de Sociologia no ensino médio, na formação da identidade racial. Tem como objetivo geral analisar a construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas a partir da educação social, sobretudo, promovida pelo Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e da educação escolar na perspectiva do ensino de Sociologia. Quanto à metodologia, trata-se de uma abordagem qualitativa, com pesquisa de campo, utilizando a entrevista semiestruturada, a comunicação virtual e documentos. Os participantes foram integrantes jovens do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, que estudam em qualquer série do ensino médio, bem como professores da disciplina de Sociologia e lideranças dos grupos culturais e projetos sociais da referida Comunidade. Para a compreensão do nosso objeto de estudo e das questões que o envolvem, recorreremos aos estudos de Cunha Jr (2005), Fanon (2008), Moura (1981, 1987, 1988), Munanga (2005), Nascimento (1978), Almeida (1996, 2011), Fiabani (2012), Leite (2000), Lima (2005, 2017), Goffman (2004), Hall (2001, 2003), Carneiro (2005), Arroyo (2014), Brandão (1993), Coelho (2013), Freire (2015), Abramo (1997), Dayrell (2007), Melucci (2007), Pais (1990), entre outros. Os resultados apontaram que os jovens vivenciam os processos de educação social promovidos pelos mais velhos numa transmissão natural das tradições culturais, sobretudo, o Samba de Cumbuca, no qual promovem atividades com foco no fortalecimento da identidade racial, afrodescendente e quilombola. Contudo, a pesquisa apontou que a educação escolar, inclusive na disciplina de Sociologia, mantém-se distanciada da realidade dos jovens dos quilombos, sem articulação com as experiências educativas vivenciadas por eles no cotidiano da Comunidade.

Palavras-chave: Juventude. Identidade. Quilombo. Educação social. Ensino de Sociologia.

ABSTRACT

The process of building the Afrodescendant identity of quilombola youth is crossed by challenges, among them, the historical forgetfulness of quilombos after abolition, the attempts to erase the stories and conceal the contributions of their social group, as well as the stigmas attributed to them during and after the colonization process, which reduce them to a condition of inferiority. In this research, I deal with the construction of the identity of young people from the Quilombola Salinas Community (PI), with the intention of investigating the contributions of social educations promoted by the Community, especially by the Samba cultural traditions group of Cumbuca, and school education, through the discipline of Sociology in high school, in the formation of racial identity. Its general objective is to analyze the construction of the identity of the Afrodescendant youth of Quilombo Salinas from social education, mainly promoted by the Group of Cultural Traditions Samba de Cumbuca and the education from the perspective of sociology teaching. Regarding the methodology, this is a qualitative approach, with field research, using semi-structured interviews, virtual communication and documents. The participants were young members of the Group of Cultural Traditions Samba de Cumbuca, who study in any high school grade, as well as teachers of the discipline of Sociology and leaders of cultural groups and social projects of said Community. To understand our object of study and the issues that involve it, we used the studies of Cunha Jr (2005), Fanon (2008), Moura (1981, 1987, 1988), Munanga (2005), Nascimento (1978), Almeida (1996, 2011), Fiabani (2012), Leite (2000), Lima (2005, 2017), Goffman (2004), Hall (2001, 2003), Carneiro (2014), Brandão (1993), Coelho (2013), Freire (2015), Abramo (1997), Dayrell (2007), Melucci (2007), Parents (1990), among others. The results showed that young people experience the processes of social education promoted by older people in a natural transmission of cultural traditions, especially the Samba de Cumbuca, in which they promote activities focused on strengthening racial identity, Afrodescendant and quilombola. However, the research pointed out that school education, including in the discipline of Sociology, remains distant from the reality of young people from quilombos, without articulation with the educational experiences experienced by them in the daily life of the Community.

Keywords: Youth. Identity. Quilombo. Social education. Sociology teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADCT	Ato das Disposições Constitucionais Transitórias
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CEB	Câmara de Educação Básica
CECOQ/PI	Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí
CETI	Centro Estadual de Tempo Integral
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
DEM	Democratas
DMTE	Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino
CNE	Conselho Nacional de Educação
FCP	Fundação Cultural Palmares
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IN	Instrução Normativa
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
INRC	Inventário Nacional de Referências Culturais
IPHAN	Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDO	Lei de Diretrizes Orçamentárias
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MinC	Ministério da Cultura
OMC	Ordem do Mérito Cultural Brasileiro
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
PDT	Partido Democrático dos Trabalhadores
PFL	Partido da Frente Liberal
PMDB	Partido do Movimento Democrático Trabalhista
PT	Partido dos Trabalhadores
UAB	Universidade Aberta do Brasil
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UEVA	Universidade Estadual Vale do Acaraú
UFPI	Universidade Federal do Piauí

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Marcos Vinicius Ferreira	20
Figura 02 – Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor	20
Figura 03 – Cleane Pereira da Silva	21
Figura 04 – Jamilly Galdina Sobreira	22
Figura 05 – Geovana Galdina Sobreira	22
Figura 06 – Artur Galdino Damasceno	23
Figura 07 – Cláudia Galdino Ferreira	23
Figura 08 – Primeira Fábrica de Laticínios do Nordeste	45
Figura 09 – Vista Panorâmica da Comunidade Quilombola Salinas	46
Figura 10 – I Centro Cultural de Economia Quilombola	48
Figura 11 – Museu Quilombola	48
Figura 12 – Logomarca do Projeto Ponto de Cultura “Cumbuca de Quilombo”	53
Figura 13 – Reisado da Comunidade Quilombola Salinas.....	55
Figura 14 – Grupo Capoeira de Quilombo	56
Figura 15 – Logomarca e Folder do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo	56
Figura 16 – Coleção Moda Afro no Quilombo	58
Figura 17 – Oficina de Corte e Costura do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo ...	59
Figura 18 – Grupo de Produção de Artesanato	59
Figura 19 – Artesanato com Cabaças (Bonecas Dona Cumbuca)	60
Figura 20 – Imagens de Cabaças (Cuia e Cumbuca)	64
Figura 21 – Logomarca do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca	65
Figura 22 – Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca	66
Figura 23 – Participantes do Projeto Sambinha de Cumbuca “Minha Identidade”	73
Figura 24 – Condecoração da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro – OMC	86

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – População afrodescendente do Brasil, do Piauí e de Campinas do Piauí - 2000/2010	37
--	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Percurso metodológico	15
1.1.1 Caracterização da pesquisa	15
1.1.2 Campo de pesquisa	18
1.1.3 Perfil e identificação dos colaboradores	19
2 COMUNIDADES QUILOMBOLAS, AFRODESCENDÊNCIA E IDENTIDADES.	28
2.1 A construção histórico-social dos quilombos como espaço de resistência.....	28
2.2 Afrodescendência e identidade	37
2.3 Comunidade Quilombola Salinas no cenário dos quilombos do Piauí	45
3 AS EDUCAÇÃO SOCIAIS NA COMUNIDADE SALINAS E A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS JOVENS.....	51
3.1 As educação sociais na Comunidade Salinas: vivência e transmissão das tradições e saberes articulados com a organização política	51
3.2 Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e o seu papel na construção da identidade afrodescendente dos jovens da Comunidade Salinas	65
3.3 O papel social dos jovens nos quilombos e os desafios dos jovens de Salinas na construção de sua identidade racial e quilombola	82
4 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO	93
4.1 O ensino de Sociologia no ensino médio e sua trajetória marcada por intermitências e resistências	93
4.2 Educação/educações, Sociologia e afrodescendência	95
4.3 O ensino de Sociologia nas escolas de ensino médio e o contexto social dos jovens do Quilombo Salinas	99
4.4 Proposta de material didático no ensino de Sociologia: vídeo documentário	107
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	115
APÊNDICES	120
ANEXOS	159

1 INTRODUÇÃO

Nenhum estudo surge do acaso, mas sim da existência de algumas circunstâncias. A escolha do tema e o enfoque dado à pesquisa emergem de experiências pessoais, inquietações, problemas encontrados ao longo do caminho, pois existe sempre uma história anterior quando protagonizamos situações que nos instigam, acontecimentos que nos fazem partir em busca de uma compreensão. O desejo de captar a compreensão do real nos transforma em pesquisadores e nos conduz à escolha do melhor caminho. Neste trabalho, na linha de pesquisa Juventude e Questões Contemporâneas do PROFSOCIO, trato da construção da identidade de jovens da Comunidade Quilombola Salinas, localizada no estado do Piauí, com a pretensão de investigar as contribuições das educações sociais, sobretudo, a promovida pelo Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, e da educação escolar, por meio da disciplina de Sociologia no ensino médio, na formação da identidade racial.

Estudar como se configura o processo de construção da identidade afrodescendente da juventude da Comunidade Quilombola Salinas, tendo como foco as educações sociais e escolar é complexo, devido os desafios enfrentados pela referida juventude no bojo de seu ethos identitário e as implicações no cotidiano. Entre os desafios, destacam-se o esquecimento histórico dos quilombos após a abolição, as tentativas de apagamento das histórias e contribuições dos afrodescendentes e os estigmas a eles atribuídos durante e depois do processo de colonização, que os reduzem a uma condição de inferioridade.

A Comunidade Quilombola Salinas localiza-se no município de Campinas do Piauí, distante 414 km da capital Teresina-PI e integra o conjunto das 77 comunidades quilombolas do Piauí já certificadas pela Fundação Cultural Palmares – FCP¹. Teve sua origem a partir de escravizados fugitivos da fazenda Formiga, no município de Simplício Mendes-PI, possui 117 famílias e tem como um dos seus elementos o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, manifestação cultural que atravessa a existência da Comunidade, sendo mantida e repassada às gerações através da oralidade e exerce grande influência na formação da identidade afrodescendente, devido ter relação com a ancestralidade africana.

Assim, o grupo social desses jovens, teve uma trajetória marcada pelo genocídio (NASCIMENTO, 1978), epistemicídio (SANTOS, 2010), pela discriminação e inferiorização,

¹É uma entidade pública vinculada ao Ministério da Cultura, instituída pela Lei Federal nº 7.668, de 22/08/1988, objetivando promover e preservar os valores culturais, históricos, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira.

semelhante à realidade de outras comunidades originadas de afrodescendentes escravizados que, usados nas atividades produtivas da colonização, carregam até hoje, “além do estigma da discriminação racial, as marcas do empobrecimento provocado pela ausência do seu reconhecimento como cidadãos de direitos” (COELHO, 2013, p. 30), convivendo ainda hoje com os genocídios que afetam a população afrodescendente, sobretudo, os jovens. Dados do IBGE apontam que a taxa de homicídio entre pessoas pretas ou pardas aumentou de 37,2 para 43,4 mortes para cada 100 mil habitantes, no período de 2012 a 2017. E essa taxa é mais alta ainda entre os jovens pretos e pardos de 15 a 29 anos, chegando a 98,5 de para cada 100 mil jovens, nesse mesmo período (BRASIL/IBGE, 2019).

Neste entorno, os jovens da Comunidade Salinas formam sua identidade dentro do seu grupo social, que foi maciçamente suprimido, sistematicamente desonrado e incessantemente negado (HALL, 2003), herdando, portanto, os estigmas (GOFFMAN, 2004), gerando um complexo de inferioridade e uma autoimagem depreciativa e certo trauma psicológico na alma (FANON, 2008), que lhes dificulta a construção de uma autoimagem positiva. Dessa forma, a construção da identidade dessa juventude se dá via resistências que atravessaram e continuam atravessando as existências ameaçadas dos afrodescendentes, desde o processo de colonização, que forçou o quilombamento como estratégia de enfrentamento ao sistema escravista.

Contudo, essas questões raciais e suas consequências não foram tratadas (e ainda não são) como carecem ser. Isso se deve, em parte, à forma como nosso olhar foi colonizado para não analisar historicamente as relações sociais, sobretudo, quando se trata das relações raciais. A percepção dessas relações perpassa por uma reeducação do nosso olhar, pelo conhecimento dos processos históricos e sociais que permeiam a tessitura da sociedade brasileira.

Nesta pesquisa, o contato com o objeto pretendido iniciou-se a partir do meu envolvimento com a referida Comunidade, no ano de 2003, quando supervisora da rede estadual de ensino, no município de Campinas do Piauí, respondendo, dentre outras demandas, pelo sistema de ensino médio na modalidade TELESSALAS², na Comunidade Quilombola. No ano de 2004, interagi com o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, buscando compreender a problemática social da Comunidade. O Samba de Cumbuca é a mais importante expressão cultural da referida Comunidade, uma mistura de dança e canto, em que um grupo, formado por homens e mulheres, dança ao som de canções, acompanhadas por instrumentos musicais como o tambor de couro e a cabaça, uma espécie de casco ovoide do fruto de uma planta bastante cultivada desde as origens dos quilombos.

² Salas de aula com televisão e videocassete onde os alunos assistem as aulas na televisão e os professores elaboram atividades.

Em 2005, atuei como diretora do Núcleo de Educação Profissional Arnaldo Ferreira de Carvalho, projeto piloto do governo do estado do Piauí, no município de Simplício Mendes, distante 15 km da Comunidade Quilombola Salinas, que visava ofertar cursos profissionalizantes de curta duração, tendo como carro-chefe, o curso de informática, em que se ofertou uma turma na Comunidade Salinas para as crianças do Projeto Ponto de Cultura, Sambinha de Cumbuca “Minha identidade”.

Em 2008, já coordenadora do Polo de Apoio Presencial UAB Antônio de Moura Fé, do Sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB³, participei, na condição de parceira, do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo, financiado pela Empresa Brasileira de Petróleo S.A – Petrobras, através do programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania, que visava promover o fortalecimento da identidade afro-brasileira, a diversificação produtiva e a comercialização do artesanato quilombola, gerando trabalho e renda para a juventude, da referida Comunidade.

No período de 2009 a 2012, como vereadora em Campinas do Piauí, destinei emendas na Lei de Diretrizes Orçamentárias – LDO para que, em todos os eventos culturais do município o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca tivesse participação efetiva nas diversas apresentações, com o recebimento de pró-labore, intencionando fomentar e valorizar as tradições culturais da Comunidade. Em outra emenda parlamentar, propus a inclusão do Grupo Capoeira de Quilombo como atividade sociocultural, uma vez que os capoeiristas atuavam sem incentivo financeiro, apenas como voluntários. Infelizmente, como acontece em grande parte do país, após a finalização do mandato, não houve continuidade desses projetos.

No ano de 2014, tornei-me diretora adjunta do Núcleo de Educação a Distância – NEAD/UESPI⁴, continuando, assim, dentro do mesmo Sistema, agora a nível estadual, ocasião em que trabalhei na articulação da oferta de 07 cursos de graduação em 35 municípios e 13 cursos de pós-graduação em 15 municípios, dentre eles, o de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira⁵.

Nos anos de 2016 e 2017, como professora substituta do Departamento de Métodos e Técnicas de Educação – DMTE da Universidade Federal do Piauí – UFPI, ministrei a

³ Programa do Governo Federal, que tem por objetivo democratizar o acesso ao ensino superior.

⁴ Uma das Instituição de Ensino Superior -IES do Estado, que integra e articula o Sistema UAB.

⁵ Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira que tem como objetivo geral, contribuir para a efetivação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/96, nos seus artigos 26A e 79B, que preconizam a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana na educação básica.

disciplina Metodologias e Contexto da Ação Pedagógica⁶, desenvolvi pesquisa com os meus alunos na Comunidade Quilombola de Salinas, em virtude da Petrobras ter exigido a presença de um pedagogo social para acompanhar o Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo. O resultado dessa pesquisa foi apresentado no V Encontro Internacional de Literaturas, Histórias e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas – África Brasil – 2017, evento anual oferecido pela UESPI, com o título “A Pedagogia Social e o Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo: vivências na Comunidade Salinas de Campinas do Piauí”.

Essas e outras atividades marcaram minha trajetória pessoal e profissional, como cidadã, professora, gestora e até mesmo como agente política e pública⁷, no contexto da vida, da docência, da gestão e da política pública, em que vivenciei práticas contraditórias veiculadas em diferentes discursos, principalmente quanto aos questionamentos acerca das especificidades inerentes ao processo de construção da identidade da juventude afrodescendente, sobretudo, como sujeito histórico, social e político.

Dessas práticas contraditórias, uma das mais marcantes na trajetória pessoal, no início da minha escolaridade, aos 10 anos de idade, foi minha participação em um desfile comemorativo do Sete de Setembro, no qual havia uma representação simbolizando o ato da abolição da escravatura, em que a Princesa Isabel, representada por mim, desfilava ao centro de duas outras crianças: ao meu lado direito, um colega de sala, um menino negro, originado de quilombo (mesmo ainda não tendo sido reconhecida oficialmente na época), representando um negro escravizado com as mãos acorrentadas; ao meu lado esquerdo, um menino com trajes indígenas. Já os destaques e coreografias, em geral, eram representados pelos alunos provenientes de famílias mais abastardas da cidade, para quem eram reservados os papéis de Dom Pedro II; da Imperatriz Teresa Cristina; e outras figuras consideradas ilustres do Brasil Império. No fatídico dia “a princesa Isabel” atuaria de heroína nacional, na praça pública, sendo aclamada pelo povo ao remover as correntes das mãos do negro escravizado. Naquele instante, algo saiu fora do ensinado e ensaiado; não foram apenas as correntes que a criança travestida de princesa Isabel retirou das mãos do seu colega de classe, mas toda uma indignação, um misto de raiva e revolta em saber que pessoas foram submetidas à escravidão de forma tão cruel. Senti algo errado ali, mas não sabia exatamente o quê.

⁶ Metodologias e Contexto da Ação Pedagógica, disciplina curricular, que estuda e pesquisa a atuação do pedagogo fora do contexto escolar, especialmente no contexto social, empresarial e hospitalar, desta forma, no campo da pedagogia social.

⁷ Militante política por dez anos, chegando ao cargo de vereadora no mandato 2009-2012, tendo sido eleita em primeiro lugar.

Tais inquietações e dúvidas não cabiam nos livros que a escola adotava e não me foram supridas no ambiente familiar. Através da escola, foi impossível compreender tais fatos, porque sempre prevaleceu o eurocentrismo, os valores dos que contaram a história, anulando os valores do povo afrodescendente. Hoje, compreendo que a escola tende a se silenciar quanto à cultura e à história dos afrodescendentes, aos elementos constituidores das africanidades, aos traços nítidos e vivos da cultura africana no cotidiano dos quilombos (COELHO, 2013). Logo, era compreensível que eu ainda criança, com o contato apenas com a escola colonialista, entendesse o que ocorria.

Ainda durante a infância, percebi que as crianças vindas do interior, principalmente das comunidades negras (quilombolas) para estudar na cidade, sofriam inúmeras formas de discriminação por parte dos colegas, o que hoje chamam de “bullying”, mas era racismo. O preconceito racial era expresso por apelidos pejorativos, fato ainda possível de se escutar na região, como “os negos da Salinas” ou “esses negos da Volta do Morro⁸” de forma depreciativa e preconceituosa. Todavia, o que mais me incomodava era o silêncio dos professores diante de tais comportamentos. Era nítida a indiferença do sistema educacional com as crianças provenientes de classes populares e afrodescendentes.

Em 2004, como candidata a prefeita do município de Campinas do Piauí, militei junto ao senhor Pequeno, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município e presidente do PT, com que meu partido PDT se aliou. Foi nessa ocasião que me aproximei, ainda mais, da Comunidade Quilombola de Salinas, em que um dos candidatos a vereador e meu amigo, Josué, morava na referida Comunidade. Mesmo não tendo sido eleita⁹, continuei um trabalho junto às comunidades rurais, entre elas, a Comunidade Quilombola Salinas, tendo oportunidade de perceber que além de outras questões, havia a racial.

Sentia necessidade de uma discussão mais política sobre as causas do racismo e possíveis caminhos para a sua superação. Ao desenvolver um contato maior com os jovens da dessa Comunidade, entre eles, Débora (in memoriam) e Marcos Vinicius, percebi a consciência de pertencimento ao grupo social afrodescendente e de luta para o enfrentamento aos racismos e reivindicação dos direitos sociais historicamente negados a esse grupo. Após

⁸ Comunidade Quilombola que possui 147 famílias, também pertencente ao município de Campinas do Piauí, na qual existe um grupo de tradições culturais que tocam e dançam outro tipo de Samba de Cumbuca com um toque mais acelerado. Segundo o IPHAN, só existe o Samba de Cumbuca nessas duas comunidades, Salinas e Volta do Morro, mas mesmo nas duas comunidades, o Samba de Cumbuca tem suas especificidades e distinções.

⁹Obtive 1.273 votos num total de 3.701 votos válidos, alcançando a maioria de votos em urnas da zona rural, dentre elas, a Comunidade Quilombola de Salinas.

coordenar minha campanha eleitoral, Débora, tornou-se presidente do partido, do qual fui eleita vereadora (pleito 2009-2012). O outro jovem, Marcos Vinicius Ferreira, é militante do movimento negro, coordenador cultural das comunidades quilombolas do estado do Piauí e um dos principais responsáveis pelo início das mobilizações para a ressignificação da Comunidade Quilombola Salinas e sua certificação pela Fundação Palmares, fatos que deram visibilidade às tradições culturais da Comunidade, sobretudo, o Samba de Cumbuca.

Todos esses fatos me fizeram colocar em questão o que aprendi historicamente nos bancos escolares e na vida social: afrodescendentes como um povo fraco, que foi violentamente escravizado, por isso mesmo clamava por justiça social e que dependia de outros para se libertar. Os relatos sobre o povo afrodescendente que sempre ouvia eram semelhantes aos que Coelho (2013) rememora: “eles não tiveram culpa de nascer negro”, “sofrimento foi grande”, “o nosso papa já pediu perdão pela Igreja que na época apoiou a escravidão”, “ainda bem que houve a abolição”. Porém, a luta dos afrodescendentes para dismantelar o sistema escravista, seus feitos e valores ficavam silenciados, fazendo com que posturas racistas não tenham se modificado no plano das relações interpessoais e no institucional.

Sobre os jovens do Quilombo Salinas, há um conjunto de elementos a considerar, como a reconfiguração dos quilombos por meio da reorganização do movimento quilombola, nas últimas décadas, visando à recuperação dos seus territórios dos quais foram expropriados; à reanimação da ancestralidade para o fortalecimento dos seus laços de pertencimento afrodescendentes e das lutas pela continuidade de suas existências (COELHO, 2013).

Nesse sentido, os jovens vêm protagonizando atividades sócio-reivindicatórias para acessarem os direitos garantidos pela legislação, provenientes das lutas. Ao que parece, as mobilizações para a reorganização dessas lutas têm como elementos estratégicos, as tradições culturais, entre elas, o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, a de maior destaque, em que os adultos interagem com os jovens, fortalecendo os elementos culturais, reanimando a ancestralidade e refazendo os laços de pertencimento ao grupo social afrodescendente. Todas essas atividades são práticas educativas geradoras de saberes tanto para o fortalecimento das lutas quanto para o enfrentamento do racismo e reafirmação da identidade racial positiva, chamadas por Gohn (2010) de educação não-formal¹⁰, mas que

¹⁰Segunda a autora e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas (2008).

preferimos chamá-las de educação social, porque o termo “não-formal” sugere algo sem forma, que pode ser interpretada como de menos valia.

A minha inquietação principal aqui é se essas educações (BRANDÃO, 1993), que fazem parte do cotidiano de lutas desses jovens, são acolhidas, consideradas e valorizadas no espaço escolar, sobretudo, no ensino da Sociologia, necessário ao “exercício da cidadania” (BRASIL, 1996) e como esses jovens se transformam, recriam e organizam suas lutas por direitos sociais, mobilizados pelo movimento cotidiano de preservação das tradições culturais, que tem como centro o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca. Como espaço de realização das Ciências Sociais no ensino médio, a Sociologia pode oferecer ao aluno, além de informações acerca do campo desta ciência, resultados de pesquisas mais diversas que acabam modificando concepções de mundo, de economia, de sociedade, do outro, ou seja, do diferente, de outra cultura, tribo, país, etc. (BRASIL, 2006). Essa inquietação vem de algumas questões pontuadas por Moura (1988) que denuncia a existência histórica de estudos permeados de preconceitos sobre os afrodescendentes, como estudos de Sociologia e outros componentes curriculares, tratando os afrodescendentes como pessoas passivas e sem autoria e os quilombos de forma depreciativa e equivocada.

Nesse sentido, ao formular este estudo no esteio da Sociologia, ciência facilitadora do desenvolvimento de habilidades necessárias para a reflexão crítica e a argumentação, pretendo observar e compreender as relações, os fenômenos e as ações sociais, contribuindo com a emancipação das pessoas em sociedade. Assim sendo, intensifico o meu interesse em investigar as contribuições das educações sociais, protagonizadas por espaços sociais dentro e fora da comum idade, e escolar, por meio da Sociologia na formação da identidade racial, considerando os processos históricos de inferiorização que imprimiram um conjunto de estigmas à população afrodescendente.

Este trabalho é um desejo bem anterior ao meu ingresso neste Mestrado. Significa a escrita de parte de uma trajetória vivida e sentida, que me afetou desde a compreensão da importância de contribuir para dar visibilidade às muitas histórias do povo afrodescendente quilombolas que há séculos existe e resiste na referida região, cujas contribuições valiosas foram e são ignoradas por parte da sociedade como também pelo poder público. É uma escrita engajada, apesar do estranhamento devido eu não ser uma pesquisadora considerada afrodescendente nos aspectos do pertencimento ao grupo dos quilombos, que lutam secularmente contra os racismos. Inclusive, tem sido questionada quando exponho meu objeto de estudo, porque há uma ideia de que as questões raciais e quilombola interessam tão somente aos afrodescendentes e quilombolas.

Talvez, por isso, a permanência da contradição racismo e democracia racial encontre terreno fértil para se atualizar, aspecto que problematizo nas reflexões teóricas, inspirada principalmente em Munanga (2005, p. 16), o qual pontua que “o resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra, destacando que “interessa também os alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas.” Munanga (2005) conclama a todos a conhecer a “memória coletiva e da história da comunidade negra” para a superação dos racismos e recontar a história dos afrodescendentes, que foi contada a partir da ótica dos colonizadores.

Logo, apesar de eu não ter esse pertencimento racial e quilombola, às vezes mencionado por algumas pessoas ao estranhar minha escolha temática, fui afetada pelo que vi, senti e vivi no contato com a Comunidade Quilombola Salinas, porque entendo que uma pessoa que pesquisa não pode ignorar ou negar seu lugar na experiência humana (FAVRET-SAADA, 1990), por isso não me considero apenas uma pesquisadora que foi observar uma realidade, para registrá-la de forma neutra, mas obtive informações sem evitar me afetar com as experiências vividas e sentidas para registrar não apenas impressões minhas sobre a questão pesquisada, mas ser a pessoa que optou por registrar e fazer ecoar as vozes fortes que acumulam, atualizam e ressignificam seus saberes secularmente na região.

O contato com essa realidade através da vivência carecia de uma base teórica para compreender a amplitude desses fenômenos sociais para além de suas contingências manifestadas particularmente, o que me foi proporcionado pelo curso de Mestrado PROFSOCIO/UEVA. Por não ser algo que se apresente de forma desvelada, sem qualquer mediação, a realidade também exige um estudo amplo de autores e pesquisadores para ser compreendida. Destaco aqui neste trajeto as disciplinas de Tópicos Especiais em Juventude e Questões Contemporâneas 60h (ministrada pela professora Isabel Linhares); Metodologia do Ensino de Sociologia 60h (ministrada pela professora Diocleide Lima) e Metodologia de Ensino 60h (ministrada pela professora Isaurora Freitas), bem como pela minha participação, ainda que por pouco tempo, no Grupo de Estudo e Pesquisa sobre Culturas Juvenis (GEPECJU – UEVA), o que contribuiu sobremaneira no meu desenvolvimento pessoal, pude organizar na minha cabeça, a partir da ótica de novas teorias que me foram apresentadas.

Dado o exposto, este estudo tem como questão central: Quais as contribuições das educações social e escolar, por meio da Sociologia, na construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas? E como questões norteadoras: Quais as formas de educação social presentes na Comunidade e sua relação com a educação escolar na disciplina

de Sociologia? Qual o papel do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca na construção da identidade afrodescendente dos jovens? Como se caracterizam as práticas de ensino de Sociologia e como elas influenciam na formação da identidade racial dos jovens do Quilombo Salinas?

Assim, o objetivo geral analisar a construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas a partir da educação social e da educação escolar na perspectiva do ensino de Sociologia. E como objetivos específicos: i) evidenciar as formas de educação social presentes na Comunidade e sua relação com a educação escolar na disciplina de Sociologia; ii) compreender as influências do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca na construção da identidade afrodescendente dos jovens; iii) descrever as práticas da educação escolar no ensino de Sociologia do ensino médio e sua influência na formação da identidade racial dos jovens do Quilombo Salinas; iv) identificar os desafios enfrentados pela juventude quilombola de Salinas na construção de sua identidade, considerando as educações sociais e a educação escolar no âmbito da Sociologia; v) produzir, a partir da pesquisa, um documentário a ser usado na disciplina de Sociologia nas escolas da região, destinado a trabalhar as questões étnico-raciais, envolvendo os saberes da Comunidade.

A relevância desta pesquisa relaciona-se a três aspectos que considero fundamentais: o primeiro, a visibilidade do legado histórico e social da Comunidade Quilombola Salinas, que serve de referência e tem sido importante para a manutenção da identidade afrodescendente no âmbito da educação social, através do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca; o segundo, o preenchimento de uma lacuna no campo dos estudos afrodescendentes sobre a referida Comunidade; e o terceiro, as reflexões que podem provocar acerca do tratamento dado às questões étnico-raciais na disciplina Sociologia no ensino médio e, consequentemente, um redirecionamento no sentido de abranger aspectos negligenciados, considerando o produto técnico (documentário) que vamos produzir para este fim.

A escolha da perspectiva teórica implica na escolha também da terminologia. Por isso, o termo afrodescendente será utilizado para comportar elementos históricos e sociológicos que dizem respeito a um povo, “que tem um passado histórico no continente africano e continuam sua história no Brasil” (CUNHA JÚNIOR, 2005, APUD COELHO, 2013, p. 58). Entendemos que a terminologia “negro” não faz alusão à ascendência, às origens históricas africanas, mas às experiências diaspóricas da escravidão.

Para a compreensão do nosso objeto de pesquisa e das questões que o envolvem, recorreremos aos estudos de Cunha Jr (2005), Fanon (2008), Moura (1988), Munanga (2005), Nascimento (1978), que problematizam as questões inerentes a afrodescendência e os

processos históricos geradores dos racismos e das barreiras sociais impostas aos afrodescendentes; de Almeida (1996, 2011), Fiabani (2012), Leite (2000), Moura (1981, 1987, 1988), tratando dos quilombos do passado e do presente; de Goffman (2004), Hall (2001, 2003), Carneiro (2005), Cunha Jr (2005), que discutem estigma e identidade, enfocando, no caso do último autor, a inferiorização e coisificação atribuída aos afrodescendentes como elementos que dificultam a construção da autoimagem positiva e a inserção social dos afrodescendentes no conjunto da sociedade brasileira; de Arroyo (2014), Brandão (1993), Coelho (2013), Freire (1995), Gohn (2008, 2010), que discutem os processos educativos escolares e não escolares e suas implicações na formação dos grupos sociais; Abramo (1997), Dayrell (2007), Melucci (2007), Pais (1990) e Bourdieu (1983) fazendo abordagem sobre as juventudes e seus papéis sociais, considerando as diferentes perspectivas de estudos; de Coelho (2013), destacando os dilemas e o papel transformador de jovens quilombolas; de Freitas (2009, 2015), com abordagem acerca do jovem rural, seus dilemas e projetos de vida e sua inserção nos espaços educativos; de Moraes (2010) e Oliveira (2011), discutindo o papel da Sociologia e sua inserção no currículo escolar, destacando as intermitências que atravessam seu processo de implantação no currículo escolar no Brasil.

1.1 Percurso Metodológico

O desenvolvimento do percurso metodológico da pesquisa se insere na abordagem e natureza qualitativa tendo em vista a proposição do estudo e, por considerar, o fenômeno acerca do Samba de Cumbuca e a construção da identidade da juventude Quilombola da Comunidade Salinas ser permeado de subjetividades. Quanto ao tipo, adotei a pesquisa de campo; e, como dispositivo de produção dos dados empíricos, foram utilizadas as entrevistas semiestruturadas com perguntas abertas e fechadas com os colaboradores. Foi realizada também uma análise de pesquisa documental. Os colaboradores da pesquisa foram integrantes jovens do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, que estudam em qualquer série do ensino médio, bem como professores da disciplina de Sociologia e educadores sociais/lideranças dos grupos culturais e projetos sociais da referida Comunidade.

1.1.1 Caracterização da Pesquisa

A definição da metodologia de pesquisa a ser empregada no desenvolvimento de um trabalho acadêmico “deve permitir a coleta de dados e a análise das informações na forma mais racional possível, a fim de economizar esforços, recursos financeiros e tempo” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109). Com o intuito de responder os questionamentos, escolhi trabalhar com a pesquisa narrativa caracterizada por uma abordagem qualitativa para entender a natureza de um fenômeno social, buscando trabalhar com a subjetividade, concepções valores e crenças que orientam as ações humanas, pois “a superioridade do método que fornece uma compreensão profunda de certos fenômenos sociais apoiados no pressuposto da maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas sociais” (HAGUETTE, 2010, p. 59).

Dessa forma, este estudo é de caráter descritivo-analítico e interpretativo, que se insere nos parâmetros da pesquisa qualitativa, justamente porque “[...] exige que o mundo seja examinado com a ideia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer o nosso objeto de estudo” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 49).

Nesse sentido, busquei conhecer determinados aspectos da realidade da juventude do Quilombo Salinas a partir das compreensões expressas pelos sujeitos da pesquisa, que são quatro jovens nativos da referida Comunidade, estudantes do ensino médio das escolas circunvizinhas e integrantes do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, na faixa etária de 15 a 29 anos, bem como dois professores que atuam no ensino de Sociologia no âmbito do ensino médio, com mais de três anos de magistério e três educadores sociais, agentes/coordenadores do Grupo de Tradições Samba de Cumbuca e da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências.

O tipo de pesquisa que considero adequada para a investigação do nosso objeto foi a participante que, segundo Haguette consiste “como um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica” (2010, p.66), que exige imparcialidade e veracidade na captação dos levantamentos dos dados. Ainda na perspectiva da autora,

O papel do observador participante pode ser tanto formal como informal, encoberto ou revelado, o observador pode dispensar muito ou pouco tempo na situação da pesquisa; o papel do observador participante pode ser uma parte integrante da estrutura social, ou ser simplesmente periférica com relação a ela (p. 67).

O meu envolvimento em projetos na Comunidade remonta há cerca de dezesseis anos e enquadra-se no contexto do observador participante integrante da estrutura social, ao mesmo tempo, como alguém que “é de fora e de dentro”, simultaneamente.

Conforme André (1995) esse tipo de pesquisa busca a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. Assim, embora o pesquisador esteja inserido no referido lócus da pesquisa, emergirão novas nuances da realidade observada, tendo em vista a dinâmica dos processos sociais que são mutáveis e nunca estáticos.

Para colher as informações adotei a entrevista. Quanto à entrevista, é por ser uma técnica de pesquisa que privilegia a obtenção de informações através da fala individual, a qual revela condições estruturais, sistemas de valores, normas e símbolos e transmite, através de um porta-voz, representações de determinados grupos (MINAYO, 1993). Adotei o tipo semiestruturada, que, na compreensão de Moreira; Caleffe (2006), consiste na busca de informações sobre uma realidade social, a partir das falas dos sujeitos, os quais, estimulados por um roteiro de entrevista expõe suas experiências de vida e opiniões sobre os fatos da vida cotidiana, numa interação dinâmica com o pesquisador. A pretensão é provocar as falas, através de um “diálogo aberto com o outro e, não apenas, um controle sistemático da fala de um outro, segundo os usos de meus interesses científicos “sobre” o outro e “através” do outro” (BRANDÃO, 1933, p.92).

Em referência à análise documental, consiste na captação da riqueza de informações contidas nos documentos, a partir do olhar analítico e crítico do pesquisador, que incidirá o foco para atender os objetivos pretendidos. O bojo de informações extraídas durante a análise tem justificado seu uso em várias áreas das ciências humanas e sociais, possibilitando o aprofundamento dos objetos estudados ou pesquisados, uma vez que:

O documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente (CELLARD, 2008, p. 295).

Nesse sentido, os documentos analisados no lócus da pesquisa foram: nas escolas, o projeto político-pedagógico e o livro didático adotado na disciplina Sociologia. Na Comunidade, o Contrato do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo e outros documentos

referentes aos demais projetos desenvolvidos na e pela Comunidade, valorizando a dimensão do tempo e a compreensão do social. Portanto, a análise documental permite a observação dos processos evolutivos dos indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros. (CELLARD, 2008).

Além dessas fontes, utilizei a fotografia como mecanismo de captação e representação da realidade social, numa perspectiva estática, embora possibilite uma leitura e análise dinâmica de uma dada realidade, pois na esfera conceitual,

A fotografia é um recorte do real. Primeiramente, um corte no fluxo do tempo real, o congelamento de um instante separado da sucessão dos acontecimentos. Em segundo lugar, ela é um fragmento escolhido pelo fotógrafo pela seleção do tema, dos sujeitos, do entorno, do enquadramento, do sentido, da luminosidade, da forma etc. Em terceiro lugar, transforma o tridimensional em bidimensional, reduz a gama das cores e simula a profundidade do campo de visão. (MONTEIRO, 2006, p. 12).

Diante disso, as imagens são ambíguas e passíveis de múltiplas interpretações, dependendo da inferência do pesquisador. Por outro lado, a fotografia se insere com a pesquisa e com as incursões científicas, uma vez que ora se apresenta como fonte de dados, ora como objeto de pesquisa, podendo ser utilizada como instrumento e resultado, de acordo com os objetivos da análise (SANTOS, 2000). Assim, auxilia na ativação da memória resgatando histórias e momentos vividos pessoais e coletivos. Notadamente, seu valor epistêmico sobressai enquanto imagem, ou seja, as informações contidas trazem leituras diversas sobre o mundo (SANTOS, 2000). Parte das imagens foi utilizada no vídeo documentário para auxiliar na recomposição das memórias trazidas nas falas dos participantes sobre as atividades de formação social, sobretudo, as culturais, bem como atividades produtivas, que aparecem de forma articuladas.

Outro aspecto que facilitou o acesso às informações e que contribuiu para a complementação dos dados à medida que a pesquisa avançava foi a comunicação virtual, via redes sociais (mensagem de WhatsApp), bem como trocas de e-mails.

1.1.2 Campo da pesquisa

O campo da pesquisa foi a Comunidade Quilombola Salinas, distante 414 km da capital Teresina-PI, não demarcando um espaço físico devido os sujeitos estarem em

movimento. Além de duas escolas públicas estaduais que ofertam o ensino médio, uma de Campinas do Piauí, na qual será denominada “Ominira”, que significa liberdade, em Iorubá¹¹, situada a 12 km da Comunidade Quilombola Salinas. A outra escola, do município de Simplício Mendes-PI, localizada a 15 km da referida Comunidade, será chamada de Ayô, que significa alegria em Iorubá. A seleção das escolas deu-se em função da proximidade com a Comunidade que não possui oferta de ensino médio e, por outro lado, serem as únicas que promovem o ensino secundário no âmbito dos supracitados municípios. A utilização de codinomes para as escolas dá-se em função da preservação da identidade das instituições.

1.1.3 Perfil e identificação dos colaboradores:

A pesquisa tem como participantes quatro jovens da Comunidade Salinas, com faixa etária de 15 a 29 anos, que estudam em escolas de ensino médio no entorno da Comunidade e que fazem parte do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca. Três educadores sociais e agentes/coordenadores do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências. Duas professoras, que ministram a disciplina de Sociologia no ensino médio nas escolas públicas estaduais pesquisadas. Essas escolas foram escolhidas por serem as únicas que ofertam o ensino médio nos referidos municípios e que acolhem os jovens do Quilombo Salinas, com experiência docente de mais de três anos.

As identidades dos colaboradores da Comunidade Quilombola de Salinas foram reveladas considerando o desejo deles de terem visibilidade, uma vez que historicamente foram silenciados. Nesse sentido, considero relevante apresentar sucintamente uma descrição dos colaboradores da pesquisa, evidenciando aspectos significativos para a compreensão do corpus analíticos da pesquisa. Ressalto que todos os participantes assinaram um Termo de Autorização de Uso de Imagem (APÊNDICE C).

i) Educadores Sociais - Agentes/Coordenadores:

¹¹Também grafado Yorubá. É um idioma africano nigero-congolês muito usado em ritos religiosos afro-brasileiros, tendo sido oficializado no Brasil como patrimônio imaterial nos estados do Rio de Janeiro e na Bahia.

01. Marcos Vinícius Ferreira tem 40 anos, é educador social, coordenador cultural das Comunidades Quilombolas do estado do Piauí, presidente da Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e do Grupo Capoeira de Quilombo, militante do Movimento Negro. Gosta de ser reconhecido com Nêgo Vina. Segundo ele, o primeiro quilombola iniciado no candomblé no estado do Piauí. Foi professor substituto na escola da Comunidade, ministrando as disciplinas de história, geografia e ciências no período de 2002 a 2004. Foi membro do Conselho Nacional de Cultura nos anos de 2015 a 2017. Conseguiu efetivar o reconhecimento de Salinas como uma Comunidade Quilombola, além de estar sempre à frente de todos os demais projetos que visam proteger, resgatar e ressignificar a identidade do povo afrodescendente. Atualmente ocupa também o cargo de secretário municipal de cultura na cidade de Campinas do Piauí.

Figura 01- Marcos Vinicius Ferreira



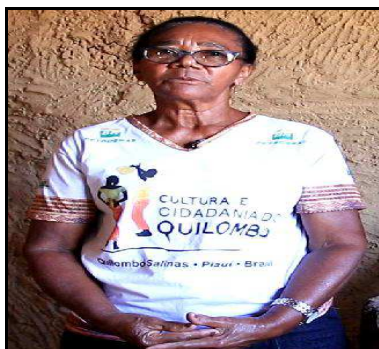
Fonte: Arquivo da Pesquisadora

02. Maria Florentina Pereira dos Santos (Dona Maria Flor), 70 anos, memória viva da Comunidade, educadora social, líder e principal articuladora do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e do Reisado na Comunidade Quilombola de Salinas. Poetisa, musicista, é também um ícone na Comunidade, uma verdadeiro Griô¹².

¹²Também grafado Griot, com a forma feminina Griote, é o indivíduo que na África Ocidental tem por vocação preservar e transmitir as histórias, conhecimentos, canções e mitos do seu povo. São contadores de histórias e em alguns casos músicos.

Iniciou sua participação no Samba de Cumbuca e no Reisado aos 11 anos de idade quando se apresentava com o grupo na Comunidade de Salinas e em todo o seu entorno como a Nêga de Fogo, um dos brinquedos do Reisado.

Figura 02- Maria Florentina Pereira dos Santos



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

03. Cleane Pereira da Silva tem 31 anos, agricultora familiar, educadora social, coordenadora administrativa da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca. É mestre em capoeira e participa do Grupo Capoeira de Quilombo. Ocupa atualmente, também, o cargo de coordenadora de projetos na Secretaria Municipal de Cultura, na cidade de Campinas do Piauí. Atuou de 2011 a 2018 como coordenadora da CECOQ-PI – Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do estado do Piauí e, concomitante, coordenadora da pasta de juventude e cultura da CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas.

Figura 03 – Cleane Pereira da Silva



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

ii) Alunos do ensino médio e integrantes do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca

04. Jamilly Galdina Sobreira, tem 17 anos, residente na Comunidade Salinas. Cursa atualmente o 2º ano do ensino médio na cidade de Simplício Mendes. É integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e do Grupo Capoeira de Quilombo. Nas horas vagas, ajuda os pais nas atividades casa e na agricultura familiar.

Figura 04 – Jamilly Galdina Sobreira



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

05. Geovana Galdino Sobreira, tem 15 anos, mora na Comunidade Salinas, estudante do 1º ano do ensino médio, na cidade de Campinas do Piauí. Integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e do Grupo de Capoeira de Quilombo. Nas horas vagas ajuda os pais nas atividades de casa e na agricultura familiar.

Figura 05 – Geovana Galdina Sobreira



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

06. Artur Galdino Damasceno, 18 anos de idade, residente da Comunidade Quilombola Salinas. Cursa o 1º ano do ensino médio, no município de Simplício Mendes-PI. Trabalha como gari de forma temporária na Comunidade Quilombola de Salinas e ajuda seus avós na agricultura familiar. É integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e do Grupo Capoeira de Quilombo.

Figura 06 – Artur Galdino Damasceno



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

07. Claudia Galdino Ferreira, mora na Comunidade Quilombola Salinas, tem 27 anos de idade, trabalhadora rural, solteira, tem duas filhas e concluiu o ensino médio no ano de 2019 na cidade de Campinas do Piauí. Integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, participou de várias oficinas do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo como artesanato, pintura e arte em cabaça, dentre outras.

Figura 07– Claudia Galdino Ferreira



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

iii) professores de Sociologia do ensino médio

Quanto aos colaboradores/professores são apresentados através de codinomes como garantia do anonimato. São nomes de origem africana e representam: Anaya – olhar para Deus e Chinara – Deus pode receber.

08. Professora “Anaya” ministra a disciplina de Sociologia na Escola “Ayô”, de ensino médio do município de Simplício Mendes-PI. Tem 37 anos de idade e autodeclara branca. É graduada em Licenciatura Plena em Letras/Espanhol e pós-graduada em Letras Espanhol. Possui oito anos de experiência no magistério, sendo dois deles no ensino da disciplina de Sociologia no ensino médio.

09. Professora “Chinara”, ministra a disciplina de Sociologia na Escola “Ominira” de ensino médio, na cidade de Campinas do Piauí. Tem 45 anos e se autodeclara preta. É graduada em Licenciatura Plena em Normal Superior e pós-graduada em docência nos

anos iniciais do ensino fundamental das populações de campo e carcerária na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. Possui vinte e dois anos de experiência no magistério, sendo dez deles com a disciplina de Sociologia no ensino médio.

Para a análise dos dados, foram definidas as categorias, considerando os objetivos geral e específicos: formas de educações sociais presentes no Quilombo Salinas, Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca; práticas de educação escolar no ensino de Sociologia; e desafios enfrentados pelos jovens na formação da identidade.

Comentado [NLM1]: Creio que ficou faltando algo aqui antes dos marcadores

- As lutas sociais e as atividades comunitárias como espaços educativos para a formação da identidade afrodescendente e quilombola dos jovens.
- O Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca: elemento das tradições culturais central na mobilização dos jovens para a ressignificação do Quilombo Salinas e espaço de formação, fortalecimento do pertencimento à ancestralidade afrodescendente.
- O ensino de Sociologia nas escolas de ensino médio e sua relação com o contexto social dos jovens do Quilombo Salinas.
- Quais desafios enfrentados pela juventude quilombola de Salinas na construção de sua identidade, considerando as educações sociais e a educação escolar no âmbito da Sociologia?

Parte dos resultados desta pesquisa foi apresentado em forma de documentário, organizado considerando aspectos descritos nesta seção, para atendimento dos objetivos a que me propus. O documentário servirá como proposta de material didático a ser utilizado nas escolas, sobretudo, nas aulas de Sociologia do ensino médio, bem como nas atividades de educação social, realizadas na Comunidade.

A abordagem está estruturada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, apresento uma discussão sobre juventudes e afrodescendência com foco na identidade e quilombos, destacando a Comunidade Quilombola Salinas no cenário dos quilombos no Piauí e o papel social da juventude nos quilombos. No segundo, discorro sobre os aspectos referentes às formulações acerca do ensino de Sociologia no ensino médio e sua trajetória na educação brasileira, bem como evidencio a importância do debate das concepções de educação/educações no âmbito da disciplina de Sociologia e seu

papel nas relações sociorraciais e na construção da identidade afrodescendente. No terceiro, exponho os resultados e análises a partir das categorias selecionadas. Nas considerações finais delineio os resultados da pesquisa a partir dos objetivos propostos, retomando aspectos relevantes do estudo.

COMUNIDADES QUILOMBOLAS, AFRODESCENDÊNCIA E IDENTIDADES



Grupo de Tradições Culturais Samba da Cumbuca

2 COMUNIDADES QUILOMBOLAS, AFRODESCENDÊNCIA E IDENTIDADES

*“[...]E durante toda essa trajetória a gente vai construindo algumas identidades ou várias identidades que leva a gente a chegar onde a gente está hoje.”
(Marcos Vinicius Ferreira, Comunidade Quilombola de Salinas)*

Neste capítulo, apresento as discussões teóricas acerca das questões inerentes à compreensão dos quilombos e seus processos históricos, territorialidade e ressignificação no contexto das políticas públicas. Como desdobramento da discussão, evidencio questões pertinentes à temática quilombo, como as implicações derivadas de (pré) conceitos que subjazem à realidade propriamente dita, os racismos geradores dos estigmas que imprimem a condição de inferioridade nos afrodescendentes, bem como ênfase às contribuições valiosas dos afrodescendentes na construção da sociedade brasileira, as lutas e, no seio delas, os processos educativos necessários para o enfrentamento aos racismos, o acesso ao direito e à constituição da identidade. Dentro da discussão, apresento algumas questões relevantes sobre Comunidade Quilombola Salinas no cenário dos quilombos do Piauí

2.1 A construção histórico-social dos quilombos como espaço de resistência

O quilombo, como fenômeno social e histórico, possui em sua etimologia, uma definição complexa, significando “toda habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles” (MOURA, 1981, p.16). Definição essa baseada em uma carta do Conselho Ultramarino enviada ao rei de Portugal no ano de 1740, o que fortaleceu uma ideia dos quilombos ligados ao passado, isolados da sociedade brasileira e mais próximos de uma natureza “selvagem” (BRASIL, 2007), eram também sempre ligados a escravidão ou a fuga.

Todavia, sua constituição se deu através de diferentes processos, que vão desde as ocupações das terras livres até as heranças, as doações da terra por serviços prestados ao Estado e a compra de terra (BRASIL, 2007). Os quilombos, ao longo da história, foram se constituindo na medida em que estabeleceram relações com a sociedade ao seu redor,

fortalecendo práticas de resistência e manutenção dos seus modos de vida em cada lugar de sua formação. Assim, outro conceito diz respeito, “comunidades rurais (e urbanas) que se auto definem como quilombolas pela sua ancestralidade africana, pelo alto grau de relação de parentesco existente no território e na expressão da identidade coletiva mantida através dos tempos (BRASIL, 2007).

No Brasil, os quilombos surgiram como cenário de resistência e organização do povo afrodescendente, que foram historicamente sequestrados de sua terra natal e escravizados durante o período colonial, passando pelo processo diaspórico por meio da escravidão que durou três séculos e meio, impondo duras condições de existência aos trabalhadores escravizados.

Conforme cita Mendes (2013), os quilombos foram também denominados de mocambos, terra de pretos, comunidades negras rurais, comunidades de terreiro, terras de herança, terras de santo. São grupos étnicos, rurais ou urbanos, predominantemente, constituídos pela população negra, que se auto definem como tal a partir das relações com a terra, o parentesco, o território, a ancestralidade, as tradições e práticas culturais próprias (INCRA, 2010).

Esses quilombos de tamanhos e estruturas variadas funcionavam em sua grande maioria como elemento de sublevação ao aparelho repressor do Estado, na figura de dominação militar, ideológico e político que o desumanizava como ser (MOURA, 1987, p. 24). Clóvis Moura, pesquisador e sociólogo piauiense, contribui significativamente para as discussões em torno das questões dos movimentos quilombolas, evidenciando a resistência, bem como as reações de revoltas, gestadas a partir desses movimentos. O quilombo, para ele, representa a continuidade do processo de libertação e luta de classes em busca de objetivos maiores, como liberdade e igualdade. Destacou que a estrutura social brasileira “ainda é entravada no seu dinamismo em diversos níveis pelo grau de influência que as antigas relações escravistas exerceram no seu contexto” (Idem, p. 13).

O desvelamento do objeto desse estudo exige a compreensão de alguns elementos do contexto mais geral no qual está entrelaçado. Isso se justifica porque não é possível investigar a formação da identidade dos jovens do Quilombo Salinas sem o conhecimento de questões relevantes sobre a ocupação dos territórios quilombolas, as quais “perpassam pela releitura cuidadosa de um passado histórico escravista, marcado pela colonização dos povos nativos e afrodescendentes” (COELHO, 2013).

A discussão da identidade afrodescendente desses jovens está associada às existências e resistências dos seus ancestrais, que foram forçados a criar estratégias de

sobrevivência ao regime escravista a que foram submetidos por séculos e que adquiriu configurações diferentes em relação a outros países e regiões da América. Aqui no Brasil, o escravismo foi marcado por muitas tensões e se deu de forma intensa, com genocídio, antes e pós-abolição, de forma que “o negro foi condenado à periferia da sociedade de classes, como se não pertencesse a ordem legal”, sendo exposto a “um extermínio moral e cultural, que teve sequelas econômicas e demográficas (FERNANDES, 1978, p. 21), cujos reflexos afetam até hoje as existências dos povos afrodescendentes, aquilombados ou não.

O período de duração desse sistema oficial de escravidão no país decorre em quase quatrocentos anos, 1530-1888, em que “o Brasil realizou uma política de liquidação sistemática do africano” submetendo-o ao um “linchamento social”, a todas as formas de marginalização, “por meio de vários mecanismos bem definidos de opressão e de extermínio” (NASCIMENTO, 1978, p.59), presentes ainda hoje e naturalizados por setores da sociedade.

De forma que a quantidade de africanos importados até 1850 denuncia a criação de uma sociedade escravista que se estabiliza e desenvolve-se por meio da mão de obra barata e pela expansão demográfica advinda do continente africano, percorrendo toda a extensão territorial brasileira. A partir de então, o Brasil emerge como uma das primeiras nações do Novo Mundo a planejar e organizar o escravismo e o último a debelar, uma vez que foi em território nacional que desembarcou o maior número de africanos para a prestação de serviço do sistema colonizador e escravista (FIABANI, 2012).

O relacionamento erigido entre o escravizador em situação de opressor e o escravizado oprimido pautava-se na concepção de paternalismo, em meio ao controle, violência, resistência e, sobretudo, oposição. Destaca-se que a resistência significou o reduto da contradição social, de luta de classes, em que o negro oprimido de forma (in) consciente e inconformado com a exploração exacerbada diante de sua força de trabalho, criou diversos mecanismos de resistências, como fugas, suicídios, assassinatos, guerrilhas, insurreições urbanas e quilombos, este último, constituindo o mais representativo, pois é necessário a compreensão do fenômeno quilombola para, a partir dele, o entendimento da dimensão do processo de escravidão no Brasil colonial, destacando a relevância social e política da luta dos escravizados, sobretudo, dos quilombolas, que para além de uma análise incipiente da perspectiva historiográfica, significou um espaço de lutas e resistência em busca de um processo de humanização, enquanto sujeitos históricos coletivos que atuaram na dinâmica social, criando atitudes de negação, silenciamento e invisibilidade ao sistema escravista opressor. (MOURA, 1981).

Isto posto, o escravizado não constituiu objeto passivo como é apresentado, no âmbito de muitos estudos, como em Freyre (1963), implementados no país, que via os afrodescendentes como escravos submissos, negando, assim, a sua resistência ao escravismo. No entanto, os estudos de Moura (1988) e Nascimento (1978) mostram o contrário, dando conta de que os afrodescendentes desenvolveram uma conduta ativa em defesa de sua interioridade humana, portanto, não foram os escravos “testemunhos mudos de uma história para a qual não existem senão como uma espécie de instrumento passivo”, apesar da condição imposta de inferioridade e desumanidade, pois emergiu como força de transformação social (MOURA, 1987).

Portanto, a partir dessa busca por transformação social, surgiram os quilombos como cenário de contradições e resistências, significando a construção de um novo modelo de vida social. Entretanto, a sociedade escravista sempre considerou os quilombolas como ladrões, salteadores e vagabundos. Tais ajuntamentos ganharam proporções vultosas sinalizando revolta e protesto do negro escravo mediante as condições desumanas e alienantes a que eram submetidos. Na perspectiva de Moura (Idem, p.13) a quilombagem no país “eram frutos das contradições estruturais do sistema escravista e refletiam, na sua dinâmica, em nível de conflito social, a negação desse sistema por parte dos oprimidos”, assim, a presença dos quilombos permeou todo o período escravista com extensão em todo território nacional.

Diante dessa expansão, medidas governamentais, como leis e decretos foram promulgadas no intuito de conter o crescimento e constituição dos quilombos, como o Alvará de 07 de março de 1741, que designou a permissão para “ferrar (ferro em brasa), com um F na testa (fujão) todo negro que fugisse e fosse encontrado em quilombo, e cortar uma orelha em caso de reincidência.” (Idem, p. 20). O alvará consistia em:

Eu El-Rey faço saber aos que este Alvará em forma de lei virem: que sendo-me presente, os insultos que no Brasil cometem os escravos fugidos a que vulgarmente chamam de calhambolas, passando a fazer excesso de se juntar em quilombos e sendo preciso acudir com os remédios que evitem esta desordem, hei por bem que a todos os negros, que forem achados em quilombos, estando neles voluntariamente, se lhes ponha com fogo, uma marca em uma espádua com a letra F, - que para este efeito haverá nas Câmaras, e se quando se for executar essa pena for achado já com a mesma marca, se lhe cortará uma orelha; tudo por simples mandado do Juiz de Fora, ou Ordinário da terra, ou do Ouvidor da Comarca, sem processo algum e só pela notoriedade do fato, logo que do quilombo for trazido antes de entrar para Cadeia; [...] (MOURA, 1997, P. 20).

A respeito disso, outras medidas de caráter repressivo, impulsionadas pelos anseios e receios da sociedade escravista foram criadas, como “vários mecanismos de defesa contra

esses levantes e fugas, mecanismos que vão da estruturação de uma legislação repressiva, violenta à criação de milícias, capitães-do-mato”, e ainda, “ao estabelecimento de todo um arsenal de instrumentos de tortura” (MOURA, 1981, p.11). Nesse sentido, a permissão para tortura e perseguição dos escravos derivava da compreensão de que o corpo do escravo se equiparava ao dos animais, pois eram violentados, mutilados e espancados, chegando até a morte. Tal repressão do aparelho estatal escravista de dominação militar, ideológico e político que desumanizava o escravo como ser, só poderia ser combatido por meio do “espírito de rebeldia, da luta e da reelaboração de comunidades livres, ele conseguia a sua reumanização”. (MOURA, 1987, p.23). Por conseguinte, os instrumentos de resistência, sobretudo os quilombos, eram uma forma de contestação da situação de penúria e crueldade a que estavam imersos e não a criação de um “projeto de nova ordenação social, capaz de substituir o escravismo, em contrapartida, tinha potencial e dinamismo capazes de desgastá-lo e criar elementos de crise permanente em sua estrutura’, isto é, “o quilombo teria ajudado a corroer as bases do escravismo”. (FIABANNI, 2012, p. 190).

A estrutura organizacional dos quilombos possuía diversas configurações, sendo pequenos, maiores, porém, visava o mesmo intento, a fuga do sistema escravista. Em face da necessidade de subsistência, normalmente os quilombos reproduziam internamente o potencial econômico da região, principalmente a agricultura, tendo em vista a tradição agrícola de origem africana, apesar de não haver uma uniformidade no tocante aos modelos econômicos para cada quilombo, a depender das características intrínsecas da área de localização do quilombo, de acordo com possibilidades ecológicas e as disponibilidades de matéria prima.

Havia necessidade de uma organização estrutural de poder visando dirigir e proteger o quilombo, que não era apenas um aglomerado sem forma, mas seus membros possuíam papéis específicos a serem desempenhados nas várias funções e atribuições que emergiram no novo cenário, perspectivando manter a harmonia, a ordem e a proteção contra as invasões iminentes a que estavam sujeitos, além de “criar formas de organização familiar, religiosa e, especialmente econômica” (MOURA, 1987, p.35).

Os impactos e implicações que o fenômeno quilombola provocou na sociedade e suas representações sociais, modificando o modo de viver, o surgimento de outras atividades (capitães do mato), mudanças na legislação, inquietações e demandas do sistema político social, permeiam de forma desafiante e complexa as lutas que se constituem em um processo inacabado de construção de identidade do povo brasileiro.

O século XXI configura-se num cenário de inquietações e inseguranças na compreensão acerca da territorialidade quilombola que culmina no resgate do processo histórico escravista, demarcado pela colonização de povos nativos e afrodescendentes em determinados espaços geográficos solidamente constituídos. No bojo das formulações do contexto histórico da trajetória de constituição dos quilombos emerge a necessidade de revisitação dos aspectos relevantes que resultaram em seu surgimento, ensejando análise de sua configuração dentro da perspectiva histórica passada a partir das interpretações que se erigiram no decorrer dos séculos até os dias atuais. Segundo Clóvis Moura (1988, p.17), “os estudos sobre o negro brasileiro, nos diversos aspectos, têm sido mediados por preconceitos acadêmicos, de um lado comprometidos com a pretensa imparcialidade científica, e, de outro, por uma ideologia racista racionalizada”, mostram-se relevantes, haja vista, possibilitar o desvelamento de circunstâncias preconceituosas subjacentes à produção acadêmica.

Segundo Moura (1981), as formulações teóricas sobre a escravidão, até bem pouco tempo, eram relativamente baixas no que concerne ao papel dos afrodescendentes escravizados como atores do processo contraditório de lutas que caracterizaram o sistema escravocrata. Nessa perspectiva, conforme análise do autor essas produções refletiam a ideologia colonizadora eurocêntrica, pois, com sua literatura, contribuíram para reforçar estereótipos sobre os afrodescendentes que até hoje povoam o inconsciente do povo brasileiro, tornando difícil a percepção da luta permanente por cidadania.

O Brasil, por constituir parte da América, inserido na “zona colonial”, imerso nesse processo de colonização, por ter suas terras litorâneas ocupadas, em grande medida pelos lusitanos (zona metropolitana) que “eliminaram, escravizaram ou assimilaram as populações nativas; impuseram economia escravista e latifundiária voltada à produção de mercadorias” (FIABANI, 2012, p. 7) que utilizaram diversos instrumentos perspectivando o controle e a consolidação do processo de dominação social, cultural e política. Tal postura ensejou implantar o percurso de escravismos colonial, levado a efeito por mais de três séculos e “regeu a sociedade brasileira, impondo duríssimas condições de existência aos trabalhadores escravizados, primeiro, americanos, a seguir, africanos e afrodescendentes”. (FIABANI, 2012, p. 7). Isso reflete o descompasso entre história oficial e não-oficial. A priori erigida pela classe dominante, por considerar os afrodescendentes somente como objetos, apresentados mormente como sendo sem cultura, sem alma, culpados por suas próprias dificuldades.

Essa abordagem eurocêntrica infligiu aos afrodescendentes uma condenação social cerceadora da sua participação político-cultural, o que contribuiu para solidificação da escravidão atrelada a pensamento racista impregnados no imaginário popular, um conceito de

impotência social, transmitida pelas tradições sociais e culturais no viés da linguagem, que, configurou como instrumento potencializador do referido processo de colonização, pois afirma que “existe na posse da linguagem uma extraordinária potência” (FANON, 2008, p. 34). Desta forma, os colonizadores, constituídos em opressores potenciais usurparam os bens materiais, praticando o colonialismo epistemológico, no entendimento do autor, significando um epistemicídio (SANTOS, 2010), quando por meio da ciência parte da verdade foi suprimida culminando com a anulação do ser que os transformou em seres sem voz, sem conhecimento, sobretudo sem capacidade de conduzir suas vidas em meio ao contexto vivido, resultando na ideia do escravismo humano, em que o afrodescendente incorporaria aspectos de passividade, tolerância à própria escravidão, contrapondo-se ao falso conceito dos senhores bondosos e escravos submissos, fato que mascarou os conflitos e contradições entre as relações escravizados e escravizadores.

Exemplo disso foram as reações de homens e mulheres afrodescendentes escravizados. Mesmo não tendo o mesmo destaque nas escritas sobre quilombos, as mulheres quilombolas do passado e do presente, tiveram e continuam tendo participação ativa tanto como manutenção das tradições, como na organização política e defesa dos direitos quilombolas, a exemplo de Esperança Garcia, símbolo dessa luta que se projetou no cenário histórico de lutas da mulher negra piauiense, como escravizada na Fazenda Algodões, no município de Oeiras, situado a 120 km da Comunidade de Salinas. Sua ousadia e coragem culminou com a escrita de uma carta enviada ao então governador da Província, Gonçalo Lourenço Botelho de Castro, em 06 de setembro de 1770, na qual denunciava os maus-tratos de que era vítima, juntamente com os seus filhos e companheiros. No acervo do Arquivo Público do Piauí, possui uma cópia da referida carta, sendo que o original se encontra em Portugal (MENDES, 2013), descrita a seguir:

Eu sou uma escrava de V.S.a administração de Capitão Antônio Vieira de Couto, casada. Desde que o Capitão lá foi administrar, que me tirou da Fazenda dos Algodões, aonde vivia com meu marido, para ser cozinheira de sua casa, onde nela passo tão mal. A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho nem, sendo uma criança que lhe fez extrair sangue pela boca; em mim não poço explicar que sou um colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo, peada, por misericórdia de Deus escapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confessar a três anos. E uma criança minha e duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S. pelo amor de Deus e do seu valimento, ponha aos olhos em mim, ordenando ao Procurador que mande para a fazenda aonde ele me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha. De V.Sa. sua escrava, Esperança Garcia.

A carta reflete a realidade do sistema escravista, significando uma manifestação da resistência afrodescendente e a desmitificação da história oficial na qual aponta que no Piauí a relação escravocrata era branda, passiva e pacífica. Diante da repercussão das reivindicações de Esperança Garcia, sendo a carta descoberta apenas em 1979, pelo historiador Luiz Mott, em sua homenagem no Piauí, foi instituído em 1998, o dia 06 de setembro, como o dia Estadual da Consciência Negra. Em decorrência disso, no ano de 2017, a Ordem dos Advogados do Brasil – OAB concedeu a Esperança Garcia, o título de primeira mulher advogada do Piauí, tendo no mesmo ano, publicado o livro “Dossiê Esperança Garcia: símbolo de resistência na luta pelo direito” (OAB, 2017).

Portanto, a tese de uma escravidão humanista de uma convivência harmônica colide frontalmente com o surgimento dos quilombos, haja vista que estes constituíram instrumentos de resistência no sentido de romper drasticamente com a condição de escravizados como salienta Moura (1987, p.13), pois, “no Brasil, como nos demais países onde o escravismo moderno existiu, a revolta do negro escravo se manifestou”, através, “do assassinato dos senhores, dos capitães do mato, do suicídio, das fugas individuais e coletivas, das guerrilhas e das insurreições urbanas” (Idem, p.14), considerando assim, o quilombo como espaço de lutas e busca pela igualdade social.

O termo quilombo, de origem, bantu, significou habitação de negros fugidos que “se formaram pelas fugas que aconteciam porque o trabalhador escravizado não aceitava a apreensão e a exploração de sua força de trabalho, que resultavam em duras condições de existência, do ponto de vista material e espiritual” (FIABANI, 2012, p.417), uma vez que significava uma ameaça constante ao sistema escravista, pois ultrapassaram barreiras e, ao mesmo tempo, “proliferaram como sinal de protesto do negro escravo às condições desumanas e alienadas a que estavam sujeitos” (MOURA, 1987, p.11), delineando “sua presença durante todo o período escravista e existiu praticamente em toda a extensão do território nacional” (Idem, p. 13).

O espaço geográfico não representou o aspecto decisivo para o desenvolvimento dos quilombos, mas, principalmente o elemento humano, dominado, explorado e privado de seus direitos mais essenciais. Nesse sentido, os fugitivos eram conscientes da itinerância de seus quilombos, uma vez que ensejar um local fixo constituiria utopia, pois eram perseguidos pelos capitães do mato por longo período. Os afrodescendentes escravizados tiveram suas vidas marcadas por conflitos e instabilidades no decurso de sua trajetória de resistência durante muito tempo.

O quilombo é considerado fenômeno social e histórico subjacente à escravidão, a partir do seu surgimento constituiu-se foco de estudos analíticos e interpretativos. A baixa produção de pesquisas arqueológicas mais abrangentes, limita o fomento, em certa medida, de novos estudos que possam favorecer uma perspectiva mais ampla da relevância dos quilombos, além disso, “a relatos de viajantes, a documentação administrativa civil e, sobretudo, a relatórios das forças civis e militares, que se empenharam a destruí-las” (FIABANI, 2012, p.37). Apesar disso, tem-se buscado discutir a temática tendo como parâmetro certa bibliografia que aborda questões relativas ao quilombo sob diferentes prismas, dentre eles Clóvis Moura (1981, 1987 e 1988), Fiabani (2012), Coelho (2013), Lima (2002, 2017) e outros.

Para além dos espectros teóricos que embasam os estudos acerca dos quilombos merece destaque a contribuição de Clóvis Moura que enfatizou os ditames da sociedade escravista brasileira, naturalmente composta por duas classes, senhores e das pessoas em situação de escravidão, em busca de rompimento com o sistema e provocação de mudanças, uma vez que:

não é estática. Ela se dinamiza nos seus diferentes níveis, sem o que não haveria mudanças. Na sociedade escravista o escravo, pela sua posição no espaço social, para dinamizá-la tem que negá-la, já que não lhe oferecem as possibilidades de ascensão capaz de modificá-la. Essa necessidade é que leva o escravo a se organizar em movimentos ou grupos de negação ao sistema (MOURA, 1981, 11).

Os estudos sobre quilombo, na perspectiva dos autores comprometidos com a colonização, a partir dos quais se formaram as representações preconceituosas sobre afrodescendentes e quilombos tiveram uma releitura crítica por Moura (1988), Nascimento (1978), entre outros, provocando uma série de estudos posteriores. Tais estudos fortaleceram as lutas, que forçaram o Estado brasileiro a criar leis e outros dispositivos específicos, como o Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT da Constituição de 1988, que foi criado com o objetivo de regularizar a posse das terras das comunidades negras ou remanescentes de quilombos; o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que regulamenta “o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias”; e a Instrução Normativa (IN) nº57, de 20 de novembro de 2009, que instancionalizou o referido Decreto de nº 4.887/2003, atribuindo ao Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA essa

responsabilidade, entre outras. Além disso, desenvolver políticas públicas para os povos quilombolas.

Segundo o Artigo 68 do ADCT, quem tem direito as terras quilombolas são os “remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 1988). E de acordo com o Art. 2º do Decreto 4.887/2003.

Comentado [NLM2]: Nessa parte tem um sombreamento não consegui tirar

Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de auto atribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Como critério de definição das pessoas ocupantes das terras quilombolas, o referido Decreto, no parágrafo 1º, determina que seja mediante autodefinição da própria comunidade, ou seja, o processo de afirmação e pertencimento do grupo étnico, levando em conta sua ancestralidade, cultura e o contexto histórico-social. E quanto ao termo quilombo, o parágrafo 2º define que “ são terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos as utilizadas para a garantia de sua reprodução física, social, econômica e cultural”, na medida em que a posse das terras dá-se mediante o tempo de fixação do povo no determinado espaço geográfico, na maioria das vezes conquistas oriundas de conflitos travados intensamente no desenvolvimento das tradições quilombolas.

Nesse cenário, os quilombos passam a ter mais visibilidades e outras configurações, mantendo o seu caráter permanente de unidade de resistência para o enfrentamento aos racismos e às novas colonizações. Ademais, perspectivou um reconhecimento formalizado dos direitos adquiridos pelos quilombolas resultantes de um significado sócio-histórico e político que garantiu além do simples direito à propriedade, uma dívida histórica, a superação do racismo e a busca de reconstruir um mundo mais justo e igualitário para todas as etnias.

2.2 Afrodescendência e identidade

Os dados do IBGE/BRASIL (2010) apontam que o Brasil é um país cuja população se declara, predominantemente, afrodescendente. De 2000 para 2010 houve um crescimento

significativo do número de pessoas que se declararam pretas ou pardas, classificadas, segundo o IBGE, como negras. Em 2000, esse percentual foi de 44,69%, passando a 50,74% em 2010. Mas em 1890 essa população atingiu seu índice maior, 56%, sofrendo um decréscimo significativo em 1940, ficando em 35% (THEODORO, 2008). As oscilações dessas estatísticas foram variadas e estiveram relacionadas às tentativas de apagamento da afrodescendência do tecido da sociedade brasileira, forjadas pelas políticas racistas de branqueamento, implantadas, oficialmente pelo país, mediante critérios eurocêntricos e etnocêntricos (COELHO, 2013). Tais critérios tiveram como base o pensamento eurocentrado, a partir do qual se atribuíam aos afrodescendentes as razões do atraso econômico, ao mesmo tempo em que o governo brasileiro estimulou a entrada de imigrantes europeus, reconhecendo neles as capacidades para desenvolver o país do ponto de vista social e econômico (THEODORO, 2008).

Quadro 1 - População afrodescendente do Brasil, do Piauí e de Campinas do Piauí - 2000/2010

Região	Brasil		Nordeste		Piauí		Campinas do Piauí	
Ano	2000	2010	2000	2010	2000	2010	2000	2010
Branca	53,77%	47,73%	32,90%	29,18%	26,47%	24,23%	20,23%	21,84%
Preta	6,22%	7,61%	7,70%	9,45%	7,75%	9,29%	14,23%	16,64%
Parda	38,47%	43,13%	58,00%	59,78%	64,59%	64,25%	64,79%	57,02%
Outras	1,55%	1,52%	0,50%	1,60%	0,28%	2,23%	0,00%	4,47%
Afrodescendente	44,69%	50,74%	65,70%	69,22%	72,34%	73,54%	79,02%	73,66%
Total	100,01%	99,99%	99,10%	100,00%	99,09%	100,00%	99,25%	99,97%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2000/2010

O quadro 1 atesta que, no tocante à população declarada branca, na classificação do IBGE, apresentou redução em referência ao nível nacional, estadual, mas em Campinas do Piauí, onde está localizada a Comunidade Quilombola Salinas, houve um acréscimo de mais de 1%. Ainda em Campinas do Piauí, o número de pessoas que se declaram na categoria de cor preta aumentou, do mesmo modo, em âmbito regional e nacional. Para os de cor parda, houve um acréscimo no cenário nacional e regional, sofrendo diminuição no Piauí e em Campinas do Piauí. Nesse sentido, empreendendo análise quanto às pessoas declaradas pretas e pardas serem consideradas afrodescendentes, percebemos um crescente aumento nesta categoria, sobretudo em Campinas do Piauí.

Isso significa que desde a sua chegada no Brasil, que se deu forçosamente, a população afrodescendente sofre ataques às suas identidades (SANTOS, 2007), como as

tentativas de apagamento dos seus traços identitários tanto no que diz respeito aos aspectos físicos como também culturais e religiosos. Entretanto, figura no estado do Piauí situação inversa na medida em que houve um acréscimo, embora tímido, vindo da população negra na referida cidade.

Nessa perspectiva, consideramos relevante o fato de que o povo africano, imerso em solo brasileiro na condição de escravo, significou quase totalidade da força de trabalho no cenário colonial, segundo assevera Cunha Júnior (2005, p. 249) “africanos e afrodescendentes constituíram a massa trabalhadora durante todo o período da colonização brasileira, trazendo em sua bagagem cultural, histórica e pragmática por meio de uma variedade de conhecimentos que contribuíram significativamente para o desenvolvimento do país nos aspectos econômicos, culturais, fenomenológicos, sócio-políticos, conforme corroboram pesquisadores da área, como Moura (1988) e Nascimento (1978).

Embora as contribuições dos africanos e afrodescendentes na formação do povo brasileiro tenham sido diversas e proeminentes, há uma tentativa de aniquilamento por meio do “aparelho ideológico bem arquitetado” de tornar sem efeito, ou mesmo excluir do bojo da história oficial o legado relevante advindo do continente africano. Para além da inferiorização do negro e da banalização de sua prerrogativa enquanto sujeito ativo na edificação histórica e cultural das riquezas brasileiras, alguns autores como Moura (1988) posicionaram-se contrários a essa concepção, valorizando e reconhecendo a contribuição significativa que os afrodescendentes facultaram a nossa nação, inclusive traços marcantes de seu processo identitário, pois no Brasil, emerge o princípio da autodeclaração, significando que a pessoa decide no enquadramento da categoria étnica que lhe aprouver, consoante os traços étnicos que considera possuir. Entretanto, esse processo autodeclarativo não pode ser feito a partir do nada, mas deve ser balizado em uma consciência política dessa autodeclaração. Na perspectiva do antropólogo Kabengele Munanga, esse processo acontece mediante o reconhecimento de que:

Identidade étnica racial negra. A questão é saber se todos têm consciência do conteúdo político dessas expressões e evitam cair no biologismo, pensando que os negros produzem cultura e identidades negras como as laranjeiras produzem laranjas e as mangueiras produzem mangas. Esta identidade política é uma identidade unificadora em busca de propostas transformadoras da realidade do negro no Brasil. Ela se opõe a uma outra identidade unificadora proposta pela ideologia dominante, ou seja, a identidade mestiça, que além de buscar a unidade nacional visa também a legitimação da chamada democracia racial brasileira e a conservação do status quo (MUNANGA, 2003 p. 15).

Com base nas formulações do autor, é possível perceber que a construção da identidade produzida pelos afrodescendentes foge ao paradigma do biologismo, na medida em que seus processos identitários são diversos, idiossincráticos e subjetivos, ou seja, esta identidade enseja a transformação da realidade no negro no Brasil, rompendo com a concepção de identidade unificadora subjacente ao discurso da ideologia dominante. Nesse sentido, o tema identidade tem sido discutido de modo abrangente por diversos autores, e em particular, o desenvolvimento da identidade afrodescendente.

A teoria da identidade cultural na pós-modernidade proposta por Hall (2001) delimita o foco nas categorias de raça e etnia, a partir das formulações no espectro do racismo biológico marcadores como a cor da pele, pensando a “negritude” como fundamento e signo de maior proximidade dos afrodescendentes, que, injustamente adquirem status de preguiçosos e indolentes, faltando-lhes a capacidade intelectual de ordem mais elevada, seja no esteio da emoção ou da razão. Nesse sentido, os estigmatizados por razões étnicas, por serem “culturalmente diferentes” (considerando o padrão eurocêntrico que se impôs superior) e, inferiores em virtude dos aspectos físicos e cor da pele, resultam do estranhamento inicial que acarreta uma série de percepções negativas e equivocadas, como propugna Goffman:

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável [...]. Assim deixamos de considerá-la criatura comum e total, reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande [...], (1975, p. 12).

Segundo Hall (2001), a crise na pós-modernidade, tendo como referência as mudanças estruturais que fragmentam e desconstroem as identidades culturais de classe, etnia, raça, nacionalidade e gênero, abala as ideias de sujeitos integrados. Isso significa a perda de um “sentido de si mesmo”, a priori estável, denominado pelo autor como deslocamento ou descentração do sujeito. Essa concepção de descentração dos sujeitos representa o “nascimento e morte do sujeito moderno”, pois, o autor trata da morte do sujeito cartesiano no âmbito das estruturas do sujeito moderno destacando esses descentramentos, uma vez que suas ideias descrevem deslocamentos do sujeito por meio de uma série de rupturas nos discursos e antagonismos do conhecimento moderno e pós-moderno.

Dessa forma, as sociedades tardias são caracterizadas pelas diferenças, constituídas em posições, visões, antagonismos e, sobretudo, diferentes identidades. Tais sociedades não

se desintegram totalmente, mas se articulam. Entretanto, sua estrutura permanece aberta. Esse deslocamento de identidades possui aspectos positivos, uma vez que desarticula as estáveis do passado e abre novas possibilidades para outras articulações que desembocam na construção de novas identidades.

Stuart Hall (2003) amplia essas concepções quando discorre sobre a categoria diáspora para repensar o conceito de identidades, pois considera que as posições, os pensamentos, as teorias são conjunturais, ou seja, considera o peso dessas conjunturas na formação das identidades, que não se constituem de elementos permanentes, de forma estrutural, ao contrário, depende do contexto. A diáspora vai fazer com que os sujeitos criem novas identidades plurais e parciais, isto é, não totalizadoras, mas fragmentadas a partir das disjunturas, provocando nos sujeitos a possibilidade de re-identificação, haja vista que eles estão constantemente reelaborando os signos e produzindo novos significados. Nesse sentido, a categoria diáspora acaba lançando luz sobre as complexidades que os deslocamentos provocam nas formações de identidades da sociedade.

Por outro lado, entende-se que o meio social, juntamente com os valores impostos pela sociedade é um fator determinante para a geração e perpetuação do estigma, assim como a história e a cultura considerando todas as categorias e pessoas que os compõem. E ainda, a variação da percepção e prática de estigma é variante de acordo com o histórico social e cultural de cada sociedade (GOFFMAN, 2004).

Assim identificado socialmente, o corpo negro é inscrito como marca de identidade, como formula Hall (2003), em que “negro” é transformado em uma categoria de essência. O significante “negro”, assim como o “corpo negro”, é racializado, desconsiderando-se a memória histórica, a diversidade, o contexto social e cultural. “Negro” não é uma categoria de essência numa direção à homogeneidade, existe um conjunto de diferenças históricas e experiências que devem ser consideradas e que localizam, situam e posicionam o povo negro, conforme a criação de identidades corresponde em parte à tentativa dos seres sociais de criar mundos fixos e estáveis.

A ideia de “negros” e “africanos” constituída de uma criação ocidental, a partir de uma identidade étnica e continental que se enquadra num lugar único considerado como metrópole colonizadora ou “periferia incivilizada” (BARROS, 2012, apud COELHO p. 41) que destituídos de suas identidades, os afrodescendentes estavam sujeitos a classificações diversas. E, ao chegarem ao Brasil passaram por um processo de descaracterização de sua identidade, recebendo mais de 153 nomes, como mulato, crioulo, caboclo, pardo, mameluco, dentre outros, nomes que nada dizem sobre sua descendência, sobre sua relação com a África,

portanto, nega parte da sua história, de suas origens históricas, passaram de sujeitos de valores, detentores de uma vasta riqueza histórico-cultural para negros escravizados. Tais nomenclaturas derivam dos resquícios dos processos históricos e social desenvolvidos no país concomitantemente, que de certa forma, implica na perpetuação e reprodução do racismo.

Para Carneiro (2005, p. 29), a essência do racismo, enquanto pseudociência, foi buscar legitimar, no plano das ideias, uma prática, e uma política, sobre os povos não-brancos e de produção de privilégios simbólicos e/ou materiais para a supremacia branca que o engendrou¹³. O desafio é desnaturalizar esse racismo, desconstruindo a concepção, já que se consolidou pela necessidade de o colonizador precisar para dominar, construir esse imaginário do que seja o outro, o qual ele desejou subalternizado, coisificado.

A partir deste entendimento, cabe ressaltar o recente assassinato do afro-americano George Floyd, no dia 25 de maio de 2020, que tem gerado manifestações antirracismo no mundo inteiro. Floyd foi assassinado por um policial depois de ter sido alvejado por supostamente ter usado notas falsas para comprar cigarro. Seu corpo no chão, asfixiado pelo joelho do policial que pressionava seu pescoço, foi captado pelas lentes da câmera de uma testemunha, sendo assim o racismo descortinado em sua forma mais vil e cruel nas últimas palavras da vítima: “eu não consigo respirar”.

Logo após o ocorrido, o movimento americano “Black Lives Matter” (Vidas Negras Importam) que está por trás da hashtag¹³ com a mesma nomenclatura, mobilizou atos através das redes sociais. Fundado em 2013, tal movimento tem como causa erradicar a violência direcionada a comunidade negra, mazela que tem sido constante durante séculos, ainda que assumindo diferentes formas e se adaptando as novas exigências. No Brasil, o clamor da morte de Floyd se aliou àquele produzido pelo assassinato do garoto afrodescendente João Pedro, de 14 anos, durante uma operação policial no Rio de Janeiro, como noticiou o jornal Folha de São Paulo.

São exemplos análogos no decorrer dos séculos, mais recentemente ainda, o pedreiro e afrodescendente Jonilson Pereira, morador do município de Simpício Mendes-PI, foi executado de forma arbitrária pela polícia na cidade de Picos-PI, fato considerado pela família como preconceito racial.

O Atlas da violência de 2018, realizado pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública, revelou que, ainda que os negros representem 55,8% da população brasileira, são 71,5% das

Comentado [NLM3]: Não sei onde começa as aspas

¹³São palavras-chave ou termo associado a tópicos que podem ser pesquisados em redes sociais, inserindo o símbolo do “jogo da velha” (#) antes da palavra, frase ou expressão. Permite que todas as publicações em redes sociais que usem uma mesma hashtag possam ser mais facilmente encontradas.

peessoas assassinadas. Os dados traduzem uma realidade brutal que coloca os negros como as principais vítimas da violência no Brasil. O assassinato de Floyd, de João Pedro e de Jonilson Pereira, portanto, não são exceções, tampouco casos meramente majoritários num horizonte de alternativas; são, isto sim, o diagnóstico de sociedades que possuem uma estrutura organicamente racista. Sobre isso, o ator americano Will Smith (2020) aludiu sabiamente: “o racismo não está aumentando, ele está sendo gravado”. As violências dos casos supramencionados expressam em âmbito global, nacional e regional um racismo que está presente em todas as células desta ordem societária.

As manifestações que estão acontecendo atualmente estão trazendo à tona para pauta do debate público um tema que nunca deveria ter sido obscurecido. O racismo está sendo discutido no mundo inteiro, com manifestações que se alastram pra Europa Continental. A ideia de democracia racial foi completamente obliterada e o véu que encobria a farsa foi arrancado e nos mostrou o monstro que há tanto tempo alimentamos e agora precisamos, mais do que nunca, combater: o racismo estrutural. A herança da escravidão continua viva e coagula no sangue de uma sociedade que o reproduz constitutivamente.

Assim, no bojo desta pesquisa, optei pela denominação afrodescendente em virtude de sua significação e representação atender melhor aos objetivos pretendidos no estudo, embora não haja hegemonia no espectro conceitual do referido termo, como salienta as formulações de Cunha Júnior (2005):

A identidade cultural tem um caráter dinâmico, multidimensional, variável e diverso. A identidade é definida por uma síntese de diversos fatores sociais que fazem sentido para um determinado grupo social. Essa síntese, por sua vez, não tem sentido e não é nem compreendida por outros, externos ao grupo social. As identidades culturais têm significados diversos para os diversos grupos sociais e cumpre aos grupos sociais falar das suas identidades. A identidade é um conjunto subjetivo de significados próprios aos grupos de mesma identidade. Chamamos atenção de que não existiria propriamente uma identidade racial. Não são os caracteres fenotípicos da raça biológica e nem os atributos a esta pela raça social que definem as identidades e sim um conjunto de práticas sociais e culturais. A identidade negra ou afrodescendente é definida a partir das experiências sociais passadas pelos povos originários da África e pelos descendentes. A cultura processada, que serve de referência a identidade, não inclui apenas pessoas de fenotípicos considerados “negros” na sociedade brasileira (p. 48).

O termo adotado oficialmente na redação da Organização das Nações Unidas - ONU tem sido empregado nos textos oficiais do governo federal, como leis, decretos, normativas, dentre outros referidos anteriormente. Durante séculos, a partir dos processos de colonização, aliada a desterritorialização geográfica, ocorreram tentativas de desterritorialização étnica e

descaracterização do ser, de forma que o povo afrodescendente recebeu diferentes denominações, todas elas com cargas semânticas negativas, principalmente quando usadas intencionalmente para discriminar tal povo. Dependendo da conotação nas diferentes situações, aparecem empregados, explícita ou implicitamente para reforçar estereótipos negativos. Há termos relacionados às variações da cor da pele; outros à miscigenação. O termo “negro”, com conotação diferente da empregada pelos colonizadores, é um termo marcante nos discursos antirracistas e reafirmação da existência desse grupo social nas suas resistências e busca do seu lugar na história. Mas, desde a sua aceção pelos colonizadores, recebe definições racistas. Já o termo “afrodescendência” faz referência à ancestralidade, ascendência, diz mais das origens históricas (COELHO, 2013).

A partir da aprovação dos instrumentos jurídicos, tornou-se imperativo sua efetivação, considerando a extrema negação da cidadania que houve no passado, que desembocaram num conjunto de estereótipos de conceitos e preconceitos, que ainda perduram no imaginário popular e de parte dos gestores e magistrados sobre o quilombo bem como a questão racial em sua totalidade. Desse modo, eivados da cultura da posse privada e individual das terras, legitimadas pela legislação agrária, e por não estarem conscientes da extensão das lutas e conquistas dos grupos sociais afrodescendentes, grande parte dos legisladores tiveram dificuldade em compreender a mudança de paradigmas na questão fundiária de que trata o artigo 68 da Nova Constituição das Disposições Constitucionais Transitórias. Além disso, outro fator preponderante consiste na disputa de poder, haja vista o poder simbólico que a terra possui enquanto moeda forte, e que sempre se concentrou nas mãos da elite agrária brasileira, situação paradoxal ao entendimento de posse legítima dessa elite, conforme propugna Leite (2010):

Se no momento da aprovação da Lei Constitucional o assunto tinha audiência restrita, nos últimos vinte anos esse quadro mudou e fatos novos o transformaram e o consolidaram no cenário político brasileiro, evidenciando uma tomada de consciência inédita dos negros sobre os seus direitos territoriais (p.20)

A consciência da efetiva conquista de seus direitos levou os movimentos sociais negros a organizar as comunidades rurais, conferindo abrangência em todo país ao Movimento Quilombola, a partir do trata no artigo 1º, alínea “b” 2 da Convenção 169, que preconiza “A consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos quais se aplicam as disposições da presente Convenção”; nos artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988. A partir das

iniciativas governamentais o Movimento Quilombola realizou diversas mobilizações, objetivando efetivar a regularização das terras quilombolas.

Toda história de luta tem sido para manter sua existência como grupo social importante na constituição da sociedade brasileira. A consciência dessa identidade afrodescendente fortalece a consciência do pertencimento a um povo. Por isso, discutir a identidade afrodescendente e quilombola requer a reflexão sobre a ascendência.

2.3 Comunidade Quilombola Salinas no Cenário dos Quilombos do Piauí

Semelhantemente ao processo que ocorreu com as demais Comunidades Quilombolas no estado do Piauí, a Comunidade Salinas ultrapassou o mero objetivo de regularização fundiária, pois, ensejou o fortalecimento do processo identitário, de valorização das tradições culturais, da ancestralidade afrodescendente e da variedade de conhecimentos e práticas que contribuíram para o desenvolvimento da nação brasileira nos aspectos econômicos, culturais, fenomenológicos e sócio-políticos (MOURA, 1988).

Mendes (2013, p.16) pontua que as lutas pelos direitos quilombolas e a reorganização das comunidades “tem se pautado, principalmente, através de sua cultura”, destacando que no Piauí, as comunidades quilombolas tiveram visibilidade por meio das manifestações, “mantidas ao longo da história sem o reconhecimento ou valorização, envoltas na negação histórica oficial de que não havia no Estado uma população negra, e menos ainda, que houvesse comunidades remanescentes de quilombos” (MENDES, 2013, p.16).

A Comunidade Quilombola Salinas, pertencente a zona rural do município de Campinas do Piauí, foi constituída de escravizados fugitivos da fazenda Formiga, no município de Simplício Mendes-PI entre os anos de 1837 e 1843. Solidificou suas raízes no extremo centro-sul do estado do Piauí, a partir de uma cultura agrária como plantações de milho, feijão, mandioca, bem como a caça e a pesca. (SILVA, 2015). Essa Comunidade, sem dúvida, é um pilar da resistência identitária-cultural do povo afrodescendente no país inteiro, um cerco que ainda se mantém intacto mesmo ante o processo degenerativo das localidades promovido pela globalização e pelo capitalismo, e que deve ser preservado e reconhecido, em toda sua magnitude, pelos centros acadêmicos e pelo poder público.

Integra o grupo das 174 comunidades quilombolas mapeados no estado do Piauí e uma das 77 comunidades já certificadas pela Fundação Palmares como quilombola e que,

como as demais, é fruto de reorganização da população negra no campo, por meio do “ajuntamento demográfico” a partir do reestabelecimento de vínculos comunitários e familiares (LIMA, 2015), desfeitos pelo processo de colonização durante séculos. Semelhante ao que ocorreu em outras regiões em que se instalaram as fazendas coloniais, a Comunidade Quilombola Salinas se originou da reorganização de trabalhadores escravizados nas fazendas da região, que, ancorados na sua ancestralidade e nas suas tradições culturais, resistem, reinventando novas possibilidades de vida. Uma das atividades produtivas que exploraram a força de trabalho desse grupo, pós-abolição, foi a Fábrica de Laticínios.

No município de Campinas do Piauí, está localizada a Fábrica de Laticínios fundada no dia 15 de abril de 1897, a mais moderna da América Latina, a primeira do nordeste e a segunda do país, desativada em 1947, por questões políticas (PINHEIRO, 2016, p.252). No surgimento de sua história, segundo relatos orais, os membros da Comunidade Quilombola Salinas participaram efetivamente da construção da referida Fábrica, embora a história oficial não reconheça essa participação, assim como acontece nos registros históricos em todo o País, onde os afrodescendentes foram aliados do processo de construção das riquezas e da vida social. Por isso essas comunidades têm resistido e lutado por reconhecimento e valorização de sua identidade e cultura, para além de sua mão de obra propriamente dita, como salienta Gomes (2013). Para ela, é desvelar a formação dos quilombos e revelar as questões ocultada pela historiografia tradicional de cunho colonizador que “minimizou a questão da resistência dos quilombolas ao sistema escravista e seus efeitos, ocultou a importância das suas lutas para o processo de transformação sócio-política do Brasil” (GOMES, p. 75).

Figura 08 – Primeira Fábrica de Laticínios do Nordeste, fundada em 1897



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Com a criação do Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, que determina a regularização da posse das terras das comunidades quilombolas, houve todo um processo de mobilização no Piauí, assim como em todo o país, para a regularização das comunidades rurais onde existiam e existem as populações ocupando territórios pertencentes a seus ancestrais escravizados.

Para isso, foi criado no ano de 1989 a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí- CECOQ-PI, objetivando articular as ações de regularização fundiária, bem como o fomento de políticas públicas, historicamente negadas ao longo dos anos e uma nova visão acerca dos paradigmas dos quilombos, primando pela manutenção de suas tradições, história, memória, culturas e identidades, com um olhar para a categoria da juventude em prol de sua permanência no quilombo. A Comunidade Quilombola Salinas está entre as comunidades certificadas pela Fundação Palmares (Anexo 01) e em processo de titulação pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA (Anexo 04).

Figura 09 – Vista panorâmica da Comunidade Quilombola Salinas



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Hoje a Comunidade Quilombola de Salinas, segundo o IBGE (2010) possui 117 famílias no seu entorno, sobrevive de uma economia agrária por meio do plantio de culturas de milho e feijão, além da produção de artesanato com matérias primas da região, como sementes, argila e cabaças. Detentora de uma beleza singular com vegetação predominante da caatinga como carnaúba, jatobá, umbuzeiro, umburana, angico, aroeira, pau-ferro e outras características da região do semiárido nordestino.

Constituída por diversas casas de alvenaria de modelos e tamanhos variados, suas

ruas largas e pavimentadas em boa parte delas, com sistema de água e energia elétrica. Possui uma igreja católica, cuja padroeira é Nossa Senhora Aparecida; uma igreja evangélica; uma quadra poliesportiva; um mercado público, que foi desativado há cerca de quinze anos, desde então, a feira passou a ser realizada em espaço aberto sempre aos domingos, reunindo grande parte de agricultores e comerciantes em geral da região. O único posto de saúde que atendia a população da comunidade e regiões adjacentes foi derrubado, há cerca de três anos, com promessa de reconstrução, com uma estrutura mais moderna, todavia, até o momento, nada foi realizado.

No período da pesquisa tomamos conhecimento de que se estava organizando um assentamento de terreiro de candomblé, uma das manifestações religiosas de matriz africana, que até bem recente não se apresentava na Comunidade. Após as mobilizações e busca por conhecer sua história e seus direitos, a partir, de Marcos Vinicius Ferreira, presidente da Associação de Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências, que se diz ser o primeiro jovem iniciado no candomblé nos quilombos do Piauí e interessou-se em refazer o vínculo com a religiosidade afrodescendente, um dos elementos que mais sofreu perseguição durante toda a história, sendo considerado religião inferior, que inclusive ganhou conotação de prática endemoniada.

A Comunidade possui uma escola, Unidade Escolar Dr. Nelson de Moura Fé, que oferta o ensino fundamental completo, com uma estrutura razoável, seguindo os padrões de escolas públicas, atendendo crianças e adolescentes de toda região. Na entrada da Comunidade existe uma passagem molhada que atravessa o riacho denominado Salinas, braço do rio Canindé¹⁴, construído em 2004, projeto implementado pelo governo do Estado, devido a minha interferência na época, visando facilitar o acesso à Comunidade que enfrentava sérias dificuldades no trajeto em período chuvoso em virtude do forte fluxo e acúmulo de água. O referido acesso fica localizado a 01 quilômetro da rodovia Fortaleza/Brasília, BR-020.

A construção de maior destaque é o I Centro Cultural de Economia Quilombola, inaugurado no ano de 2017, patrocinado pela Empresa Brasileira de Petróleo S.A (Petrobrás), através do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo, que objetiva oferecer cursos de capacitação profissional e fomento da produção e distribuição do artesanato local. Além disso, serve como espaço de convivência para reunião e festividades diversas como o Samba de Cumbuca, Capoeira de Quilombo, Reisado, dentre outros. No mesmo ano, foi inaugurado o Museu Quilombola, construído pela própria Comunidade, com exposição permanente dos

¹⁴A referida Comunidade viveu historicamente a margem das políticas públicas, alvo do descaso político e da inépcia dos órgãos públicos, não sendo, contudo, um caso isolado na região.

utensílios e artefatos que retratam o cotidiano dos patriarcas, representando o resgate de histórico do Quilombo Salinas.

Figura 10 – I Centro Cultural de Economia Quilombola



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11 – Museu Quilombola



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Esses elementos são parte da diversidade das tradições culturais brasileiras, que se fazem presentes na Comunidade Quilombola Salinas, mantidas e ressignificadas ao longo dos tempos e que são espaços de mobilização da Comunidade para realização das atividades sócio-reivindicatórias estratégicas na organização das lutas pelos direitos. Isso mostra que a “construção permanente da cultura e identidade negra brasileira se fundamenta nas suas tradições, na sua religiosidade, na sua herança ancestral, suas músicas, suas danças, seus saberes e fazeres, e se firma como patrimônio cultural brasileiro” (MENDES, 2013, p. 16).

Na seção seguinte, estão identificadas e caracterizadas as práticas de educação social, em que se dá a transmissão das tradições culturais bem como evidenciado o papel social da juventude e como reinventam suas existências e a suas identidades racial e quilombola.

**AS EDUCAÇÃO SOCIAIS NA COMUNIDADE
SALINAS E A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS
JOVENS**



3 AS EDUCAÇÃOES SOCIAIS NA COMUNIDADE SALINAS E A FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DOS JOVENS

Este capítulo traz as práticas de educação social, que articulam vivências e transmissão dos saberes com as atividades econômicas e de organização política. Em seguida, discuto a juventude quilombola e seu papel como sujeito social na reinvenção e permanência das suas existências, evidenciando os fazeres e saberes dos jovens de Salinas.

3.1. As educaçãoes sociais na Comunidade Salinas: vivência e transmissão das tradições e saberes articulados com a organização política

“[...] E é a ancestralidade, são os nossos ancestrais que nos fazem ter essa força. Saudar todos aqueles que vieram antes de mim é saudar a nós mesmos, a nossa geração e as gerações futuras, porque o que é a cultura, o que são os fazeres e saberes culturais se não transmissão de geração após geração. (Marcos Vinicius Ferreira – Comunidade Quilombola Salinas)

A Comunidade Salinas, como outras comunidades quilombolas, tem consciência de seu pertencimento afrodescendente. Mesmo com todas as tentativas de apagamentos das suas existências e do silenciamento histórico da sociedade e dos governos mantém suas tradições, presentes nas atividades culturais que coexistem e dinamizam os demais aspectos: econômico, social, político e religioso:

- Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola de Salinas e Adjacência, fundada em 17 de agosto de 1997, com a missão de fortalecer a agricultura familiar e a convivência com o semiárido, suas potencialidades e riquezas, bem como as diversas formas de organizações existentes do quilombo;
- Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, perpassa toda a existência do Quilombo Salinas, manifestação cultural mais expressivo e mobilizador principal dos demais projetos desenvolvidos na Comunidade;

- Festival Cultura de Quilombo, lançado em 2017, tendo como foco principal a valorização e salvaguarda das tradições culturais e a promoção do intercâmbio entre outras comunidades quilombolas do Estado. Na sua III edição, em 2019, teve como tema central “Quilombo: essência da cultura e resistência de um povo”, com oficinas, palestras, salas temáticas e shows musicais de reggae e originários dos povos afrodescendentes;
- Grupo Capoeira de Quilombo, fundado no ano de 2005, para desenvolver o sentido de pertencimento da cultura desenvolvida pelos ancestrais, como forma de viver, valorizar e salvaguardar as tradições culturais e a identidade do Quilombo;
- Grupo Dança de Rua Elite Negra, desenvolvido com e pelos jovens da Comunidade;
- Projeto Sambinha de Cumbuca “Minha Identidade”, que desenvolve atividades com as crianças nas três referências culturais com vivência ampla na Comunidade: Samba de Cumbuca, Capoeira de Quilombo e Grupo de Dança de Rua Elite Negra, além de oferecer oficinas de informática, violão e de Samba de Cumbuca;
- Ponto do Cultura “Cumbuca de Quilombo”, projeto desenvolvido pelos jovens da Comunidade, através da Associação de Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola Salinas e Adjacências. Aprovado por meio de edital do governo federal em parceria com o governo estadual no ano de 2008, através do Termo de Compromisso nº 121/2009 (Anexo 15), objetivando criar oportunidades para os jovens da Comunidade de salvaguardar as manifestações culturais e identidade afrodescendente, ofertando oficinas como: áudio, vídeo e fotografia; Samba de Cumbuca, Capoeira de Quilombo, batik¹⁵ e percussão;
- Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo, patrocinado pela Empresa Brasileira de Petróleo S.A – Petrobras, através do Programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania, aprovado no ano de 2014, visando promover o fortalecimento da identidade afro-brasileira, a diversificação produtiva e a comercialização do artesanato quilombola, gerando trabalho e renda para a

¹⁵Pinturas e desenhos em tecido, neste caso, com motivos afros.

juventude Quilombola de Salinas e adjacências, através do Contrato de nº 6000.0087444413.2 (Anexo 14) e certificado de aprovação do referido Programa (Anexo 11). Foram realizadas oficinas de corte, costura e pintura em tecidos, artesanato com cabaças, sementes e argila, formação sobre africanidade e afrodescendência, Capoeira e Samba de Cumbuca;

- Projeto Coleção Moda Afro no Quilombo, desenvolvido a partir do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo, com o propósito de valorizar o figurino, a roupa e a estética negra. Os tecidos recebem tratamento especial através de técnicas como pintura a mão, lâminas de vidro, cozimento com as tintas, mistura de tinta e sal grosso, tornando as peças de valor exclusivo, considerando que não se consegue repetir a mesma moldagem de aplique das tintas, dando um valor mais elevado para a roupa africana, afro-brasileira e quilombola. Em seguida, são confeccionadas as indumentárias como saias, blusas, turbantes, dentre outras. São confeccionados também bijuterias feitas com sementes e casca de coco, além da estética negra penteados e trançados de cabelos e maquiagem;
- Artesanato utilizando cabaças e sementes, onde são produzidos itens de decoração e utilidades: bonecas como a Dona Cumbuca (eleita como símbolo da Comunidade), chaveiros, galinhas, arte santeira, imãs, dentre outros;
- Folia de Reis (Reisado), onde os participantes entoam canções e cantigas acompanhados por instrumentos artesanais produzidos no Quilombo, como cumbuca, pandeiro, reco-reco e caneco;
- Igrejas Evangélica e a Católica;
- Assentamento de Umbanda, inaugurado em outubro de 2019.

O conjunto de atividades mapeadas mostra uma das características dos quilombos, desde suas origens, que é a policultura, aspecto que Moura (1988) destaca e que as escritas de Lima (2005) evidenciam. Mesmo com o processo de colonização, que impunha no Piauí a pecuária como monocultura em virtude da imposição da cultura europeia, os afrodescendentes no período ante e pós escravidão, vêm desenvolvendo um conjunto de atividades, de forma articulada, gerando práticas educativas importantes para continuidade da produção das

existências. E isso se dá dentro de uma organização política com as características originais dos quilombos do passado, acrescentando-se as exigências de organização para o acesso às políticas públicas oficiais, que é a criação de Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais da Comunidade Quilombola de Salinas e Adjacências. Assim, a Comunidade lançou mão de uma forma de organização institucional para acessar os projetos nas esferas de Governo, como ressalta a fala de uma das lideranças:

Sobre os projetos, a Comunidade Quilombola Salinas, tem a Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas e Adjacências. Ela foi fundada em 17 de agosto de 1997, sempre foi atuante na Comunidade na área da agricultura, mas em 2008, eu e mais outro grupo de jovens, a gente sentiu a necessidade de participar dos editais. A gente sempre via outros grupos, que projeto é esse? – Não, foi um edital que a gente participou e aí a gente foi tendo conhecimento disso, e aí a gente passou a fazer parte da Associação; e aí, fazendo parte da Associação a gente conseguiu chegar à diretoria da Associação. Em 2009 a gente elaborou o primeiro projeto pra Comunidade Quilombola Salinas, juntamente com um grande parceiro nosso que é o Áureo João. O Áureo João trabalha no INCRA-PI, em Teresina, e a gente fá para o INCRA e lá a gente elaborou esse projeto chamado Ponto de Cultura Cumbuca de Quilombo. **(Marcos Vinícius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

O que se pôde observar nessa fala, além das dinâmicas de organização da Comunidade, por meio do protagonismo dos jovens, sobretudo, é o quanto esses processos de busca pelos direitos gera um conjunto de aprendizagens, uma vez que os jovens, que estão na linha de frente precisam compreender como funcionam o acesso às políticas públicas, cujos caminhos são burocráticos, exigindo o domínio técnico negado ao povo quilombola. Isso mostra que o estado brasileiro, o mesmo que negou a educação historicamente aos afrodescendentes, sobretudo, os quilombolas do campo, é o mesmo que exige que dominem a escrita, os conhecimentos técnicos e legais para acessarem os recursos disponíveis.

Esses processos educativos no campo dos direitos quilombolas que instigaram os jovens, tendo como liderança inicial Marcos Vinícius Ferreira, conhecido também como Nego Vina, provocaram conflitos na Comunidade, no meio dos mais velhos, que, apesar de conservar os modos de vida quilombolas, pareciam não compreender sua ligação com os antigos quilombos. Coelho (2013) explica isto quando destaca que os descendentes de escravizados não gostam de ser lembrados a partir da experiência de escravidão, como foi repassado pelos espaços oficiais e sociais, entre eles o escolar, deixando-se de evidenciar os valores, os saberes e o protagonismo dos aquilombados. Além disso, a mesma autora, baseada em Moura (1981) salienta que depois da abolição oficial, os quilombos foram praticamente

esquecidos pelos governos e pelo espaço acadêmico como se tivessem desaparecido e muitas ideias equivocadas e racistas ficaram no imaginário da sociedade brasileira, como a de que aquilombado eram “salteadores e escravos fugidos, ladrões, perigosos, preguiçosos”, como salientou Coelho (2013, p. 71), baseada em Barleu (1974) e Pita (1996). Essa repulsa à ideia de quilombo ficou explícita na fala da principal liderança da Comunidade e líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca:

Todo mundo aqui gostava do Samba de Cumbuca, aí depois que formou esse nome de quilombola a Associação, botaram o nome de quilombola na Associação que eu participei desde que era da Kolping¹⁶, aí depois que Vinicius botou o nome de quilombola, ave amaria! Aí, era uma guerra, vixe maria! Aí ninguém queria esse nome, que nome feio! Que isso aí era do tempo dos antigos, do tempo que tinha os escravos. Daí proibiram de nós entrar no colégio, ave maria! No colégio num era pra nós entrar de jeito nenhum, botaram logo foi o cartaz: “quilombola aqui num entra”. Aí depois, tinha umas coisas pra gente, era melancia, cheiro verde, mandioca, a já tinha começando alguém já vindo pegar, aí depois acabou isso aí. Aí veio essas cestas, aí ele falou: Oh só recebe a cesta se renovar o cadastro de quilombola. Ai meu Deus! Quase todos assinaram e receberam as cestas, disse que muito boa, eu mesma num recebi, num deram pra mim, eu que era quilombola num ganhei, mas eles, ganhava. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular).**

O conflito gerado no processo de mobilização para o reconhecimento de Salinas como comunidade quilombola é natural, porque diz respeito a uma ideia assimilada sendo abalada por novas descobertas. Observa-se que os mais jovens se integram ao Movimento Quilombola em busca de saber da história dos quilombos, visando compreender a história da referida Comunidade, porque, a partir da educação acessada no seio do Movimento, desafiam a Comunidade a repensar sua história e a desconstruir todos os estereótipos negativos, como em “aí depois que Vinicius botou o nome de quilombola, ave amaria, aí era uma guerra, vixe maria! Aí ninguém queria esse nome, que nome feio! Que isso aí era do tempo dos antigos, do tempo que tinha os escravos”. Escravo lembra sofrimento, logo, pode ter significado para os mais velhos a volta das experiências de perseguição, de exclusão.

A fala de dona Maria Florentina Pereira dos Santos, “Dona Maria Flor”, como é identificada, denuncia o racismo do espaço escolar, expresso na aversão aos quilombos. Se a escola, o espaço de formação oficial, tem essa visão explícita, significa que todo o seu ensino foi e continua sendo para a negação das africanidades, presentes nos modos de vida da

¹⁶ Obra Kolping no Brasil é uma organização sem fins lucrativos que desenvolve programas de inclusão social em diferentes áreas.

referida Comunidade. Ao mesmo tempo, a participante fala das exigências da esfera pública para o acesso aos benefícios. Ou seja, ao tempo em que a Comunidade se nega quilombola, necessita se reconhecer quilombola. Isso mostra que o povo afrodescendente desde a sua chegada ao Brasil está sujeito a itinerâncias, desalojamentos, reorganização de suas vidas.

Aspecto notável nas falas das lideranças quilombolas e mobilizadores culturais é a visibilidade e outras configurações que o Quilombo Salinas passa a ter, mantendo o seu caráter permanente de unidade de resistência para o enfrentamento aos racismos e às novas colonizações, como em outros quilombos (COELHO, 2013).

Figura 12 – Logomarca do Projeto Ponto de Cultura “Cumbuca de Quilombo”



Fonte: Arquivo da pesquisadora.

A logomarca do projeto Ponto de Cultura “Cumbuca de Quilombo” faz referência ao Samba de Cumbuca, demonstrando que é a manifestação cultural em torno da qual a Comunidade Quilombola de Salinas pensa as demais atividades. O espaço construído para abrigar as atividades culturais é um marco da luta da referida Comunidade por direitos sociais e culturais, como evidencia nesse outro fragmento:

O Ponto de Cultura Cumbuca de Quilombo, que é uma homenagem ao Samba de Cumbuca, ele tinha várias oficinas: Oficina de Percussão, Oficina de Dança, Canto e Samba de Cumbuca, Oficina de Estética Negra, Oficina de Áudio, Vídeo e Fotografia, Oficina de Percussão e Dança. Então, como se dava esse processo? Tinha as inscrições, eram abertas as inscrições. O público desse projeto era um público de todas as idades, e as pessoas se inscreviam de acordo com a afinidade. Afinidade que tinha por aquela oficina e os oficinairos como a oficina de Samba de Cumbuca que tinha como oficinairos: Titonho e Titia Maria Flor, que dentro dessa oficina ensinavam as pessoas que ali estavam: o canto, a dança, os batuques dos tambores, os elementos do Samba de Cumbuca, a história do Samba de Cumbuca, as vestimentas do Samba, e a partir dessas oficinas as pessoas que

se interessavam já entravam no grupo, já participava do grupo, ou outras pessoas que já participaram do grupo também faziam parte dessas oficinas. Assim, também, a Capoeira de Quilombo, que é outro grupo que está na Comunidade desde 2005, que é o grupo que está junto com o Samba de Cumbuca, quem é do Samba de Cumbuca também é da Capoeira de Quilombo. E, logo em seguida, 2010, o Ponto de Cultura é um projeto do Governo Federal em parceria com o Governo do Estado, através da FUNDAC, que era a Fundação Cultural do Piauí, que nesse período era presidido pela Sônia Terra, e logo em seguida nós tivemos outro edital que foi o edital Prêmio Pontinho de Cultura, que nós mandamos o projeto chamado, Sambinha de Cumbuca: minha identidade, que era pra trabalhar a cultura na infância. Nós fomos contemplados com esse projeto, ele era do Ministério da Cultura, da Secretaria da Cidadania do Ministério da Cultura, e nós fomos contemplados e nesse projeto trabalhava o Samba de Cumbuca para criança, Capoeira pra criança, violão, voz e violão pra criança e a questão da brincadeira na infância. Era esse o foco de fazer com que a criança tivesse contato com esse universo cultural, através dessas brincadeiras, através de brincar Samba, brincar Reisado, brincar Capoeira, ela já ia adentrando nesse processo de transmissão da cultura de geração por geração. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Associada à reafirmação do Samba de Cumbuca como atividade marcante da história da Comunidade Quilombola de Salinas, outros aspectos merecem reflexão. Um deles remete às práticas de educação bem comuns nas comunidades tradicionais, como nos quilombos, em que os saberes em sua diversidade, surgidas da necessidade de sobrevivência e manutenção da cultura dos grupos sociais (BRANDÃO, 2012), são transmitidos, de forma que os mais velhos repassam esses saberes para os mais jovens, em um processo de interações entre categorias diferenciadas, de maneira espontânea, produzindo um saber ontológico “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” (BRANDÃO, 1985, p. 7). Nas oficinas, não há a discriminação de idades, mas de afinidades, forma de organização bem diferenciada da educação escolar que discrimina, divide e classifica. Um segundo aspecto, é o papel importante atribuída às pessoas mais velhas, reconhecidas como griôs, que guardam as tradições e se encarregam de transmiti-las. Assim, “Titonho e Titia Maria Flor, que dentro dessa oficina ensinavam as pessoas que ali estavam”. O terceiro aspecto, que demonstra a preocupação com a formação da identidade racial e quilombola das crianças, através do Samba de Cumbuca, foi o Projeto “Sambinha de Cumbuca: minha identidade, que era pra trabalhar a cultura na infância”, para “fazer com que a criança tivesse contato com esse universo cultural”, por meio do “processo de transmissão da cultura de geração por geração”. O quarto aspecto é a forma integrada e articulada com as diferentes manifestações culturais que atravessam o tempo e o espaço, como está evidente em “a partir dessas oficinas as pessoas que se interessavam já entravam no grupo, já participava

do grupo ou outras pessoas que já participaram do grupo também faziam parte dessas oficinas.” Assim, também, a Capoeira de Quilombo, que é outro grupo que está na Comunidade desde 2005, integra o grupo que está junto com o Samba de Cumbuca, “quem é do Samba de Cumbuca também é da Capoeira de Quilombo.”

Figura 13 – Reisado da Comunidade Quilombola Salinas



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Comentado [NLM4]: Faltou falar um pouquinho aqui do reisando

O grupo de Capoeira revela uma prática contra-hegemônica das comunidades tradicionais, que é a circularidade, o aprendizado em roda, com a presença dos mestres, sem discriminação de idade, seguindo a tradição Griô, na recontação da história do povo afrodescendente.

Figura 14 – Grupo Capoeira de Quilombo da Comunidade Salinas

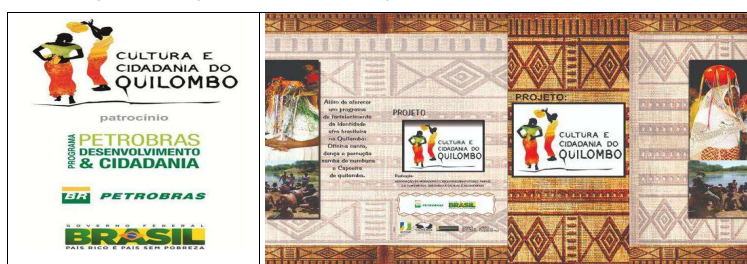




Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Uma das conquistas importantes na trajetória da Comunidade Quilombola de Salinas foi o Projeto Cultura e Cidadania do Quilombo, através do qual os jovens ampliaram, ainda mais, seus conhecimentos sobre o acesso às políticas públicas, sendo possível um conjunto de aprendizagens para o fortalecimento da identidade racial e quilombola.

Figura 15 – Logomarca e Folder do Projeto Cultura e Cidadania do Quilombo



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Assim como em todas as atividades, a preocupação com a manutenção da cultura da referida Comunidade Quilombola, com toda a sua diversidade, é bem visível, como aparece nessa fala:

Dentro do Projeto Cultura e Cidadania do Quilombo que foi o projeto patrocinado pela Petrobras, nós tínhamos uma oficina de pinturas em tecidos e com essa oficina foi lançado à Coleção Moda Afro no Quilombo que eu falei acima, com o propósito de valorizar o figurino, a roupa, a estética negra, africana, afro brasileiro e quilombola. Então, com indumentárias como: colares, trançados afros, black, a estética do cabelo, a estética da maquiagem, as indumentárias de colares, pulseiras, de sementes, de coco, de casca de coco e também a própria roupa. O próprio figurino, então, daí, surgiu a Coleção Moda Afro no Quilombo com aquele texto que eu lhe mandei mais acima; e as técnicas de pintura, elas têm várias técnicas. Tem a pintura feita com lâmina de vidro, que é uma pintura mais demorada, com

mais detalhes, é uma pintura bem mais difícil de fazer. Tem a pintura que é feita através do cozimento dos tecidos junto com a tinta, cozer, botar para cozinhar o tecido junto com as tintas. Tem outra técnica que é feita com sal grosso, tinta e sal grosso, tinta pra tecido, tinta própria pra tecido e sal grosso e tem a técnica de pintura à mão, essa ela é demorada, você leva de um a dois dias pra fazer uma camiseta porque você tem que ir jogando a tinta e deixando essa tinta secar pra que quando você jogar a próxima camada de tinta ela não se misture com a outra, então, pega o tecido de algodão, tecido branco e nesse tecido vai se colocando as tintas, essa pintura à mão que é a que eu mais faço a que eu mais ministro a oficina é essa de pintura à mão, e esses tecidos são usados pra fazer saias, blusas, turbantes, camisas masculinas, femininas, tem uma infinidade, é usado também pra ornamentar espaços culturais, é utilizado pra uma infinidade de coisas. Então, esse modelo que é o modelo feito à mão, ele é um modelo que a gente consegue trabalhar em três dias, quatro dias, a gente dá uma oficina pra pessoa já pegar as técnicas principais de como fazer essa pintura em tecido. São pinturas exclusivas, essa à mão, a lâmina de vidro, o cozimento e a de sal grosso são pinturas exclusivas, você não consegue repetir a mesma moldagem da tinta, se eu pego um tecido e faço essa pintura à mão, se eu fizer em dez tecidos, cada um tecido vai ser exclusivo porque você não consegue, não é uma coisa que é imprimindo, é uma coisa que é a tinta é quem toma forma. Cada pintura, em cada tecido, ela vai ter uma estética exclusiva, por isso que é um tecido que ele tem um valor mais elevado, é uma camisa que ela tem um valor mais elevado, ela vai custar entre sessenta, setenta reais, porque além do trabalho, é um material mais caro, então é mais ou menos por aí. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

É notável que as atividades do referido Projeto têm como foco o fortalecimento da identidade racial, da afrodescendência, que pode se expressar também no modo de vestir-se. E isso está presente nessa fala do mobilizador cultural e educador social e um dos coordenadores do Projeto, “foi lançado à Coleção Moda Afro no Quilombo”. Segundo ele, tem “propósito de valorizar o figurino, a roupa, a estética negra, africana, afro brasileiro e quilombola”.

Figura 16: Coleção Moda Afro no Quilombo





Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Figura 17: Oficina de corte e costura do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

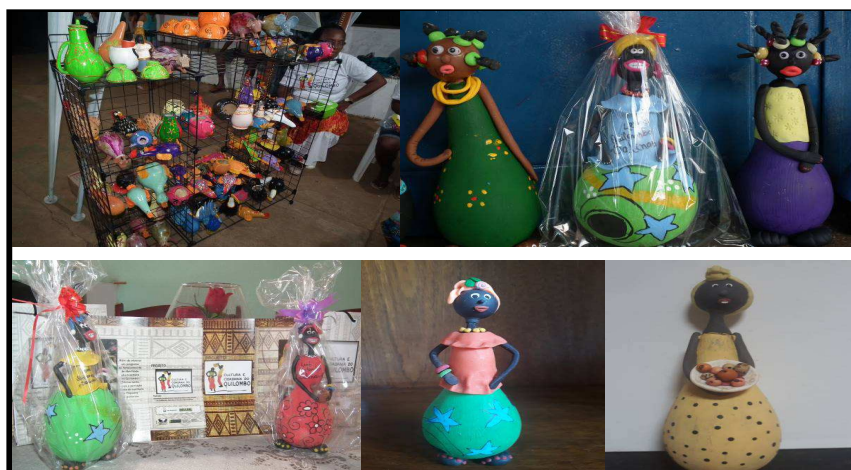
Figura 18: Grupo de produção de artesanato



Fonte: Arquivo da Pesquisadora

Na oficina de artesanato foram utilizados cabaças e sementes para a produção de diferentes objetos de decoração e utilidades, dentre eles, destacam-se as bonecas como a Dona Cumbuca, eleita como símbolo da Comunidade.

Figura 19 – Artesanato com cabaças (Bonecas “dona Cumbuca”)



Fonte: Arquivo da pesquisadora

As atividades dos projetos sociais cumprem também o papel na geração de renda, o que ocorre articulado com as atividades culturais, sendo momentos de interação entre as pessoas e estratégia de organização para o fortalecimento da Comunidade no seu modo de vida, bem como ocorria nos quilombos do passado e em muitas outras comunidades quilombolas:

À frente da Associação a gente conseguiu vários projetos. Dentre eles o Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo que foi um projeto amplo, que visava a geração de renda com resgate histórico-cultural e a difusão do Samba de Cumbuca e da Capoeira. Foi importantíssimo esse projeto porque, a juventude pôde participar tanto dos cursos de formação profissional, que é uma coisa muito difícil na nossa região, quanto ministrando as oficinas. As oficinas de Samba e de Capoeira foram ministradas por jovens aqui mesmo da Comunidade. Esses projetos contribuíram, sim, na formação da identidade racial na Comunidade Quilombola, uma vez que teve o processo de memória, teve o processo de valorização do Samba de Cumbuca, teve o processo de resgate histórico e artístico, teve o processo de valorização enquanto remuneração, porque os integrantes do Samba puderam ministrar as oficinas, tanto os griots, os mais velhos, quanto a juventude. E com isso, desenvolveu na juventude de Salinas, a ideia de que é interessante, a ideia de que é possível buscar parcerias, é possível buscar projetos sociais pra gente mudar a realidade da Comunidade. **(Cleane Pereira da Silva, liderança comunitária e educadora popular).**

A fala de Cleane reflete a educação social praticada pela Comunidade, abrangendo a totalidade do ser humano, sendo as atividades formas de ensinar e aprender (BRANDÃO, 2012). A intenção de fortalecer a identidade racial e quilombola ficou, assim, visível quando ela diz que os “projetos contribuíram, na formação da identidade racial na Comunidade Quilombola”, pois “teve o processo de memória, teve o processo de valorização do Samba de Cumbuca, teve o processo de resgate histórico e artístico [...] por que os integrantes do Samba puderam ministrar as oficinas, tanto os griots, os mais velhos, quanto a juventude. ”

Além disso, é exemplo de trabalho na perspectiva ontológica, porque nasce das necessidades vitais da Comunidade, como explicita Cleane sobre o propósito das atividades que “visava a geração de renda com resgate histórico-cultural e a difusão do Samba de Cumbuca e da Capoeira”. Interessante observar que é pouco enfatizado o lucro. Além de mencionar que visava “geração de renda”, aponta que “teve o processo de valorização enquanto remuneração”. Isso denota a tradição das comunidades tradicionais que não veem o trabalho como atividade com fins exclusivos de obtenção de lucro, mas processos produtivos, cujo valor maior está na produção das existências, na manutenção das vidas e na troca de experiências, reforçando a ideia da “troca” como modo de vida quilombola.

A religiosidade é um elemento presente nas práticas de transmissão de saberes, como se mencionou na associação do Reisado com o Samba de Cumbuca. Os quilombos sempre criaram “formas de organização familiar, religiosa e, especialmente econômica” (MOURA, 1987, p. 35), que, no passado, eram para manter a harmonia, a ordem e a proteção contra as invasões iminentes a que estavam sujeitos. Apesar de os quilombos hoje terem outras configurações, a religiosidade como forma de invocação da proteção divina é bem presente, misturando-se elementos do catolicismo com os das religiões de matrizes africanas. Na Comunidade Quilombola de Salinas se verificou isso. Apesar de as manifestações religiosas de matriz africana não aparecerem com destaque, elas existem e resistem:

Sou adepto das religiões de matrizes africanas. O primeiro quilombola iniciado no candomblé no estado do Piauí. Fui iniciado no terreiro de candomblé em Teresina pelo babalorixá Mauricio de Oxum, vou fazer sete anos de iniciado no Candomblé, mas a minha vivência com as religiões de matrizes africanas vem desde a minha infância, com os meus avós paternos e as próprias pessoas da Comunidade, mesmo não tendo terreiro, sempre foram ligados a religião de matrizes africanas, mas o candomblé, uma religião africana, trazida ao Brasil pelos negros, que foram escravizados. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Ao revelar que, “mesmo não tendo terreiro”, sempre teve ligações com as religiões de matriz africana, o “militante do Movimento Negro” e “Coordenador Cultural das Comunidades Quilombolas”, busca em outros espaços, “em Teresina”, ampliar e aprofundar os conhecimentos acerca das religiões de matriz africana, “adentrar mais fundo nas religiões de matrizes africanas”, interessando-se pelo candomblé. Isso mostra que a Comunidade Salinas nunca perdeu o seu vínculo com a religiosidade afrodescendente, mesmo com todo o processo de colonização em que essas manifestações religiosas eram mais perseguidas do que nos dias atuais. Não ter “o terreiro” denuncia as tentativas de supressão dessas manifestações religiosas pelo processo de colonização católica cristã. Isso se fez explícito em:

As religiões de matrizes africanas sempre foram dentro do território da Comunidade Quilombola Salinas, sempre foi algo feito de forma mais discreta, mais escondida, todas as pessoas sempre iam a benzedores, rezadores, a terreiros, em comunidades e municípios vizinhos, mas sempre de forma escondida por conta da presença do cristianismo dentro da Comunidade que se tornava um impeditivo pra que as religiões de matriz africana, também praticadas por os quilombolas, fossem disseminadas dentro da Comunidade. A igreja evangélica, já bem mais recente, mas não teve tanta perseguição da igreja evangélica Assembleia de Deus, as religiões de matrizes africanas, como teve da igreja católica. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Em outra fala, ele faz a relação do som da cabaça com o som dos tambores: “creiamos nós, que os antepassados nos diziam, que os mesmos sons dos tambores existentes nas regiões africanas ou nos terreiros de Umbanda e Candomblé.” Esse sincretismo religioso presente na Comunidade Salinas aparece bem visível quando Marcos Vinícius expõe que:

Na Comunidade a igreja católica ela é bem recente, porque, nós sempre tivemos uma religiosidade popular, eu cresci no meio de uma religiosidade popular. Rezas de São João, São Pedro, São Gonçalo, São Vicente, São Francisco, São João Batista, e todas essas rezas, elas tinham uns novenários nas casas das tias velhas e se encerravam com Reisado e o Samba de Cumbuca. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Afirmando que a igreja católica é recente, parece que a liderança quilombola se refere a uma sede, porque ele mesmo afirma ter crescido no meio das rezas dos santos da igreja católica, que sempre se encerravam com o Samba de Cumbuca, o qual tem relação com a religiosidade africana. Essa fala do participante explica porque se tem a primeira impressão de que não há na Comunidade Quilombola de Salinas práticas das religiões africanas, impressão que tive antes da pesquisa, mesmo convivendo com a Comunidade durante um determinado período. Para perceber essas manifestações religiosas é necessária a descolonização do olhar com pretensão de compreender que as invisibilidades desses elementos fazem parte da tradição de inferiorização e ocultação da religiosidade afrodescendente imposta pela pretensão de hegemonia do catolicismo. É o que Santos (2010) chama de epistemicídio e Fanon (2008) chama de colonialismo epistemológico. O olhar descolonizado será importante, sobretudo, para se perceber a resistência do povo afrodescendente e suas dinâmicas na manutenção da sua religiosidade, nas mais diversas expressões.

Hoje, a Comunidade Salinas possui um Assentamento de Exu, construído em outubro de 2019, ao lado do Ponto de Cultura, para abrigar as práticas do Candomblé, no qual o Marcos Vinicius, foi iniciado como guardião, revelando que, à medida que a Comunidade reconta sua história, recupera elementos enfraquecidos pela colonização e seus efeitos.

É possível depreender que as educações sociais promovidas pela Comunidade, através das diferentes atividades, mediante metodologias contra-hegemônicas, são determinantes para o fortalecimento da identidade afrodescendente e quilombola, porque recuperam elementos da memória coletiva de um povo.

3.2 Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e o seu papel na construção da identidade afrodescendente dos jovens da Comunidade Salinas

*“Eu sou do Samba de Cumbuca, eu sou o cabra
do Tambor,
E meu nome é Antônio, eu sou sambista e batedor.
Eu gosto do Samba, eu adoro o Samba, eu amo o Samba,
Eu nasci no Samba e me criei no Samba
E vou morrer no Samba
E minha família toda é do Samba.*

(Antônio Ferreira Damaceno, Titinho, Comunidade Quilombola Salinas)

Um dos elementos que marcam a identidade da Comunidade é o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, que percorreu a história, até os dias atuais, por meio da interação com a oralidade de geração a geração, uma tentativa de manter vivas as tradições culturais, significando a busca pela manutenção da identidade afrodescendente. Apesar do deslocamento e distanciamento da terra de origem, de todos esses anos de colonização, de desterritorialização, de convivências e influências de outras culturas, os moradores da Comunidade Salinas conseguem manter acesa essa tradição, traços de seu espectro identitário. Isso está relacionado com o que Lima (2015, p. 242) destaca quando fala da “resistência cotidiana da população negra no campo” como uma das estratégias de reafirmação da identidade afrodescendente.

O Samba de Cumbuca acompanha a Comunidade de Salinas desde sua origem, iniciando “com a chegada de negras escravas que se refugiaram nas imediações de Jurema no interior do Piauí, sendo que estas eram lideradas por Úrsula Ferreira, vinda de Moçambique e é a ancestral que deu origem à Comunidade de Salinas (MENDES, 2013, p.22).

A partir dos relatos de memória dos moradores da referida Comunidade, essa manifestação cultural, com seus cantos e danças, “tematiza a história e o cotidiano dos escravizados” (IPHAN, 2012, p. 46). É chamado de Samba de Cumbuca por ter, entre os instrumentos, o principal, feito de cabaça, uma espécie de casco ovoide fruto de uma planta conhecida como cabaceira, que toma diferentes formas, sendo muito utilizada como utensílio doméstico, artesanato e principalmente para carregar água da fonte. Depois de extraído o seu fruto, são retiradas as sementes, deixando secar para tornar-se sólida por dentro para ser utilizada. Quando cortada é chamada de cuia ou coité, mas apenas as maiores são denominadas de cumbucas.



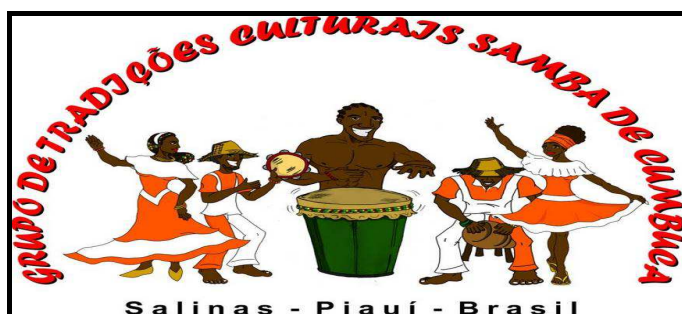
Fonte: Arquivo da pesquisadora

São vários os aspectos que tornam essa tradição cultural a de mais destaque na Comunidade Salinas, como também se diferencia de outras manifestações nos demais quilombos piauienses. Um deles é segundo Mendes (2013, p.22), “a presença das mulheres de uma forma mais atuante dentro do Samba de Cumbuca”, considerando que apenas elas podem tocar as cumbucas, conforme a tradição local.

Essa manifestação cultural de grande destaque permanece viva, ganhando visibilidade fora da Comunidade Salinas, nas duas últimas décadas, como as atividades de mobilização e reivindicação do reconhecimento da referida Comunidade como quilombola. Assim como todas as tradições culturais de quilombo, o Samba de Cumbuca atravessou o tempo, mudando suas lideranças e demais praticantes, assumida por diferentes matriarcas, estando hoje sob a liderança de Dona Maria Flor, que é sambista há muito tempo e tem repassado a tradição aos mais jovens na Comunidade.

Através desta pesquisa, ficou evidente que o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, que percorreu a história, até os dias atuais, é o elemento identitário mais marcante da Comunidade Quilombola de Salinas, significando a “resistência cotidiana da população negra no campo” (LIMA, 2015, p. 242). Os resultados aqui apresentados e analisados só reforçam o que já foi apresentado em outros trabalhos como o de Mendes (2013) e IPHAN (2012) sobre a existência-resistência do Samba de Cumbuca e seu papel na vida da Comunidade Salinas em todos os seus aspectos: social, afetivo, político, econômico, religioso. A partir das lutas pelo reconhecimento da Comunidade como quilombola, essa tradição se potencializou na própria Comunidade como também ganhou visibilidade nacionalmente, sendo meio para muitas conquistas de direitos. Hoje tem sua sede mais organizada e a sua própria logomarca:

Figura 21 – Logomarca do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Com os recursos adquiridos por meio de projetos junto aos governos, apresenta-se em diferentes espaços, com figurinos diversificados, mantendo sempre as suas características básicas.

Figura 22 - Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca





Fonte: Arquivo da pesquisadora

Foi possível identificar neste estudo o papel importante do Samba de Cumbuca na vida da referida Comunidade. Isso se manifesta de forma intensa na falas dos colaboradores desta pesquisa:

Samba de Cumbuca, ele é a expressão viva da cultura de Salinas. A Comunidade Quilombola Salinas ela tem como manifestação cultural principal o Samba de Cumbuca. O que é a cumbuca? A cumbuca é o fruto da cabaceira, do pé de cabaça é a cabaça, que, a cabaça ela é uma planta nativa, é da mesma família da abóbora, ela é uma planta nativa da abóbora, do chuchu, ela é uma planta nativa da região. E a cabaça, ela é utilizada depois que ela é um fruto verde, amarga muito, mais depois que seca, depois dela secar, ela é utilizada para guardar mel, para guardar ovos, para carregar água. Ela quando aberta em bandas, quando aberta ao meio, a cabaça se

torna cuias, as cuias têm a função de vasilhas, de bacias, então são utilizadas só para feijão, só para milho. É usada no processo de farinhada, de desmancha, aqui o processo de farinhada a gente chama de desmancha, é usada também para lavar roupa, para tomar banho e as cuias menores são usadas como prato, para comer, são chamadas de coité, que são menorzinhas. As menores mesmo são usadas como copo para beber água, para tomar café. Então, existe uma infinidade de coisa que é usada à cabaça.

[...]

Samba de Cumbuca é a voz ancestral... Samba de Cumbuca é a nossa voz, é a nossa história, é o nosso ser, ser andante, ser pensante, ser ancestral, ser negro na história do Brasil, ser negro na história do Piauí, e ser negro na história do Quilombo Salinas. O Samba de Cumbuca é a nossa identidade. Eu sou o Samba de Cumbuca. É difícil se falar quando alguém pergunta pra gente como é? O que é o Samba de Cumbuca? O Samba de Cumbuca sou eu. O Samba de Cumbuca é o meu gesto, o meu cantar, o meu andar. É a história do meu pai, do meu avô, do meu bisavô. É a história dos que vieram, dos que já foram, dos que estão e um dia vão. Mas também é a história dos que virão. Isso é Samba de Cumbuca! O Samba de Cumbuca é mágico! O Samba de Cumbuca é inebriante! Quando se está no terreiro e um toca o tambor, toca a cabaça. Que começa a cantar é como se a gente transcendesse! É como se a gente saísse desse universo e fosse para um universo suspenso onde a nossa identidade, a nossa história, a ligação do ancestral com nós que estamos aqui, é uma magia! É algo inexplicável! [...] É o sangue que corre nas minhas veias, é o vento que eu respiro, é o ar, é o universo! É isso que é Samba de Cumbuca! Então, ser Samba de Cumbuca, fazer Samba de Cumbuca, viver Samba de Cumbuca, é viver toda a riqueza dos saberes e fazeres culturais que os nossos ancestrais trouxeram de África e nos deram como presente até hoje. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

O Samba de Cumbuca é a nossa manifestação cultural mais expressiva que a gente conhece, é a expressão cultural que a gente mais se identifica. E é a expressão cultural que representa, além da nossa Comunidade, o nosso município. **(Cleane Pereira da Silva, liderança comunitária e educadora popular).**

A partir do que já foi exposto e analisado nas falas do/as participantes, percebe-se o forte sentimento de pertencimento em relação ao Samba de Cumbuca, como expressão cultural que atravessa as vidas e dá sentido às existências nos diferentes aspectos, como aparece manifestado em “é como se a gente saísse desse universo e fosse para um universo suspenso onde a nossa identidade, a nossa história, a ligação do ancestral com nós que estamos aqui, é uma magia”; em “é a expressão cultural que representa, além da nossa Comunidade, o nosso município”; e em “a riqueza dos saberes e fazeres culturais que os nossos ancestrais trouxeram de África e nos deram como presente até hoje”. Isso justifica porque todas as atividades da Comunidade estão relacionadas ao Samba de Cumbuca.

O Samba de Cumbuca, desde a sua origem, é um espaço para a transmissão dos saberes da Comunidade para os jovens, como bem expressa a Dona Maria Florentina:

Meu nome é Maria Florentina Pereira dos Santos, eu nasci em 50, então com 11 anos eu já participava do Samba de Cumbuca, só que foi dançando a Cumbuca de Fogo, passava nove noites dançando a cumbuca, tirando o Reis e na última noite era Samba de Cumbuca até o dia amanhecer. Nós saía com os passarinhos, chamava passarinho, era Jaraguá, era Boi, era Burrinha, era Cabeça de Fogo, era assim...cumbuca chamava Cabeça de Fogo. E aí nós andava até 9 km com eles nas cabeças e nos ombros, tirava o Reis nas casas. A gente cantava até o dia amanhecer e era de a pés, num tinha história de moto e nem de carro não, era de a pés. Aí quando o dia amanhecia, a gente voltava. Aí fiquei participando assim do Samba. Aí depois com idade de dezoito anos eu me casei em 71, quando foi em 72, já nasceu o primeiro filho. E aí começou o sofrimento assim de pobreza. Aí, em seguida, tive a segunda, a terceira, a quarta, daí da quinta pra sexta foi que deu um espacinho de uma pra outra. Aí depois disso aí, depois que tive os filhos, aí eu formei um grupo, um grupo de umas senhoras pra tirar o Reis. Tiramos nove noites de Reis, a última noite foi o Samba até o dia amanhecer. [...] que naqueles tempos tinha cachaça, num era que nem hoje não, nêgo bebia a vontade, amanhecia o dia cantando o Samba de Cumbuca, por isso que o Samba de Cumbuca hoje em dia ninguém aguenta cantar a noite toda e dançar a noite toda porque num tem mais essa história de beber que nem a gente bebia pinga. Aí a gente cantava e já dizia verso para darem cachaça, pra darem bebida pra gente. E aí por aí a gente tirava a noite todinha. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular).**

O que Dona Maria Flor expõe contribui para se entender tanto o Samba de Cumbuca, sua existência e sua resistência e de como ele se mantém vivo, atravessando gerações. Merecem destaques alguns pontos, entre eles, a presença das mulheres na preservação e transmissão das tradições culturais, como bem enfatizou Mendes (2013). Mesmo com o sofrimento, que veio com o aparecimento dos filhos, “começou o sofrimento assim de pobreza”, Dona Maria Flor não abandonou o Samba. Depreende-se dessa fala a marginalização da população afrodescendente do campo e dos quilombos, como também a desvalorização de suas manifestações culturais por parte do poder público ao longo dos tempos, passando a serem reconhecidas bem recentemente, devido às lutas do Movimento Quilombola pela regularização dos territórios quilombolas.

A participante conta do seu retorno ao Samba, após criar os filhos: “eu formei um grupo, um grupo de umas senhoras pra tirar o Reis. Tiramos nove noites de Reis, a última noite foi o Samba até o dia amanhecer”. Assim, a resistência se dá de todas as formas, “nós andava até 9 km com eles nas cabeças e nos ombros”, dando a compreender que a ancestralidade bem latente convida o corpo e o espírito a atuarem, mesmo nas adversidades que as mulheres quilombolas enfrentaram mais ainda no passado. Com sabedoria, ela descreve as transformações do Samba de Cumbuca, fazendo um paralelo do passado com o

presente: “hoje em dia ninguém aguenta cantar a noite toda e dançar a noite toda porque num tem mais essa história de beber que nem a gente bebia pinga”, fazendo referência ao hábito dos afrodescendentes fazerem suas comemorações “com batuques e cachaça” (LIMA, 2005, p.146). Isso seria uma forma de se manterem mais animados e resistirem a uma noite de Samba. Assim, apresenta mais um ato de liberdade que as mulheres do Samba se permitem, uma vez que em outros espaços estranha-se o fato das mulheres beberem “pinga”.

Dona Maria Flor descreve as estratégias usadas por ela e outras mulheres para a manutenção do Samba:

Aí depois eu passei pra cá pra Salinas e aí aqui na Salinas madrinha Vitória me chamou, no ano de 2002, e disse: “olha, minha filha, agora nós vamos tirar o Samba de Cumbuca, nós vamos tirar o Reis e fazê o Samba de Cumbuca”. E, assim nós fizemos, até quando ela num aguentou mais. Aí depois disso o Samba já tava sumindo, acabando, já morrendo, no poço. Aí eu convidei um grupo, esse grupo às vezes dava mais de trinta pessoas, formei esse grupo e aí fomos tirar Reis. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular).**

Observa-se a preocupação com a possibilidade de o Samba “sumir”, por isso ela e outras mulheres buscaram reativá-lo, evidenciando o valor da cultura para um povo, a qual é composta por um conjunto de elementos religiosos, artísticos e organizativos, vitais para esse povo se autopreservar social e culturalmente” (MOURA, 1988). Essa outra fala traz uma situação em que a escola onde sua filha Simone estudava, a qual ela mesma frequentou por um tempo para acompanhá-la, solicitou um trabalho sobre o Samba de Cumbuca:

[...] teve um trabalho que pediram lá para os professores, aí eu disse: o que nós vamos fazer? aí um disse: vamos caçar quem canta o Samba de Cumbuca, aí disseram: mas quem é? Aí disseram: Maria Flor, vamos convidar ela. Aí me convidaram, aí eu disse: “tudo bem, vamos fazer”. Fizemos, aí teve uma professora, chamada Eliete, filha do finado Hosternes, dava aula de inglês, em 2003, que disse assim: “Oh, Maria Flor, num deixa acaba, não, tão bonita essa tradição!” Aí foi untá minha menina que o nome é Neide, e disse assim: “ Oh Neide, ajuda a dona Maria Flor pra num deixa acabar essa tradição”. Aí foi aonde eu formei o grupo de Samba e fiquemos, mas nós ainda num tinha saído pra lugar nenhum. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular).**

Essa, ao que parece, foi uma oportunidade importante para Dona Maria Flor e demais pessoas da Comunidade reafirmarem a convicção da importância da manutenção dessa tradição, o que foi também importante para os estudantes da Comunidade se sentirem contemplados com a presença das suas atividades do cotidiano se fazerem existentes no

espaço escolar, esse mesmo que apresentou grande rejeição ao termo “quilombo” e ao grupo que estava à frente das mobilizações para o reconhecimento da Comunidade como quilombola. Observa-se que as palavras da professora “Oh Neide, ajuda a dona Maria Flor pra num deixa acabar essa tradição” foi um grande impulso para Dona Maria Flor levar adiante com mais entusiasmo a manutenção do Samba de Cumbuca, como ela mesma afirma: “Aí foi aonde eu formei o grupo de Samba e fiquemos, mas nós ainda num tinha saído pra lugar nenhum”. Esse “saído pra lugar nenhum” significa que essa tradição cultural tão significativa para a cultura brasileira e local, não tinha visibilidade fora da Comunidade e pouca visibilidade até mesmo local, já que só em 2003 teve seu primeiro convite para se apresentar na escola.

A tradição cultural do Samba de Cumbuca “não acaba” porque está entranhada na vida da Comunidade sendo tocado e dançado nos diferentes momentos do Quilombo de Salinas, segundo a Cleane:

Ao longo da história o Samba, ele resistiu porque os nossos griots, os nossos mais velhos, nunca deixaram de fazer, nunca deixaram de se confraternizar, se encontrar, nesse espaço, nesse ambiente. Não tinha festa, não tinha forró, não tinha churrasco, essas coisas que hoje a gente tem na atualidade, né? A festa que eles tinham naquele tempo era fazer o Samba, era se encontrar pra fazer o Samba, era se encontrar pra fazer o Reisado na casa de alguém. Alguém que ia ter a chegada de um filho que vinha de São Paulo, por exemplo, então aquele senhor mandava um convite para que fosse feito um Samba em sua casa. Então o momento de confraternização, aqui no nosso município (Comunidade) era assim, se dava através do Samba de Cumbuca. **(Cleane Pereira da Silva, liderança comunitária e educadora popular).**

A fala de Cleane denota a visibilidade interna do Samba de Cumbuca e a presença dele em todos os momentos da vida da Comunidade, de forma natural e muito espontânea. Essa existência orgânica do Samba justifica a continuidade desse elemento cultural até se tornar mais visível na Comunidade e ganhar notoriedade em outros espaços sociais.

Essa visibilidade externa à Comunidade Salinas veio logo em seguida a esse fato, como descreve Dona Maria Flor:

Aí quando foi em 2005 chegou uma pessoa lá de São João do Piauí que chama Bispo, aí ele soube lá que tinha essa tradição aqui, aí veio por Campinas. Chegou lá em Campinas, os professor tava lá fazendo um planejamento, aí ele falou com uma professora e ela disse: é na Salinas, aí disse meu nome e ele veio baixar aqui em casa. Eu fiquei assim quando ele chegou, eu num conhecia e ele disse: “eu ando aqui porque eu ouvi falar que aqui tem uma tradição chamada Samba de Cumbuca e disse que é muito bonito e eu vim pra vocês ir pra Teresina”. Eu digo: Ah, eu nunca fui, nós nunca foi em Teresina. Convidei o grupo que, primeiramente, na hora que

ligavam pra mim eu já chamava todos pra fazer uma reunião pra saber se dava pra nós, ou se num fa, se desse pra nós ir, tudo bem, se num desse eu num metia de cara e nem dizia assim: “ah num vou falar com eles não porque é eu mesma que sou a cabeça, que chamava a cabeça, então num vou falar com nenhum. Não. Eu chamava todos e combinava. E era assim, o Grupo de Samba era combinado. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular)**

Nessa fala Dona Maria Flor se refere a um marco importante para o Samba de Cumbuca, visto que foi nessa primeira aparição no âmbito estadual que o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca ganhou notoriedade, sendo apreciado por pessoas de diferentes lugares como também por dirigentes públicos. A expressão “eu fiquei assim quando ele chegou” denota a surpresa de Dona Maria Flor e, ao mesmo tempo, a alegria de ver o Samba de Cumbuca valorizado.

O Antônio Bispo Santos, de que ela fala, é uma das lideranças quilombolas mais importantes no mapeamento das tradições culturais das comunidades quilombolas, que houve posteriormente no momento das mobilizações do Movimento Quilombola para dar início aos processos de regularização dos territórios quilombolas no Piauí. Segundo Santos (2007), houve o etnocídio, um ataque às identidades dos povos tradicionais, no sentido de tentar destruir os saberes desses grupos, mesma visão compartilhada por Almeida (1998), segundo o qual houve constante ameaça à identidade dos afrodescendentes, a começar pela desterritorialização geográfica, física e depois pela desterritorialização étnica. Logo, o papel do Antônio Bispo Santos, foi identificar as comunidades quilombolas e as manifestações culturais nelas existentes para o fortalecimento da luta quilombola na preservação das existências e ressignificação dos quilombos, considerados por autoridades piauienses como inexistentes.

Sobre a primeira saída do Grupo Samba de Cumbuca para se apresentar em Teresina, Marcos Vinicius lembra alguns fatos:

Aí eu me lembro da primeira viagem para Teresina para participar da FERAPI, Feira de Produtos da Reforma Agrária e Comunidades Quilombolas do Piauí, os mais velhos não podiam ir, e aí a gente disse, nós já ensaiando o Samba, pois nós jovens vamos representar a Comunidade, e os mais velhos se reuniram e disseram: não, vocês não estão preparados pra mostrar a nossa cultura, a nossa identidade, vocês são muitos jovens! E aí foi uma pauta de conversa e ensaia Samba e a gente disse: olha se vocês permitirem que a juventude vá a Teresina dançar o Samba de Cumbuca na FERAPI, nós vamos mostrar pra vocês que nós somos Samba de Cumbuca.

E foi nosso primeiro desafio e fomos a Teresina só jovens e filmamos tudo, gravamos tudo e foi exibido nos canais de televisão. E a Sônia Terra, que nesse tempo estava na Secretaria de Cultura, nos apresentou para vários canais de Televisão e quando a gente chegamos aqui as pessoas mais velhas estavam orgulhosas do que nós havíamos feito. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Assim como Dona Maria Flor, Marcos Vinicius relata orgulhoso a apresentação do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca em Teresina-PI, destacando a participação dos jovens, que, inicialmente, a própria Comunidade considerou que não estavam preparados para se apresentarem no referido evento. Contudo, os jovens mostraram seu protagonismo, sua determinação, ao se depararem com uma oportunidade de ver sua cultura valorizada. Esse fato foi importante para os jovens reafirmarem sua identidade racial e quilombola, uma vez que tomaram consciência da importância do valor histórico e social da cultura afrodescendente. Ainda sobre a visibilidade do Samba de Cumbuca, o colaborador dessa pesquisa evidencia como essa manifestação cultural contribui tanto para a construção da autonomia dos jovens, como para o fortalecimento do pertencimento à Comunidade e a identidade racial.

E assim nós entramos no Samba de Cumbuca, nós conquistamos esse espaço. Por isso que hoje nós temos autonomia pra dizer nós somos Samba de Cumbuca. Hoje nós já temos uma geração, eu tenho 40 anos, nós já temos uma geração de 12, 13, 15 anos, e temos o Sambinha de Cumbuca, que são as crianças que fazem parte do grupo. Mas foi uma luta da minha geração e é muito honroso dizer isso para que esses jovens possam ser as futuras gerações do Samba de Cumbuca. Então, só pra vocês veem que o Samba de Cumbuca é a identidade da Comunidade, que pra nós entrar no Samba, nós tivemos que mostrar [...] **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

O Samba de Cumbuca se tornou referência para os jovens, que passaram a ter maior participação, tanto nas decisões, como nas atividades desencadeadas pela existência do Grupo. Nessas participações os jovens passaram a compreender a história da Comunidade e a sua própria história, os processos geradores dos racismos que sofriam, a negação dos seus direitos a uma vida digna, sobretudo, a compreender a sua condição de quilombola e porque a Comunidade passava pelas discussões sobre sua existência.

A presença ativa dos jovens fez que o Grupo pensasse em atividades específicas com a finalidade de promover essa formação para o fortalecimento da identidade e superação dos estigmas incorporados (GOFFMAN, 1975), também impostas pelo eurocentrismo. Como destacou o Marcos Vinicius Ferreira, “O som de tambor que entra em nosso ouvido se

transforma em voz através da música e nos leva para outro espaço, um espaço espiritual e na formação da identidade afrodescendente dos jovens”. Ele fala do tambor que passa a ter mais significado na vida dos jovens como elemento representativo das africanidades, porque, segundo Cunha Júnior (2005, p. 48), a “identidade cultural tem um caráter dinâmico, multidimensional, variável e diverso, sendo “definida por uma síntese de diversos fatores sociais que fazem sentido para um determinado grupo social”. Assim, o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca passa a ter mais sentido para os jovens à medida que, através das atividades de formação social no seio das lutas pelos direitos quilombolas, vão entrando em contato com elementos de sua cultura que historicamente foram ocultados, inclusive, no espaço escolar.

Figura 23 – Participantes do projeto Sambinha de Cumbuca “Minha Identidade”



Fonte: Arquivo da pesquisadora

A foto apresentada em figura 23 registra uma página importante na vida desses/as jovens, que são certificados pela participação das atividades de um Projeto cuja finalidade é promover a formação sobre a existência da Comunidade e os processos históricos do passado e do presente que a fez discriminada, abandonada pelo poder público e que a faz hoje mobilizada para conquistar seus direitos. Isso está relacionado à visão de Cunha Júnior (2005, p. 48) quando pontua que “a identidade negra ou afrodescendente é definida a partir das experiências sociais passadas pelos povos originários da África e pelos descendentes”. Significa que não só a cor e outros fenótipos ou caracteres físicos, mas todo um conjunto de experiências históricas de pertencimento ao grupo social afrodescendente.

A caminhada dos jovens no Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e as releituras da história da Comunidade e sua ligação com a África faz que eles incorporem o Samba de Cumbuca como um modo de ser e existir, como fica bem evidente nas palavras do Marcos Vinicius Ferreira, quando indagado sobre o que é o Samba de Cumbuca para ele:

Eu não sou separado do Samba de Cumbuca. O que é o Samba de Cumbuca para você? Eu sou o Samba de Cumbuca! Então, é essa a identidade, é essa a expressão da ancestralidade, da espiritualidade, do som dos tambores, é essa a expressão de África em nós que vai além do que é material, são os saberes culturais, sociais, transmitidos de gerações por gerações, saberes cheios de modos e significados. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular)**

Essa consciência de pertencimento atingida por Marcos Vinicius Ferreira foi alcançada por outros jovens, fazendo-se o que é de tendência do ser jovem: sujeito social capaz com alto potencial transformador. No caso dos jovens do Quilombo Salinas, isso foi ocorrendo em um processo de formação coletiva impulsionado pelo Samba de Cumbuca e suas relações com os outros elementos da Comunidade, causando impactos significativos, como aparece na fala de Cleane:

Foi através do Samba de Cumbuca que os jovens, saíram da Comunidade, puderam conhecer grandes centros, puderam conhecer outras realidades, puderam conhecer outras manifestações culturais, fazer amizades, era nos momentos de encontro cultural onde a juventude se empolgava porque iam passear fora e chegavam e tinham muita coisa pra contar. **(Cleane Pereira da Silva, liderança comunitária e educadora popular).**

O Samba de Cumbuca, nesse sentido, além de ser um espaço de formação da identidade, é a porta para os jovens ampliarem seus horizontes de perspectivas. Consciente disso, Dona Maria Flor, entende que “é muito bom que eles aprendam a cantar, a bater na cumbuca, a puxar as músicas”. E acrescenta sobre a necessidade de continuarem participando dessa manifestação cultural tanto para não deixá-la desaparecer, como para não se envolverem com outras práticas, que não são saudáveis para suas vidas.

[...] eles nunca devem deixar o Samba de Cumbuca, e é bom para eles mesmo, era meu prazer se um deles disser: vamos formar um grupo de Samba de Cumbuca pra nós cantar o Reis e fazer o Samba de Cumbuca, pra mim era muito importante. E dissesse um dia: aqui foi Maria Flor que deixou essa tradição para nós, é uma tradição muito boa e bonita. E na hora que eles tiverem cantando o Samba e sambando (ali mais atrás chamava sapatear), então eles num tavam envolvidos em negócio de bebedeira, em negócio de

outras coisas ruim, era muito importante se eles fizesse isso. E eles gostam de sambar. Eu passei um ano, num lembro bem se um ano, mas passei um bocado de mês dando aula de Samba de Cumbuca aqui, fui dar aula até lá nas Caraíbas, município de Isaias Coelho dando aula para os jovens, eu, o Titonho e meu esposo, nós saía daqui no domingo, sol quente, e ia para lá. E é longe, nós fomos bem um ano. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular).**

Evidenciou-se na fala da participante a necessidade e a satisfação de os jovens terem acesso aos ensinamentos sobre o Samba de Cumbuca para manter a tradição como também para não se envolverem “em negócio de bebedeira, em negócio de outras coisas ruim”. Há, nesse sentido, a crença de que a cultura dá sentido à vida do jovem. Para os jovens, o Samba de Cumbuca além de ensinar a valorizar a cultura, traz diversão e aprendizagens, como expõe a jovem Jamilly, integrante do Samba e estudante do ensino médio: “é importante pra mim porque é um momento que nós nos divertimos, trocamos experiências com os mais velhos e valorizamos a nossa cultura”. E explica como e porque se interessou pela tradição cultural: “Eu comecei a participar porque vi minhas tias dançando, viajando, daí eu entrei. Viajei, conheci novos grupos, novas pessoas e isso foi muito importante”.

Jamilly considera que os mais velhos guardam conhecimentos culturais, demonstrando considerar “os vínculos históricos importantes para a reafirmação da sua identidade” (COELHO, 2013, p. 110). Segundo ela, “importante valorizar a nossa cultura, pois através dela ficamos reconhecidos por onde passamos e aprendemos a valorizar a nós mesmos e a nossa história”, denunciando ser vítima de racismo ao dizer que “ao sair da minha Comunidade para estudar em Simplício Mendes, fui vítima de racismo por conta da minha cor de pele e do meu cabelo” e demonstra que as aprendizagens sobre sua história e com sua cultura a deixou fortalecida conforme se percebe na sua fala: “Ao contrário disso, não me deixei abalar, aprendi a me valorizar”.

Os depoimentos da jovem Jamilly comprovam o que foi exposto nas reflexões teóricas sobre a herança de um passado de exclusão e racismo a qual seu grupo social foi submetido, “cujos efeitos se refletem em suas vidas” (COELHO, 2013, p. 109), de forma que, além de lutar pela sobrevivência no espaço rural, se veem na tarefa cotidiana de superação dos estigmas (GOFFMAN, 2004), dos racismos, que se impõem como barreiras para usufruto de direitos franqueados às demais categorias integrantes da juventude rural. Tais depoimentos apontam o Samba de Cumbuca como espaço de resistência, sendo, assim, potencial para o fortalecimento das identidades racial e quilombola, onde os jovens aprendem a recontar a história do seu grupo social, entendendo os motivos de sofrerem racismos e a superá-los.

Outra jovem apresenta depoimentos semelhantes aos da Jamilly, denunciando que sofreu racismo “Na escola, lá em Salinas, as meninas não gostavam de mim e da minha irmã, sempre procuravam confusão. O porquê eu não sei, uma já bateu em nós. [...] nunca explicaram, até hoje, eu queria entender. Eu queria poder falar com elas, mas acho difícil, quando eu chego, elas saem.” E reconhece a importância de valorizar sua cultura: “é importante valorizar as tradições da nossa Comunidade como o Samba, a Capoeira e o Reisado são importantes porque as pessoas passam a reconhecer e valorizar a nossa história”. Assim, o Samba de Cumbuca gera sentido para sua vida: “comecei a participar do Samba de Cumbuca a partir do momento que vi os mais velhos, minhas as tias dançando, a partir daí viajei, conheci pessoas novas, grupos novos”.

A predominância da participação de mulheres nas atividades culturais, desde “as mais velhas” até as mais novas. Até mesmo no convite para colaborar nesta pesquisa, encontrei mais mulheres jovens dentro dos critérios para essa colaboração. Mas foi possível identificar um jovem, o Artur, que apresenta alguns elementos em sua fala comuns às outras:

Desde pequeno eu ouvia o meu avô tocar o Samba de Cumbuca, minhas tias participavam, minha mãe[...] aí eu comecei a gostar, comecei a frequentar e desse dia pra cá eu venho acompanhando o grupo de Samba e até hoje eu tô aí acompanhando, pra onde eles vão. Eu gosto de participar do Samba de Cumbuca por causa das viagens, meu avô toca e minhas tias dançavam e eu via elas participando e para mim é muito bom ver elas participando, e eu gostei do Samba por causa das viagens e eu conheci outras pessoas, outros grupos de quilombo. Eu acho muito importante a valorização do Samba de Cumbuca porque é uma tradição daqui da nossa Comunidade e aí nós já estamos sendo bem conhecidos por todo lugar que a gente passa as pessoas falam: olha aquele menino representa o Samba de Salinas. Eu acho muito importante isso, cara, não deixar a nossa cultura morrer e os jovens tinha que participar mais e valorizar mais da nossa cultura. (**Artur Galdino Damasceno, estudante do ensino médio e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca**).

Assim como as duas jovens, o jovem Artur destaca a importância de aprender as tradições culturais com “os mais velhos”, o que essa tradição cultural é essencial para a construção da autoestima dos jovens, que sentem orgulho de pertencerem ao grupo social afrodescendente, ao quilombo e ao referido grupo cultural. Referindo ao quilombo “e eu gostei do Samba por causa das viagens e eu conheci outras pessoas, outros grupos de quilombo”. Além disso, expressa, de forma enfática, a importância da participação dos jovens na alimentação dessa cultura para não deixá-la morrer: “Eu acho muito importante isso, cara, não deixar a nossa cultura morrer aí e os jovens tinha que participar mais e valorizar mais a nossa cultura”.

As músicas do Samba de Cumbuca trazem vivências e saberes da Comunidade, como demonstra as falas de Marcos Vinicius e de Dona Maria Flor:

Sobre as músicas do Samba de Cumbuca, quando a gente fala que essas músicas elas contam e cantam a história da Comunidade, as pessoas, da vivência, é porque são músicas do dia a dia. Quem fez essas músicas? Os antepassados, elas são músicas passadas de gerações por gerações. Tem músicas, algumas músicas, alguns versos que a gente coloca que são novos? Tem! Mas, elas são músicas que vem desde quando existiu o Samba de Cumbuca e aí a gente continua cantando as mesmas músicas. Por quê? Porque segundo a oralidade dos mais velhos, eles diziam que essas mulheres, esses homens, eles passavam o dia todo na labuta, na lavoura, passava o dia todo trabalhando, mas quando era noite, finalzinho da tarde, início da noite, eles sentavam, reunia todo aquele grupo de pessoas, sentavam na porta de suas casas e iam tocar Samba de Cumbuca até pegar o sol com a mão, ou seja, até o amanhecer do dia. Então eles tocavam Samba de Cumbuca e iam cantarolando as coisas do dia a dia. Nós vamos ter músicas do Samba de Cumbuca que pra quem conhece a história de Salinas, quem conhece a Comunidade, elas estão muito ligadas a essa história da Comunidade **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular)**.

E sobre a letra das músicas de Samba de Cumbuca, elas inventava assim, via um objeto, via um boi ou uma lagoa e elas formava aquelas músicas, as vezes tinha uma lagoa que tinha bastante piabinha aí elas cantava: “piabinha de lagoa, piabaê, piabaá, paturi avoador” e o paturi era os patos que tinha lá na lagoa, aí era assim que elas inventava as músicas.[...] Outra coisa, as mais velhas falaram que quem trouxe o Samba de Cumbuca foi umas negas veias que vieram da África fugida e aí chegaram e arranjaram aqui num lugar chamado Barriguda e aí elas ficavam, disse que trabalhando de dia e a noite elas iam tirar Reis, aí diziam assim: amanhã nós vamos pegar o sol com a mão. Aí faziam aqueles panos de fritos e amarravam e aí caía no mundo cedinho disse que pra pegar o sol com a mão, mas como que elas ia pegar? Aí, quando o sol ia alteando...aí elas voltavam, quando chegava num pé de juazeiro, um pé de pau que tinha sombra elas iam comer o frito e voltavam pra casa. Era assim que eu saiba, que disseram, mas eu num sei. Aí uma desses muié, chamava-se Úrsula, que era bisavó do meu esposo, aí a outra eu num tô lembrada o nome não, sei que diziam que eram duas irmãs, sei que ela teve um bocadão de filhos aqui. Esse povo de dentro aqui da Salinas, é tudo dessas duas veias, de uma família só, mas na hora de falar em quilombola num quer nem saber. **(Maria Florentina Pereira dos Santos, Dona Maria Flor, líder do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e educadora popular)**.

Entre as músicas, destaquei essa, seguida da explicação do seu significado por Marcos Vinicius:

Lá vem a barra do dia
E o dia amanheci já (2x)
Eu vi a piachou, piachou, xô,xô,xô, xá
E é no coco do cabelo Biruê
Biruê, Biruê, Biruá!
O povo tão dizendo que esse Samba acaba já
E ele vai de manhã (3x)

É de madrugada
 Cheguei agora povo todo tenha dó,
 Tenha dó do meu penar
 Eu vou me embora povo todo tenha dó
 Tenha dó do meu penar
 (Música: Lá vem a barra do dia)

Os mais velhos, os griots, os anciãos, contavam que faziam o Samba de Cumbuca para pegar o sol com a mão. Aí disse que eles saíam no rumo do nascente, faziam fritos, matavam as caças como tatu, lapixo (tamanduá), peba, tatu e fazia pano de frito, uma trouxinha e amarrava com o pano. Daí saíam com os tambores e cabaças e iam para o rumo do nascente e tocavam a noite toda. Quando era alta madrugada saíam e diziam que iriam pegar o sol com a mão. Porque na história dos mais velhos a África ficava onde o sol nascia, rumo ao nascente, Era para aquele povo um símbolo de liberdade, assim quem sabe um dia nós volta de onde nós viemos! Então, vamos seguir o sol, rumo ao nascente. Aí disse que eles andavam, andavam e cantavam. O sentido dessa palavra piachou ou biruê, não é traduzida para nós, é traduzida no sentido geral. Já cantando, às vezes cantamos assim: o dia viajou, viajou pra outro lugar. A gente acha que era isso que eles queriam dizer. Daí quando chegavam lá e viam que não conseguiam pegar o sol com a mão, já estava amanhecendo o dia, paravam num lugar, colocava as coisas de comê e cantavam essa música.

Cabelo biruê é o cabelo crespo, nesse sentido, é no coco da cabeça que o sol Dessa transmissão de pensamento, de energia, de saberes e fazeres culturais, sociais, religiosos. Então é essa resistência, é esse símbolo de pertencimento, que faz com que a voz que ecoa do Quilombo Salinas é a voz do Samba de Cumbuca, da piabinha da Lagoa, e de tantos e tantos cantos que estão contidos dentro da história do Samba de Cumbuca. Pegar o sol com a mão, o que a gente diz nas músicas do Samba de Cumbuca, simboliza liberdade, ir aonde quer. Porque como dizia os mais velhos, os negros e negras que aqui chegaram tocavam o Samba a noite toda, começava por volta de seis horas da tarde, tocavam a noite toda e quando era de madrugada eles saíam em rumo da nascente e diziam que iam tocar o Samba até pegar o sentido pegar o sol com a mão. Porque no processo de escravidão, no processo de opressão, o sentido pegar o sol com a mão, ir até onde o sol nasce, é o nascer de liberdade, o nascer do novo dia. Além do sofrimento que se tinha no processo de escravidão, mas tinha esse sonho. O negro não foi tornado livre, o negro se tornou livre, o negro lutou por sua liberdade. E são esses momentos fixos na história, ou volantes na história que faz com que essa liberdade seja uma liberdade guerreira, a liberdade do negro é uma liberdade guerreira. Então quando a gente diz lá vem a barra do dia, e o dia amanhece já e o dia viajou pra outro lugar. Mas a gente continua ali na resistência
 (Marcos Vinícius Ferreira, liderança quilombola e educador popular)

Outra música que merece destaque por representar a vivência da Comunidade é destacada aqui com a explicação de Marcos Vinícius:

Angico bota cacho aroeira bota pendão
 Eu morro e dou minha vida pelo nome de João

Aí aí meu Deus é hora é hora
 Ai aí meu Deus é hora é hora
 Eu não dei e nem mandei
 Nem deixei pra ninguém dá
 E eu num sou cerca de rama
 Para o fogo me queimar
(Música: Angico)

A música fala do Angico que bota um cacho de flor. E aroeira bota pendão em referência ao pé de angico a aroeira, que são plantas nativas da região, tanto usado para fazer cerca, como também, remédio. A casca é usada na medicina tradicional. O angico também tem a resina, ela é comestível e faz lambedor para gripe. Do angico, se usa a raiz, a casca, a resina e a madeira, que é usado para cerca e lenha. Hoje não se pode derrubar mais aroeira e angico. Serve para todo tipo de inflamação e ferida. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

A partir da escuta feita atentamente às pessoas da Comunidade Salinas envolvidas com as mobilizações sociais, dentre eles, os jovens, foi possível compreender uma das questões desta pesquisa, o papel do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca na construção da identidade afrodescendente dos jovens. Ficou evidente que o Samba de Cumbuca, como tradição mobilizadora da Comunidade, cumpre um papel importante no contato dos jovens, com sua história e cultura contada na interação com os mais velhos, no fortalecimento da identidade racial e quilombola, na construção da autoimagem positiva pessoal e coletiva, sendo referência para a formação da juventude em todos os sentidos.

3.3 O papel social dos jovens nos quilombos e os desafios dos jovens de Salinas na construção de sua identidade racial e quilombola

“[...] nós enfrentamos vários desafios, um dos desafios, nós temos que estar a toda hora provando para as pessoas a nossa capacidade de desenvolver as coisas. (Marcos Vinicius Ferreira, Comunidade Quilombola de Salinas)

No âmbito das comunidades quilombolas coexiste um misto de sujeitos que assumem responsabilidades diversas, dialogando sobre temáticas distintas, apesar da oscilação no contexto da escala etária, entre esses, há um destaque para a juventude que tem envidado esforços para a manutenção das tradições culturais, tentando compreender sua história, sua ancestralidade, sua ascendência presente nos elementos africanos que permeiam os modos de vida da Comunidade.

Historicamente, a juventude é concebida como uma fase de vida eivada de instabilidades, dúvidas, incertezas, anseios e problemas sociais oriundos de diversas instâncias, uma vez que não há hegemonia conceitual, tampouco pragmática. Nesse sentido, alguns autores visam em seus estudos, desconstruir o paradigma de uma juventude homogênea, salientando sua heterogeneidade nos aspectos de vivenciar nessa fase da vida em termos etários, experiências, dilemas e conflitos distintos, dependendo na pertença de classe, raça, gênero, etnia, religião etc. Entre esses autores, estão Bourdieu (1983), Pais (1990), Melucci (2007), Dayrell (2007), Freitas (2009, 2015) e outros.

Coelho (2013, p. 108) pontua que “compreender a juventude no seu tempo hoje requer entender as representações sociais em torno dela desde quando foi classificada fase da vida pela ótica da modernidade”. Bourdieu (1983) concebe essa categoria como grupo que, embora a faixa etária seja a mesma, os interesses são distintos, de acordo com o nível de pertencimento de classe, destacando, sobretudo, as diferenças entre os jovens operários e os jovens pertencentes às camadas mais privilegiadas, pois configura-se como construção social que pode ser manipulada de acordo com o tempo histórico, a cultura e os interesses sociais. Isto é, a concepção de jovem é o resultado da compreensão de determinada sociedade, não sendo, portanto, hegemônica. Dayrell (2007) entende que existem muitas lacunas nesse campo e que os estudos feitos fazem recortes da realidade que dificultam a sua compreensão como sujeitos. Essa visão do referido autor conflui com a preocupação de Freitas (2009, p. 2) quando denuncia essa homogeneização nos modos de vivenciar essa fase e enfatiza a necessidade de “desconstruir a ideia de uma juventude única marcada pelos mesmos interesses, práticas e valores”. A esse respeito, Pais (1990, p. 139) apresenta preocupação semelhante à de Freitas (2009) ao defender que “a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude”.

A partir dessas discussões, é possível afirmar que não é tarefa simples falar sobre juventudes, já que existem estudos em perspectivas diferentes e tem crescido o interesse por essa categoria, exatamente pelo alargamento das questões que a envolvem. No entanto, o foco da maioria dos estudos tem sido os jovens urbanos. Segundo evidencia Freitas (2009),

Até o início dos anos 2000, a maioria dos estudos sobre juventude tomava como foco os jovens urbanos. Os jovens rurais, ausentes dos debates que incluem as juventudes, eram “invisíveis” e apareciam como apêndices das discussões sobre agricultura, quando, a partir do final da década de 1990, constatou-se o envelhecimento e a masculinização da agricultura brasileira [...] uma vez que a imagem de um jovem desinteressando pelo meio rural

dificulta a compreensão de outros processos e demandas sociais nos quais esses jovens estão envolvidos. Olhar apenas para os que vão embora faz com que não se percebam os que ficam para tentar entender como e por que ficam (p. 188).

Percebemos que a autora destaca a relevância do jovem que permanece no meio rural. No caso específico do Quilombo Salinas, não se trata apenas de jovens do meio rural, mas de jovens que, além dessa peculiaridade, são também afrodescendentes e quilombolas, outra condição social que particulariza dentro da categoria juventude rural. Apresentam como diferencial uma ancestralidade marcada pela escravidão, cujos efeitos se refletem em suas vidas e geram demandas e tipos de atuação na luta cotidiana contra os racismos e buscas dos direitos negados historicamente ao seu grupo social.

Além das atividades comuns aos demais jovens rurais, assumem outras, condicionados pela herança histórica de exclusão. Logo, inscrevem-se como sujeitos sociais (DAYRELL, 2007) por participarem ativamente das lutas contra os racismos e pelos direitos sociais, entre eles, o direito de se manterem no seu território, onde se estabeleceram seus ancestrais, por força do processo de colonização. Esses jovens entendem-se como pertencentes a esse grupo social, que busca ressignificar seu território, refazendo “os vínculos históricos importantes para a reafirmação da sua identidade” (COELHO, 2013, p. 110).

Importante salientar que os jovens quilombolas a que nos referimos aqui, por pertencerem a esse segmento racial historicamente invisibilizado como sujeitos de ação, vivenciam as tensões sociais por meio da participação das lutas pela cidadania, buscando compreender os processos históricos passados e presentes envolvendo seu grupo social. (COELHO, 2013, p. 110). Logo, se os jovens rurais amadurecem mais cedo condicionados pelas estruturas injustas impostas aos camponeses, mais ainda se pode dizer dos jovens quilombolas, por terem que, além de lutar pela sobrevivência no espaço rural, se veem na tarefa cotidiana de superação dos estigmas (GOFFMAN, 2004), dos racismos, que se impõem como barreiras para usufruto de direitos franqueados às demais categorias integrantes da juventude rural.

Essas questões instigam a compreender o quanto é desafiador o processo de formação da identidade dos jovens quilombolas, que mesmo compreendendo seu pertencimento ao seu grupo social, tem sua identidade em transição, na conjuntura de reconfiguração dos quilombos, em que incompreendidos por outros sujeitos, convivem com estranhamentos e preconceitos, que se acumulam pelas duas condições sociais historicamente inferiorizadas: ser do campo (rural) e ser afrodescendente, especificamente, quilombola.

Considerando as concepções equivocadas e preconceituosas de quilombos, como lugares de atraso e do passado, esses jovens podem ser mais invisibilizados ou visibilizados de forma estereotipada, de forma que, quando se apresentam, “são identificados a partir de estigmas cristalizados, como os de jovens sem formação, de cultura inferior, incapazes de resolver seus problemas ou alheios ao mundo do conhecimento” (COELHO, 2013, p. 110).

Esses estigmas que ainda atravessam a existência dos jovens quilombolas têm relação com o que Moura (1981) expõe sobre a forma como a historiografia oficial tratou a questão dos afrodescendentes. Segundo ele, os autores impregnados da ideologia colonizadora, com sua literatura, contribuíram para reforçar estereótipos sobre os afrodescendentes, que até hoje povoam o inconsciente do povo brasileiro, tornando difícil a percepção da luta permanente dos afrodescendentes por cidadania. Por isso, não são vistos como sujeitos de luta, que provocaram rupturas substanciais na estrutura da sociedade, mas vistos como sujeitos passivos.

No Quilombo Salinas existe uma quantidade significativa de jovens que atuam em diversas frentes: atividades sócio reivindicatórias, produtivas e econômicas, mas o destaque é no aspecto cultural, participando como membros do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, Capoeira de Quilombo, entre outros. Segundo levantamento desta pesquisa, são em torno de 20 jovens que participam atualmente do Samba de Cumbuca. Tomamos a categoria juventude neste estudo, segundo a acepção teórica de autores que problematizam a compreensão do termo, que, durante muito tempo recebeu um único significado, como se houvesse uma homogeneidade, ou seja, apenas um modo de ser jovem. Isso seria desconsiderar a diversidade da realidade brasileira quanto a essa categoria e anular as muitas existências historicamente já invisibilizadas por diversos fatores.

Os jovens da Comunidade Salinas têm suas peculiaridades, que torna mais desafiadora suas vidas, devido à sociedade etnocêntrica e eurocêntrica ter imposto uma condição de inferioridade e desumanidade (MOURA, 1988) ao seu grupo social, gerando os estigmas cujos efeitos ecoam ainda nas relações sociais, expressos nos racismos como bem mostrou esta pesquisa. Contudo, os/as jovens demonstram conhecimentos sobre a história do seu grupo social, entendendo sua própria história, os processos geradores desses racismos bem como as lutas dos seus ancestrais, que se aquilombaram como uma das formas de resistências ao sistema escravismo, compreendendo, assim, o motivo de serem jovens quilombolas. Por isso, manifestam sentimento de pertencimento a esse grupo e continuam a busca por transformação social, exercendo o papel de sujeitos sociais (DAYRELL, 2007) na luta pela manutenção das existências e dos modos de vida no quilombo, preservação das

tradições culturais e enfrentamento das novas colonizações, das novas formas de opressão a que esses/as jovens e sua comunidade ainda são submetidos. As falas dos/as jovens trazem, em síntese, qual seu papel social e os desafios enfrentados:

Por se jovem, negro, quilombola e morar numa comunidade a gente encontra muita dificuldade: a falta de acesso a uma educação de boa qualidade, por ter que sair da minha Comunidade para estudar em Simplicio Mendes e aqui não ter o ensino médio. O que nos ajuda a enfrentar esses desafios é o Samba de Cumbuca e a Capoeira que com eles a gente consegue vários projetos para a Comunidade. Por ser jovem e negro, nós jovens sofremos muito preconceito por causa da nossa pele, da nossa roupa, do estilo de música que nós gostamos de ouvir. Participar do Samba, conhecer a nossa história, nos ajuda a combater todo esse preconceito. **(Artur Galdino Damasceno, estudante do ensino médio e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca).**

Meu nome é Claudia Galdino Ferreira. Moro na Comunidade Quilombola Salinas, tenho 27 anos, sou trabalhadora rural, solteira, tenho duas filhas, tenho o ensino médio completo, faço parte do Samba de Cumbuca da Comunidade Quilombola Salinas. Minha dificuldade aqui na Comunidade, minha não, a nossa dificuldade do jovem aqui da Comunidade, é porque quando termina o ensino fundamental, nós precisamos sair daqui para Campinas do Piauí, meio dia, horário quente, carro aberto. E eu tenho duas filhas, pra mim é uma dificuldade, mas mesmo assim eu não desisti, eu tenho que mostrar tal exemplo para elas. Pode é ter dificuldade, mas a gente vence as dificuldades, graças a Deus eu estou vencendo. Tinha dia que nós alunos chegava cheio de terra por que a estrada não tem asfalto é cheia de buracos. Nós chegava na escola cansado, muitas vezes não dava tempo de comer em casa e as merendas da escola não são boas, mais mesmo assim não desisti, fui em frente. **(Claudia Galdino Ferreira, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, concluiu o ensino médio em 2009).**

Meu nome é Geovana Galdino Sobreira, tenho 15 anos, moro na Comunidade Salinas, estou fazendo o 1º ano do ensino médio, na cidade de Campinas do Piauí. Se no currículo escolar ensinasse as nossas culturas e tradições, aprenderíamos desde criança a nos valorizar. Participar dos grupos culturais, conhecer e valorizar a nossa história nos ajuda a combater toda e qualquer prática de discriminação racial. Por sermos jovens negros sofremos racismo por conta da cor da nossa pele, do nosso cabelo e até mesmo pelo estilo de música que ouvimos. Nós jovens de Salinas enfrentamos várias dificuldades. Essas dificuldades começam ainda na Comunidade, como a falta de água, de um espaço para praticar esportes e outras atividades. Além de nossa escola não ter uma estrutura adequada, faltam salas de aula, não tem ensino médio. Quando terminamos o ensino fundamental temos que deslocar para outros municípios para continuar os estudos. Valorizar as tradições da nossa Comunidade como o Samba, a capoeira e o Reisado, são importantes porque as pessoas passam a reconhecer e valorizar a nossa história. Além de que, esses grupos buscam projetos importantes para a Comunidade. Eu comecei a participar do Samba de Cumbuca a partir do momento que vi os mais velhos, minhas as tias dançando, a partir daí viajei, conheci pessoas novas, grupos novos. **(Geovana Galdino Sobreira,**

estudante do ensino médio e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca).

Ao sair da minha Comunidade para estudar em Simplício Mendes, fui vítima de racismo por conta da minha cor de pele e do meu cabelo. Ao contrário disso, não me deixei abalar, aprendi a me valorizar, inclusive recebi o certificado de aluna nota 10. Para que outras pessoas não passem pelo que eu passei, é necessário que a escola fale sobre a nossa cultura e sobre a nossa história, assim outras pessoas aprenderiam a se valorizar. Uma outra dificuldade é em relação ao deslocamento para esses municípios por conta da precariedade das estradas e do transporte escolar. **(Jamilly Galdina Sobreira, estudante do ensino médio e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca).**

As falas dos jovens nos fazem refletir inicialmente sobre a preocupação de Freitas (2009, p. 2) em relação à homogeneização a diversidade das juventudes, enfatizando a necessidade de “desconstruir a ideia de uma juventude única marcada pelos mesmos interesses, práticas e valores”, para que as vozes dos jovens desta pesquisa e outras categorias não sejam invisibilizados ou visibilizados de forma negativa, a partir de estereótipos. É possível identificar algumas características desses jovens em suas falas: “negro, quilombola” (Artur); “sou trabalhadora rural”, “solteira”, “tenho duas filhas” (Claudia). Além disso, identificaram-se como estudantes, integrantes dos grupos culturais (como o Samba de Cumbuca e a Capoeira) e agentes na luta pela valorização da sua cultura e da sua história. Por isso, Pais (1990, p. 139) defende que “a teoria sociológica se vê cada vez mais confrontada com a necessidade de estabelecer rupturas com as representações correntes da juventude”.

Comentado [NLM5]: O termo pode melhorar?

Devido a ideia da “juventude única”, esses jovens sofrem estranhamentos por parte de outros grupos, devido seus modos de vida, sua cultura, seus caracteres físicos e a tradição racista da sociedade brasileira, construída a partir do eurocentrismo, que impôs o etnocentrismo. Um dos aspectos comuns nas falas dos jovens são os eventos de racismo por eles sofridos aos saírem da Comunidade para estudar na cidade: “Ao sair da minha Comunidade para estudar em Simplício Mendes, fui vítima de racismo por conta da minha cor de pele e do meu cabelo”. Outra: “Por sermos jovens negros sofremos racismo por conta da cor da nossa pele, do nosso cabelo e até mesmo pelo estilo de música que ouvimos”. E ainda: “Por ser jovem e negro, nós jovens sofremos muito preconceito por causa da nossa pele, da nossa roupa, do estilo de música que nós gostamos de ouvir”.

Considerando esses ataques às suas identidades, a população afrodescendente (SANTOS, 2007), está em luta permanente por cidadania. Logo, os jovens da Comunidade Salinas têm assumido o seu papel de sujeitos sociais. Conscientes das condições desumanas a que seus ancestrais foram submetidos no passado, buscam compreender porque os reflexos

disso no presente. Por isso, reconhecendo-se quilombolas, integram-se ao Movimento Quilombola, mobilizando os mais velhos, que guardam a história dos ancestrais e as tradições culturais, para construírem um movimento único em torno da recuperação do seu território, em que essas tradições culturais são instrumentos de mobilização. Entre essas tradições, está o Samba de Cumbuca, em torno da qual, entrecruzam-se todas as lutas: “participar dos grupos culturais, conhecer e valorizar a nossa história nos ajuda a combater toda e qualquer prática de discriminação racial”. Foi o que afirmou também a jovem Jamilly: “Sobre os projetos, pra mim foi muito gratificante participar de cada um deles. Acho que me tornei outra pessoa. A me assumir, da minha cor, do meu jeito ser, de falar, de vestir, do meu cabelo também. ” Assim, a formação social dentro das lutas cotidianas, mobilizadas pelas tradições culturais, faz que os jovens identifiquem os racismos, compreendam os motivos históricos de existirem e o enfrentam. O combate ao racismo parece ser a tarefa primeira e que, segundo Carneiro (2005), esse racismo, que se consolidou pela necessidade de o colonizador dominar, precisa ser desnaturalizado e desfeita a concepção de supremacia branca, que o engendrou.

À medida que vão se apropriando de conhecimentos sobre seus direitos garantidos nas leis, esses jovens têm buscado os projetos socioculturais para a manutenção da juventude no seio da Comunidade, evitando, assim, um processo migratório intenso que acarretaria em prejuízos para a construção do processo histórico, social, cultural e educacional da Comunidade. Atualmente, um número considerável de jovens continua no Quilombo, envolvidos ativamente nos projetos socioculturais como Cultura e Cidadania de Quilombo, Projeto Sambinha de Cumbuca: minha identidade (voltado para as crianças, tendo jovens como mentores e professores, além de aulas de violão e informática), Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, Capoeira de Quilombo, Reisado, dentre outros.

A realização dessas atividades resultou em visibilidade para o Quilombo Salinas, a partir da iniciativa de um jovem nativo, Marcos Vinícius Ferreira, que, ao retornar para a Comunidade, após anos de estudos em outro município, Oeiras (PI), desencadeou um movimento de resignificação do Samba de Cumbuca, tendo se apresentado em vários estados da federação, culminando com a premiação da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro – OMC¹⁷ pelo Ministério da Cultura – MinC, em Recife-CE, no ano de 2011, conforme Diploma expedido pelo referido Ministério (Anexo 05). A entidade é uma das mais significativas expressões culturais das comunidades quilombolas do Piauí, com mais de 100 anos de tradição na preservação da manifestação artístico-cultural, tendo sido inserida no Inventário

¹⁷A maior condecoração da cultura brasileira que, homenageia pessoas, entidades públicas e privadas, nacionais e estrangeiras, por suas relevantes contribuições prestadas nesta área.

Nacional de Referências Culturais- INRC do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no ano de 2009, em parceria com a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí – CECOQ-PI. Todo esse processo contribuiu para que a Comunidade se autodeclarasse como quilombola e, em 2010, a Fundação Cultural Palmares conferiu a certidão de autodefinição como comunidade quilombola (Anexo 01).

Figura 24 – Condecoração da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro - OMC



Fonte: Arquivo da pesquisadora

Em todos os programas e projetos realizados pela referida Comunidade, a participação da juventude se mostra imperiosa enquanto protagonistas desse processo, embora sem apoio da esfera pública, que vem negando direito à educação, inclusive com o fechamento do ensino médio, em 2013, que funcionava na modalidade TELESSALAS na Comunidade.

Apesar desses entraves, a juventude de Salinas continua implementando suas lutas, em busca de reconhecimento e resgate identitário, pois “pelo que fazem e a maneira como fazem, os movimentos anunciam que outros caminhos estão abertos, que existe sempre outra saída para o dilema, que as necessidades dos indivíduos ou grupos não podem ser reduzidas à definição dada pelo poder” (MELUCCI, 2007, p. 41).

O Marcos Vinicius Ferreira, sendo um dos principais jovens que desencadearam as atividades de mobilização para o reconhecimento da Comunidade como quilombola, aponta um dos desafios, para os jovens que estão à frente dos Projetos, que é sempre provar a sua capacidade, ter sempre seus conhecimentos colocados em questão:

Mas dentro de tudo isso por ser jovem, quilombola, e a gente tá aí diante da Associação e como eu disse estou eu e Cleane na Secretaria de Cultura, eu como secretário e Cleane como assessora de desenvolvimento de projetos culturais, nós enfrentamos vários desafios, um dos desafios, nós temos que estar a toda hora - poderia essa não ser a fala - provando para as pessoas a nossa capacidade de desenvolver as coisas. Nós temos aí alguns projetos que

tem instituições que tentam menosprezar o nosso conhecimento, desde 2009 toda essa história. Desde 2009 a gente estar envolvido nessa história. Tem instituição que vira pra gente e diz assim: mas vocês sabem elaborar um projeto? Vocês sabem fazer uma prestação de contas? Não quer que alguém vai aí mostrar pra vocês como é que faz não? Ah, vem aqui em Oeiras, vem aqui em lugar tal para nós dar uma aula pra vocês? Não que não seja importante uma capacitação, mas não é nesse sentido, é no sentido como se nós não soubéssemos fazer. É no sentido como nós vamos mandar alguém aí pra mostrar pra vocês como é que faz. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

Um aspecto importante a destacar na fala de Marcos Vinicius são os preconceitos que ainda atravessam a relação dos jovens com espaços sociais como “instituições”, que ao convidá-los para certas atividades, segundo ele “nós temos que estar a toda hora - poderia essa não ser a fala- provando para as pessoas a nossa capacidade de desenvolver as coisas”.

A participação dos jovens da referida Comunidade os credencia ao grupo de sujeitos sociais (DAYRELL, 2007) com atuação em várias frentes, tendo como foco o combate aos racismos, a afirmação da identidade afrodescendente e quilombola, a ressignificação e valorização dos elementos históricos e culturais que constituem a referida Comunidade, sendo imperioso reiterar que o Quilombo Salinas ganhou projeção nacional devido à atuação de jovens comprometidos com a melhoria do espaço nos aspectos culturais, sociais, econômicos e de manutenção e valorização das idiossincrasias da cor local. Dessa forma, evidenciamos o protagonismo dos jovens como símbolo de lutas e resistência na manutenção da Comunidade como lócus e habitat, perspectivando, ainda, perenizar as tradições culturais advindas do processo diaspórico do continente africano.

Na resistência cotidiana para acessar os direitos e preservar seus modos de vida, suas tradições, esses jovens expõem os entraves e dificuldades, além do racismo gerado pelo eurocentrismo, encontrados durante o processo de ressignificação dos traços identitários e culturais da Comunidade: “Uma outra dificuldade é em relação ao deslocamento para esses municípios por conta da precariedade das estradas e do transporte escolar”.

Devido ao próprio Estado não considerar as peculiaridades desses jovens, eles sofrem para conseguir a sua formação escolar, tendo que se adequar às condições ofertadas aos demais jovens. Parece até que o problema não seja a falta de escolas, mas terem nascido numa Comunidade Quilombola. Outros desafios são “a falta de água, de um espaço para praticar esportes e outras atividades”, “a nossa escola não ter uma estrutura adequada, faltam salas de aula, não tem ensino médio; e o “deslocar para outros municípios para continuar os estudos” após concluir o ensino fundamental.

Um outro desafio na formação da identidade racial e quilombola apontado por um dos jovens é a escola não considerar as necessidades de formação desses jovens: “Se no currículo escolar ensinasse as nossas culturas e tradições, aprenderíamos desde criança a nos valorizar. Participar dos grupos culturais, conhecer e valorizar a nossa história nos ajuda a combater toda e qualquer prática de discriminação racial”. A fala da jovem mostra a sua consciência de que a identidade não está apenas na cor, nos caracteres fenotípicos da raça biológica e nem os atributos a esta pela raça social, mas a identidade é um conjunto subjetivo de significados próprios aos grupos de mesma identidade, um conjunto de práticas sociais e culturais (CUNHA JÚNIOR, 2005). Os jovens demonstram saber disso, por isso promovem ações e delas participam compreendendo cada vez mais de si e dos significados do quilombo em toda a sua complexidade e sua relação com os outros espaços sociais e institucionais.

Os jovens da Comunidade Salinas querem um rompimento epistemológico com as práticas que os fazem objetos de pesquisa e reivindicam o seu lugar na (re) contação da história do seu povo, das suas histórias, como apreço na fala de Marcos Vinicius:

A Naira ela não é só uma professora, ela não é só aluna, ela é uma pessoa da Comunidade, ela é uma pessoa que sempre esteve com a gente desde o começo da nossa história. É uma pessoa que se identifica com o Samba de Cumbuca, se identifica com a história do Quilombo, é como a gente diz é uma branca de alma negra. A identidade, lutar por uma causa não tá ligada a cor da pele. E Naira sempre lutou junto com a gente por essa causa. Por isso que quando ela nos chama pra fazer um trabalho e diz olha eu tô fazendo um trabalho e quero falar de Salinas, muito nos honra, porque saber que uma pessoa que convive com a nossa história, convive com o nosso quilombo, e quer materializar isso. Porque nós costumamos dizer tanto no Quilombo Salinas, como em todos os quilombos, nós não somos extraterrestres, nós não somos fósseis, nós não somos objetos de pesquisa, nós somos pessoas que temos conhecimento a transmitir. Então, quem vem a Comunidade não vem pesquisar, nós não somos fóssil de um dinossauro ou um extraterrestre, quem vem para a Comunidade vem trazer e levar conhecimento. Então, nós somos autores e atores de nossa própria história. Ninguém precisa escrever a nossa história, ninguém precisa pesquisar a nossa história, precisa conhecer, valorizar a nossa história. E quando a gente aceita fazer esse trabalho junto com a professora Naira é porque a gente entende que não é uma pesquisa, é uma valorização da nossa história. **(Marcos Vinicius Ferreira, liderança quilombola e educador popular).**

A fala de Marcos Vinicius traduz o sentimento de pertencimento, o empoderamento dos jovens de Salinas, que consciente do seu papel social e fortalecidos em suas identidades (jovens, afrodescendentes, quilombolas, do campo, do Samba de Cumbuca), desafiam-se a assumir o seu lugar, contando a própria história: “Então nós somos autores e atores de nossa própria história. Ninguém precisa escrever a nossa história, ninguém precisa pesquisar a nossa história, precisa conhecer, valorizar a nossa história”.

A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO



Grupo de Tradições Culturais Samba da Cumbuca

4 A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

“ A Sociologia é um dos espaços importantes para desconstruir esses racismos, desconstruir a ideia de superioridade eurodescendente, desmanchando a ideia de inferioridade do povo afrodescendente. ” (Professora Raimunda F. G. Coelho)¹⁸

Neste capítulo, discuto sobre o ensino de Sociologia no ensino médio, apresentando a sua trajetória na educação brasileira, evidenciando aspectos relevantes acerca de sua manutenção no currículo escolar em âmbito nacional. Fiz uma abordagem sobre educação/educações, Sociologia e afrodescendência, no bojo das discussões atuais, ensejando relacionar a educação escolar, através da Sociologia no ensino médio e a educação social, por meio das atividades socioeducativas desenvolvidas no Quilombo Salinas, no que tange às relações sociorraciais na constituição da identidade afrodescendente. Apresento o que se encontrou sobre o ensino de Sociologia e sua relação com o contexto social dos jovens. E, por fim, proponho uma contribuição para a inclusão dos saberes da Comunidade no currículo escolar, como material sugestivo para uso e aplicabilidade na disciplina de Sociologia, em forma de vídeo documentário.

Comentado [NLM6]: Pode melhorar?

4.1 O ensino de Sociologia no ensino médio e sua trajetória marcada por intermitências e resistências

A Sociologia como disciplina no ensino médio do sistema educacional brasileiro é uma das temáticas que se encontra em larga expansão, porque configura um momento de reflexão teórica e metodológica da necessidade de seu ensino, perseguindo status de disciplina no contexto da educação básica. Contudo, essa consolidação da Sociologia como disciplina no currículo escolar não tem sido um percurso tranquilo, mas marcado por intermitências e resistências (MORAES, 2010).

Nesse sentido, resgatar um pouco a memória do percurso da disciplina Sociologia na história da educação brasileira, ajuda a entender que a sua expansão não significa consolidação definitiva da disciplina ou de seus conteúdos nas escolas, devido as questões políticas e ideológicas envolvidas. Porém, uma luta no sentido de reconhecer que ainda temos

¹⁸Em entrevista para o vídeo documentário, produto desta pesquisa.

que estar atentos às reformas educacionais, que na maioria das vezes, implicam em retrocessos ao invés de avanços.

As questões políticas e ideológicas estão relacionadas ao objeto de ensino da Sociologia, principalmente, porque diz respeito a compreensão da estrutura da sociedade brasileira, tecida a partir de processos de dominação e colonização, em que o sistema educacional é um dos aparelhos ideológicos de controle do estado para os interesses das classes dominantes (ALTHUSSER, 1985). Logo, o currículo escolar, neste contexto é um território em disputa (ARROYO, 2011) permanentemente, visto que, dependendo do que oferece servirá a um ou outro grupo social.

No Brasil a educação escolar desde a sua origem esteve a serviço da classe dominante (FREIRE, 1995) e tem servido para reprodução das desigualdades sociais (BOURDIEU, 1992). Assim, para esses autores a cultura escolar, torna-se, essencialmente a cultura imposta como legítima pelas classes dominantes, agravando os prejuízos que a sociedade sofreu ao longo dos anos pelo fato da Sociologia ter ficado fora do espaço escolar, uma vez que é no ambiente escolar onde se deve formar o cidadão crítico, analítico e reflexivo, em que a Sociologia em muito contribui para a formação desse sujeito de sua própria história.

Comentado [NLM7]: Acho que dá pra melhorar aqui tbm

A partir do século dezenove, tem-se início o ensino das Ciências Sociais no Brasil. Ao longo desse tempo todo, quase mais de um século, o processo de institucionalização contou com lutas por autonomia da Sociologia que se estenderam até os dias de hoje. Podemos afirmar que foi com a sua inclusão, como disciplina da educação secundária, no período de 1925 a 1941, que identificamos evidências de institucionalização e sistematização de uma ciência da sociedade (BRASIL, 2010) tão necessária para o desenvolvimento pleno dos alunos da escola média que se encontram no período de construção e solidificação da consciência política, social e cultural.

Dessa forma, após um período de expansão da disciplina e de seus conteúdos nos currículos escolares desde a década de 1980, após 1984 em alguns estados do país e, em seguida em 1996, em todo o país como resultado da promulgação da Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que normatizou a obrigatoriedade do ensino de Sociologia nas escolas do ensino médio, bem como o Parecer CNE/CEB 38/2006, a lei 11.648/2008 e a Resolução CNE/CEB nº01/2009, impondo a necessidade de uma discussão ampla a respeito da formação dos professores da disciplina e encaminhamentos para o apoio de seu trabalho em sala de aula nos currículos da escola média.

A presença da Sociologia como componente curricular no ensino médio tem suscitado muitas discussões. Além dessa justificativa que tem se pronunciado constantemente “formar o cidadão crítico”, compreende-se que há outras mais objetivas decorrentes da concretude que a Sociologia pode contribuir para a formação do jovem brasileiro: quer aproximando esse jovem de uma linguagem especial que a Sociologia oferece, quer sistematizando os debates em torno de temas relevantes, dados pela tradição ou pela contemporaneidade. A Sociologia, como espaço de realização das ciências sociais na escola média, pode oferecer ao aluno, além de informações próprias ao campo dessa ciência, resultados de pesquisa mais diversas que acabam modificando as concepções de mundo, de economia, da sociedade, do outro, isto é, do diferente, de outra cultura, tribo, país, etc. (BRASIL, 2006).

A consolidação do ensino de Sociologia no ensino médio com a Lei 11.648/2008, uma conquista dos grupos sociais subalternizados e as ameaças de extinção no contexto atual, é prova de que as disputas pelo currículo estão atreladas aos interesses econômicos. Como se observa a partir de vários autores que identificam grupos sociais que se firmaram como classe dominante, mantendo o controle do sistema educacional. Essas reflexões instigam a compreender porque esses conflitos e intermitências marcam a existência da referida disciplina e estão relacionados à sua própria natureza, uma vez que questiona as estruturas sociais vigentes.

Esse quadro atesta as fragilidades porque passa o ensino nas escolas brasileiras, notadamente no interior dos Estados, onde o acesso à educação propriamente dito é comprometido, em que há ausência de políticas públicas efetivas nos diversos segmentos, como saúde, segurança pública, sobretudo educação. Nos referidos municípios ainda há pouco incentivo do poder público para a abertura e manutenção de escolas do ensino médio nas zonas rurais, sobretudo, aquelas mais povoadas, como é o caso em estudo, e isso tem provocado anos de atraso em não vislumbrar um futuro melhor através da educação.

4.2 Educação/educações, Sociologia e afrodescendência

Um dos aspectos importantes deste estudo é investigar se a educação escolar, através da disciplina de Sociologia, no âmbito do ensino médio, contribui para a percepção das relações sociorraciais e construção da identidade afrodescendente, uma vez que, a partir da

análise da educação brasileira, desde o período colonial até os dias atuais os afrodescendentes foram excluídos da educação formal como salienta Silva e Silva:

[...]por mais de duzentos anos, os africanos escravizados não tiveram nenhum tipo de oportunidade de estudo formal. Inicialmente, o processo de alfabetização nos negros se deu em base de atos de caridade e, quando muito, de filantropia. (2005, p. 195).

Isso significa que aos afrodescendentes era negado o direito constitucional de todo cidadão brasileiro de acesso à educação, acarretando em prejuízos sociais, econômicos, culturais e educacionais, implicando num processo severo de desigualdade e exclusão social. Essa é uma das questões mais candentes que envolvem o negro e a educação e que se refletem nos indicadores de evasão escolar, em especial de meninos e jovens negros (CARNEIRO, 2005).

Assim, entendemos que o ato de educar é uma necessidade vital das pessoas, pois proporciona significados para a existência humana, abrangendo a totalidade do ser humano a partir de pensamentos, ações e sentimentos que desembocam em diferentes lugares e espaços, em atividades e formas de ensinar e aprender (BRANDÃO, 2012). Nesse sentido, a concepção de educação imbricada nesse estudo, extrapola a visão simplista de transmissão de conhecimentos, mas uma construção dialógica dos saberes sendo o educador o mediador e facilitador do processo ensino-aprendizagem (FREIRE, 1995), em que a perspectiva analítica e crítica é o fio condutor desse processo. Isto posto, a Sociologia assenta-se nessa proposição:

[...] um papel central que a sociologia realiza é a desnaturalização das concepções ou explicações dos fenômenos sociais. Há uma tendência sempre recorrente a se explicarem as relações sociais, as instituições, os modos de vida, as ações humanas, coletivas ou individuais, a estrutura social, a organização política, etc., com argumentos naturalizadores (BRASIL, 2006, p. 105).

Consideramos a educação em diferentes perspectivas, concordando com Brandão (2012) que afirma haver uma educação que se instituiu e se consolidou como oficial, sendo oferecida nos espaços escolares, “locais especializados para ensino, onde especialistas em ensinar fariam seu trabalho” (BRANDÃO, 2012, p.24). Contudo, antes dessa educação havia e ainda há outras formas de saberes, surgidas da necessidade de sobrevivência e manutenção da cultura dos grupos sociais, que Brandão (2012) denomina de educações, pois os modos de ensinar e aprender específicos em determinados espaços e situações ultrapassam a concepção de escola, de ensino formal que se detém na atualidade.

No decorrer da existência humana, sempre se buscou por alternativas em prol do conhecimento, a partir de diferentes processos e espaços educativos, como salienta (BRANDÃO, 2012, p.24), que “locais especializados para ensino, onde especialistas em ensinar fariam o seu trabalho é uma criação muito tardia do homem”, ou seja, a produção do conhecimento formal surge a posteriori, impulsionada pela necessidade de sobrevivência e manutenção da cultura dos diversos grupos sociais.

O aprender e o ensinar exigem interações entre sujeitos e grupos de categorias diferenciadas, mesmo não sendo inicialmente planejadas com finalidades educativas, pois acontecem de maneira espontânea, em meio à ordem natural da vida e em diversos espaços “em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar ”num movimento de alternância onde ora se ensina, ora se aprende, “para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação” partindo da premissa de que “ninguém escapa da educação”(BRANDÃO, 1985, p. 7), seja escolar ou social.

A Constituição Federal, em seus artigos 215 e 242, garantem o reconhecimento da pluralidade étnica do país e o ensino das contribuições das diferentes etnias na formação da sociedade brasileira. Assim, vale salientar iniciativas do governo que contemplam essa perspectiva; o Ministério de Educação e Cultura – MEC, em 1997, propôs através dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN, algumas alternativas de abordagens temáticas de relevância social, entre elas, o tema Pluralidade Cultural, valorizando as peculiaridades de grupos raciais e culturais. A Lei Federal nº 11.645 de 10 de março de 2008, que modificou a redação da Lei 10.639 de 2003, sobre a obrigatoriedade dos conteúdos da história e da cultura afro-brasileira, introduz os temas de luta dos movimentos sociais da população afrodescendente. Para a implantação dessa legislação, foram criadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana/2004, que trazem como princípios norteadores: consciência política e histórica da diversidade, fortalecimento da identidade e de direitos, ações educativas de combate ao racismo e à discriminação.

Além disso, no âmbito do campo destinado às ciências humanas e sociais aplicadas no ensino médio: competências específicas e habilidades, a Base Nacional Curricular Comum – BNCC apresenta diretrizes para o ensino das ciências sociais nos próximos anos. No tocante à competência 5 do referido documento, que enseja: “reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os direitos humanos” (BRASIL, 2019), consistindo numa reflexão

acerca dos fundamentos éticos em diferentes culturas, estimulando o respeito às diferenças, sejam culturais, religiosas, étnico-raciais, dentre outras.

Quando se trata de comunidades quilombolas, esse ensino de Sociologia deve se fundamentar também nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (BRASIL, 2012), que orienta as práticas de ensino para o conhecimento da história da África e uma releitura da história do Brasil. As comunidades quilombolas possuem dimensões educacionais, sociais, políticas e culturais significativas, com particularidades no contexto geográfico e histórico brasileiro, tanto no que diz respeito à localização, quanto à origem. Assim, a disciplina Sociologia é potencial para a discussão e aprendizado das questões de identidade racial e quilombola. Dessa forma, haverá a possibilidade de toda a comunidade escolar e seus diferentes sujeitos afrodescendentes ou não; quilombolas ou não compreenderem tais questões.

A ressignificação da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos negros, mas a toda sociedade, inclusive a branca, pelo fato de ter recebido uma educação permeada de preconceitos, racismo e discriminação (MUNANGA, 2005, p. 16). Além disso, reiterando que “a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional” (IDEM, 2005, p. 16).

Nesse sentido, consideramos que o processo de construção da identidade social no contexto da referida Comunidade, espelha a maneira como se efetiva a relação entre o indivíduo e a coletividade, possibilitando a formação de uma identidade social da juventude afrodescendente no âmbito das relações da educação social e formal, pois, de acordo com o sociólogo Stuart Hall (2005) “as identidades construídas na modernidade, muitas vezes sobrepunham a estrutura dos indivíduos”. Assim, a Sociologia, como ciência, ensinada e aprendida na escola para jovens do ensino médio precisa promover a compreensão da ação social dos indivíduos em sociedade, interpretando-a. É espaço, portanto, para problematizar as relações sociais de dominação de povos e grupos sociais sobre outros, cujos resultados são os conflitos e desigualdades. E um dos grupos que historicamente foi subalternizado foi o grupo social dos jovens quilombolas, razão pela qual os afrodescendentes formaram, organizaram e ressignificam esses quilombos.

4.3 O ensino de Sociologia nas escolas de ensino médio e o contexto social dos jovens do Quilombo Salinas.

Dentre os objetivos da pesquisa, encontra-se a descrição das práticas de educação no ensino de Sociologia e sua influência na formação da identidade racial e quilombola dos jovens do Quilombo Salinas, mediante também os materiais didáticos e as metodologias utilizadas pelos professores de Sociologia. Interessou saber como se caracterizam as práticas de ensino de Sociologia e como elas influenciam na formação da identidade racial dos jovens do Quilombo Salinas. Era minha intenção também saber se as questões raciais e quilombolas são trabalhadas em sala de aula, perspectivando o desenvolvimento do senso analítico e crítico dos alunos para a compreensão dos contextos e relações históricas e sociais em que estão envolvidos.

Essa perspectiva interpretativa não se dará com um ensino baseado na transmissão do que há no livro didático, mas exige um trabalho criteriosamente planejado, a partir do que os alunos necessitam para ter “senso analítico e crítico”. Isso envolve os materiais didático-pedagógicos, que vão muito além do livro didático adotado, envolvendo uma diversidade de outros materiais, como outros livros e conteúdos explorados em recursos audiovisuais, que hoje aparece em quantidade e diversidade na internet, como também a presença de pessoas diversas da Comunidade que acumulam saberes seculares sobre os temas abordados.

Quanto aos materiais didáticos, ao que pareceu, os livros didáticos são a base dos conteúdos trabalhados, adotados nas duas escolas pesquisadas. A Escola “Ominira”, do município de Campinas do Piauí, utiliza o livro didático cujo título é Sociologia em Movimento, da editora Moderna, tendo por principais autores Afrânio Silva e Bruno Loureiro, constituído por seis unidades e quinze capítulos, abordando temas diversos no âmbito da Sociologia, contemplando também as relações étnico-raciais. E na Escola Ayô, é adotado o livro Sociologia em Movimento, de autoria de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim, que aborda em seus onze capítulos temáticas diversas, destacando também as questões étnico-raciais. Logo, já é um avanço os livros didáticos de Sociologia abordarem a temática racial e quilombola. Contudo, esses conteúdos sem relação com as realidades dos estudantes se tornam alienígenas.

Nas reflexões teóricas, discutiu-se que a educação escolar brasileira, desde a sua origem, esteve a serviço da classe dominante (FREIRE, 1995) e tem servido para reprodução das desigualdades sociais (BOURDIEU, 1992), de forma que a cultura é a imposta como legítima pelas classes dominantes, por isso, a consolidação dessa disciplina tenha sido

marcada por intermitência. O fato de as questões políticas e ideológicas estarem relacionadas ao objeto de ensino da Sociologia faz que o currículo escolar seja um território em disputa (ARROYO, 2011) permanentemente, visto que, dependendo do que oferece servirá a um ou outro grupo social.

Através desta pesquisa foi possível identificar as expectativas dos jovens estudantes quilombolas e caracterizar, mesmo que superficialmente, o ensino de Sociologia nas escolas em que estudam.

Os jovens quilombolas têm consciência de que a educação escolar é um direito deles e deve se desenvolver para a transformação das realidades sociais, como fica evidente na fala da jovem Jamilly: “Ao sair da minha Comunidade para estudar em Simplício Mendes, fui vítima de racismo por conta da minha cor de pele e do meu cabelo. [...]” Como os demais jovens, ela denuncia que o racismo ainda é uma barreira para o acesso à educação escolar e uma barreira para a construção da identidade dos jovens quilombolas. Assim também, explicita sua expectativa em relação à educação escolar, nesse sentido: “Para que outras pessoas não passem pelo que eu passei é necessário que a escola fale sobre a nossa cultura e sobre a nossa história, assim outras pessoas aprenderiam a se valorizar”.

Outra jovem, a Geovana, tenta compreender porque ela e sua irmã sofriam a indiferença e agressão: “na escola, lá em Salinas, as meninas não gostavam de mim e da minha irmã, sempre procuravam confusão”. Denuncia: “uma já bateu em nós” e questiona “O porquê, eu não sei. Nunca explicaram, até hoje, eu queria entender”. E fala das suas inquietações: “Eu queria poder falar com elas, mas acho difícil, quando eu chego, elas saem”.

Em outra fala, a jovem estudante Jamilly, evidencia mais eventos racistas, suas expectativas e a reação da escola frente ao racismo:

Minha infância, foi muito boa graças a Deus não tenho o que reclamar. Aliás um dos meus melhores momentos foi na minha infância. E ano passado e sofri bullying na escola, por conta do meu cabelo e da minha simplicidade. Mais, por conta do que aprendi com pessoas que eu conheci dentro do projeto eu soube lidar com essa situação. Na minha sala não tinha muitos conhecidos meus, se tinha eram umas três pessoas. Logo, fiz muitas amizades acho que pelo meu jeito simpático, talvez, ou até engraçada. Mas, com o passar do tempo, veio de alguns alunos umas brincadeiras sem graça. Logo depois, mais uma menina disse que meu cabelo parecia com pelos de vassoura. Eu sempre sendo forte, jamais me importava com essas coisas, pois tinha aqueles que me enchiam de elogios e palavras de apoio, só que um dia foi demais, que eu não aguentei e chorei. Chorei de angústia, de raiva. A professora tentou me ajudar, falou com as pessoas que faziam isso, fiquei um pouco chateada, mas a atitude não foi a que eu realmente esperava. Foram três meninas e dois meninos. Minha turma super me apoiou em tudo e simplesmente tive os melhores amigos ao meu lado, eles, eu sei, que eram

meus amigos. A professora não presenciou, mais todos os meus amigos confirmaram pra ela. No começo foi difícil, mas tive muito apoio, muitas palavras ao meu favor. A professora (que chamou a atenção dos colegas racistas) era de um horário apenas de estudo que chamamos H.E (Horário Especial, reservado para estudos). Geralmente era nas aulas (as “brincadeiras racistas”), eu simplesmente acho um absurdo um professor não perceber umas brincadeiras ofensivas, não se dar conta que não está certo! **(Jamilly Galdina Ferreira, estudante do ensino médio e integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca).**

Na fala da jovem, observa-se que em sua família e na Comunidade tem sua vida normal, sem os estranhamentos quanto aos seus caracteres. Mas ao chegar na escola: “com o passar do tempo veio de alguns alunos umas brincadeiras sem graça, logo depois mais uma menina disse que meu cabelo parecia com pelos de vassoura”. Mesmo participando das atividades antirracistas na Comunidade e já fortalecida na consciência da sua afrodescendência, demonstra o impacto desses racismos, vivenciados na escola, em sua vida: “Eu sempre sendo forte, jamais me importava com essas coisas, pois tinha aqueles que me enchia de elogios e palavras de apoio, só que um dia foi demais, que eu não aguentei e chorei. Chorei de angústia, de raiva”.

Como na fala anterior referindo-se ao tempo de ensino fundamental, na Comunidade Salinas, mostra que o racismo acompanha os jovens afrodescendentes quilombolas em toda a sua trajetória escolar, e expõe, indignada a reação da escola: “A professora tentou me ajudar, falou com as pessoas que faziam isso, fiquei um pouco chateada”, e o que dela esperava através de seus professores: “pois a atitude não foi a que eu realmente esperava”. O que ela esperava era uma mediação adequada da professora, com a abordagem das questões raciais, como a Lei 10.639 de 2003, modificada pela Lei 11.645 de 10 de março de 2008, sobre a obrigatoriedade da inclusão dos conteúdos da história e da cultura afro-brasileira e dos temas de luta dos movimentos sociais da população afrodescendente. E para a implementação dessa legislação, que é fruto das lutas da população afrodescendente, desde 2004, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, que trazem como princípios norteadores: consciência política e histórica da diversidade, fortalecimento da identidade e de direitos, ações e educativas de combate ao racismo e à discriminação. E para discutir as especificidades dos estudantes dos quilombos, desde 2012, encontram-se em vigência as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, que orientam as práticas de ensino para o conhecimento da história da África e uma releitura da história do Brasil.

Analisando-se mais outros aspectos da queixa da referida estudante, é possível dizer que não há um olhar atento para as questões raciais e quilombolas nas salas de aula, de forma geral, mas atitudes bem pontuais por parte de algum professor, como fica evidenciado na fala da Jamilly: “A professora não presenciou, mais todos os meus amigos confirmaram para ela”. E acrescenta que outra professora tomou alguma atitude quanto ao evento racista: “A professora (que chamou a atenção dos colegas racistas) era de um horário apenas de estudo que chamamos H.E (Horário Especial, reservado para estudos). ”E denunciando o silenciamento da professora, expõe sua indignação: “Geralmente era nas aulas (as brincadeiras racistas), eu simplesmente acho um absurdo um professor não perceber umas brincadeiras ofensivas, não se dar conta que não está certo! ”

Ao que parece, a escola ainda vê as questões raciais como assunto para ser discutido só entre os afrodescendentes, de forma que os estudantes desse grupo social, ao chegar na escola, deve eles mesmos buscar saídas para os racismos sofridos. Por isso, Munanga (2005, p. 16) chama a atenção para a necessidade de a “ressignificação da memória coletiva e da história da comunidade negra” não ser de interesse “apenas aos negros, mas a toda sociedade, inclusive a branca, pelo fato de ter recebido uma educação permeada de preconceitos, racismo e discriminação. ”

Concordando com o referido autor, essa escola, não só na disciplina de Sociologia, mas em todas, deve tematizar essas questões. É nesse sentido que se disse nas reflexões teóricas que a Sociologia, como ciência, ensinada e aprendida na escola para jovens do ensino médio, precisa promover a compreensão da ação social dos indivíduos em sociedade, interpretando-a. Logo é espaço, portanto, para problematizar as relações sociais de dominação de povos e grupos sociais sobre outros, cujos resultados são os conflitos e desigualdades; para que os jovens desconstruam esse pensamento racista e aprendam a conviver respeitando as diferenças. E para os jovens afrodescendentes quilombolas, o direito a reafirmar a sua identidade, a partir dessa tematização, evidente, de forma não colonizadora, como muitas vezes ocorre. Trata-se muitas vezes das questões raciais e quilombolas, mas na cosmovisão eurocentrista, colonizadora, como a referida jovem falou: “a professora tentou me ajudar [...] mas a atitude não foi a que eu realmente esperava”. Consciente do papel da escola, com uma base de conhecimento sobre seus direitos, sobre a questão racial e quilombola, a jovem passa a avaliar e questionar a escola, demonstrando que a educação que foi “buscar” na escola deve ser para a transformação social assim como a que recebe e promove na sua Comunidade.

Os estudantes da Comunidade Salinas expuseram que um dos seus desafios para conseguirem a formação escolar em nível médio é o deslocamento para as cidades. De acordo

com esta pesquisa, uns estudam na cidade de Simplício Mendes e outros, na cidade de Campinas do Piauí, mas têm em comum os problemas de ordem pessoal e social e, sobretudo, a precariedade das condições de acesso e permanência nessas escolas, como aparece sintetizada nesta fala:

Quando eu ia para a escola, deixava as minhas duas filhas com a minha mãe. Eu saía daqui meio dia num carro desconfortável. Tinha dia que nós alunos chegava cheio de terra por que a estrada não tem asfalto, é cheia de buracos. Nós chegava na escola cansado, muitas vezes não dava tempo de comer em casa e as merendas da escola não são boas, mais mesmo assim não desisti fui em frente. (**Claudia Galdino Ferreira, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, concluiu o ensino médio em 2019**).

O que a jovem Claudia expõe nessa fala e o que os demais expuseram faz parte de uma prática histórica de negação no Brasil do direito à educação aos afrodescendentes, agravando-se mais ainda quando são quilombolas e do campo. Desde o período colonial até os dias atuais os afrodescendentes foram excluídos da educação formal como salienta Silva e Silva (2005): “por mais de duzentos anos, os africanos escravizados não tiveram nenhum tipo de oportunidade de estudo formal”, situação que continua. Por força da legislação, há a oferta, mas nessas condições desumanas.

Sobre essas condições desumanas de acesso à educação por parte dos jovens quilombolas, tem relação com a invisibilidade da juventude do campo, como pontua Freitas (2009, p. 188), segundo a qual “até o início dos anos 2000, a maioria dos estudos sobre juventude tomava como foco os jovens urbanos”, ficando os jovens rurais invisíveis, “ausentes dos debates que incluem as juventudes, apareciam como apêndices das discussões sobre agricultura”.

Além dos estudantes e demais pessoas da Comunidade Salinas, duas professoras que lecionam a disciplina de Sociologia foram ouvidas e deram importante colaboração para a elucidação do objeto desta pesquisa. A professora “Anaya” que tem 37 anos, autodeclarada branca, natural de São Paulo, possui formação em graduação e pós-graduação na área de Letras/Espanhol, expôs:

Trabalho com a disciplina de Sociologia com o livro adotado pela escola, que é Sociologia, o título do livro, de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim. Olhando para o livro didático, nós não temos muito essa abordagem da africanidade, da afrodescendência, da organização quilombola, na verdade o livro não trata em nenhum de seus capítulos de organização quilombola; o que ele trata em relação a essa afrodescendência é muito pouco, é em um capítulo que trata de cultura e suas raízes, mas, como professora eu procuro abordar essa temática

abrangendo ela, trazendo discussões em sala de aula pra que realmente os nossos jovens possam ter um olhar diferente sobre essa cultura afrodescendência e pra que as pessoas, também, entendam, nossos jovens compreendam a importância que os afrodescendentes tiveram na construção de nossa cultura. Quanto ao Samba de Cumbuca que é realizado na Comunidade Quilombola de Salinas, que é bem próximo de Simplicio Mendes, eu não tenho conhecimento se alguma vez nessa escola, pode ser que tenha acontecido já, deles trazerem suas vivências ou uma apresentação pra cá, porque eu só tenho quatro anos nessa escola. Então, repito, pode até ter acontecido antes. Eu, como professora de Sociologia, na verdade, nunca tinha pensado nessa questão dos quilombolas da Salinas, da Comunidade Salinas, mas agora vendo esse trabalho até me trouxe realmente a mente fazermos um trabalho onde essas pessoas, principalmente jovens da Comunidade Quilombola, possam estar trazendo pra cá essa vivência pra escola, pra que realmente as pessoas conheçam mais esse trabalho, conheçam a importância desse trabalho, na construção do Brasil, na construção da sociedade, na construção de quem somos hoje, então, futuramente, nós iremos procurar estar tendo esse contato, como professora de Sociologia com a Comunidade Salinas. **(“Anaya”, professora de Sociologia, da Escola “Ayô”, município de Simplicio Mendes -PI).**

A outra professora é natural de Campinas do Piauí, autodeclarada preta e sua graduação é em licenciatura plena em normal superior, com pós-graduação em docência nos anos iniciais do ensino fundamental das populações de campo e carcerária na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA. Sua fala a seguir traz elementos interessantes às nossas inquietações epistemológicas:

Na disciplina Sociologia, trabalhamos com o livro didático “Sociologia em Movimento”, o mesmo contempla as questões raciais, africanidade, afrodescendência, movimentos de jovens, organização quilombola, dentre outros. Recebemos em nossa escola, jovens da Comunidade Quilombola Salinas, onde a presença cultural do Samba de Cumbuca, canto, capoeira...é muito forte na Comunidade. Então, essas atividades elas são trabalhadas nos projetos da escola de forma interdisciplinar, através das discussões, debates, rodas de conversas, sempre ouvindo depoimento de cada um ou em grupo, mesmo porque, vivenciamos muito a questão do racismo, discriminação, do preconceito e de ser aceitado. Estamos sempre enfatizando o respeito a essas diferenças, dialogando, trabalhamos essas questões dessa forma em sala de aula e através dos projetos interdisciplinar da nossa escola. **(“Chinara”, professora de Sociologia, da Escola “Ominira”, na cidade de Campinas do Piauí).**

São vários os elementos nessas falas merecedores de uma análise profunda, mas tomarei alguns pontos que respondem em parte as questões postas nesta pesquisa. As falas das professoras são ricas em significados para a compreensão do que os estudantes expuseram acerca dos racismos sofridos em escolas por onde passaram e onde estudam, como também, em outros espaços sociais. Além disso, podem revelar mais porque há tanto silenciamento

quanto a esses racismos e porque as educações sociais promovidas pela Comunidade com a participação ativa dos jovens se fazem tão relevantes para a construção de suas identidades.

É possível depreender, sobretudo, porque a disciplina de Sociologia pouco tem contribuído para as expectativas de aprendizagens desses jovens, o que ficou bem explicitado na fala da jovem Claudia, que concluiu o 3º ano do Ensino Médio, no ano de 2019: “Não lembro muita da aula de Sociologia, a professora era “Chinara”, mas não falava esse termo de quilombola, eu não lembro o que falava, mas não falava esses termos não”. A professora a quem ela se refere, é a mesma que ministra a disciplina de Sociologia há 10 anos na escola, entretanto, as temáticas relacionadas a afrodescendência e africanidade continuam ausentes, implicando o descompasso entre teoria e prática, ausência essa percebida pela aluna Claudia.

A primeira questão é a desvalorização da disciplina Sociologia pelo próprio sistema escolar, quando atribui a professores de outras áreas, totalmente distintas, a responsabilidade de ministrar tal disciplina. Além de significar o descaso do Sistema Educacional com as aprendizagens necessárias à cidadania, é reflexo das “intermitências e resistências” que marcaram o percurso dessa disciplina na história da educação brasileira (MORAES, 2010), o que concorreu para que ainda não esteja plenamente consolidada. Merece mais investigação esse aspecto, mas fica sugerido que a referida disciplina só existe no currículo escolar para cumprir à exigência burocrática da Lei 11.648/2008, uma conquista dos grupos sociais subalternizados, que obriga sua oferta.

Dessa forma, por mais que os professores sejam esforçados, fica difícil desenvolver os conteúdos da referida disciplina, sobretudo, compreender a organização social, na sua complexidade, inclusive as lutas e organizações sociais do povo afrodescendente. Se bem que, mesmo com formação em Sociologia, nem sempre os professores abordam as organizações e movimentos sociais protagonizados pelo povo afrodescendente, por ter uma formação eurocêntrica, que é uma tradição da formação acadêmica em todas as áreas, inclusive na Sociologia, como problematiza o sociólogo Clóvis Moura (1988, p. 17), quando afirma que “os estudos sobre o negro brasileiro, nos diversos aspectos, têm sido mediados por preconceitos acadêmicos e ideologia racista racionalizada.

Os reflexos dos estudos sociológicos e outros sobre os afrodescendentes reproduziram a mentalidade racista que ainda permeiam os currículos, de forma que a questão dos afrodescendentes, em seus diferentes aspectos ou são abordadas numa perspectiva colonizadora ou invisibilizadas, razão pela qual o tratamento das situações de racismo na escola frustram jovens quilombolas conscientes dos seus direitos a uma educação antirracista,

como bem disse a jovem Jamilly: “acho um absurdo um professor não perceber umas brincadeiras ofensivas, não se dar conta que não está certo!”.

Quanto aos materiais didáticos, as duas professoras enfatizaram os livros adotados como material básico. A professora “Anaya” reconheceu que o livro não faz “abordagem da africanidade, da afrodescendência, da organização quilombola, na verdade o livro não trata em nenhum de seus capítulos de organização quilombola”. Já a professora “Chinara” expõe que o livro adotado na sua escola “contempla as questões raciais, africanidade, afrodescendência, movimentos de jovens, organização quilombola”. Não foi possível fazer uma análise desses livros, devido a quantidade de dados gerados pela pesquisa, mas cabem duas observações: primeiro, é importante ter um olhar descolonizado para a abordagem dessas questões, incluindo outros materiais disponíveis hoje na internet, nas escolas e, sobretudo, contando com as pessoas afrodescendentes das comunidades e outras pessoas que discutem tais questões.

Em relação às manifestações culturais e demais aspectos das vidas dos jovens quilombolas, a professora “Chinara” diz conhecer um pouco e até trabalhar com essas realidades. Mas o que se observou é que, como professora da disciplina, não apresentou discussão sobre a temática racial na perspectiva da Sociologia de forma mais aprofundada. Contudo, apenas informou conhecer um pouco sobre algumas das tradições culturais da Comunidade Salinas, bem como expondo que trabalha tais questões em sala de aula e reconhecendo que existem manifestações de racismos. O problema é que as questões raciais e quilombolas são ainda trabalhadas de forma pontual, sem a devida fundamentação teórica, sem integrar organicamente o currículo, atravessando todas as disciplinas e organização da escola, mas “projetos da escola de forma interdisciplinar, através das discussões, debates, rodas de conversas, sempre ouvindo depoimento de cada um ou em grupo”. Muitas vezes, tais questões se resumem em “eventos” esporádicos, tanto é que os racismos se mantêm retroalimentados.

Já a professora “Anaya”, confessa não ter conhecimento sobre o Samba de Cumbuca e sua presença na escola: “eu não tenho conhecimento se alguma vez nessa escola, pode ser que tenha acontecido já, deles trazerem suas vivências ou uma apresentação pra cá, porque eu só tenho quatro anos nessa escola. Então, repito, pode até ter acontecido antes”. Isso dá a entender que esses jovens, além de sofrerem racismo nessa escola, como expôs a Jamilly, não se expressam sobre sua história, sua realidade e vivência. São, portanto, seres “invisíveis”, como pontua Freitas (2009) na sala de aula.

Contudo, apesar da constatação dos racismos sofridos pelos jovens quilombolas e do silenciamento sobre tais questões, é bastante positivo que o diálogo com as duas professoras fez que uma delas despertasse o olhar para a realidade dos estudantes quilombolas, dispondo-se ao compromisso de trabalhar essas questões na disciplina de Sociologia: “Eu, como professora de Sociologia, na verdade, nunca tinha pensado nessa questão dos quilombolas da Salinas.” E afirma: “[...], mas agora, vendo esse trabalho, até me trouxe realmente a mente fazermos um trabalho onde essas pessoas, principalmente jovens da Comunidade Quilombola, possam estar trazendo pra cá essa vivência pra escola [...].”

É interessante observar que as professoras possuem experiências e conhecimentos diferentes sobre a realidade dos estudantes quilombolas, enquanto “Anaya” diz desconhecer a realidade quilombola e a presença do Samba de Cumbuca na escola, como também não discute tais questões em sala de aula; a professora “Chinaia” faz referência às tradições culturais e informa que a escola desenvolve projetos contemplando o conhecimento dessas tradições culturais. Talvez a postura da professora “Chinaia” esteja relacionada ao fato de morar na cidade de Campinas do Piauí que entra em contato com essas atividades.

Comentado [NLM8]: Acho que pode melhorar

A partir dos depoimentos dos participantes da Comunidade Salinas e das professoras é possível dizer que a educação escolar, da forma como se desenvolve, não tem contribuído como deveria para a construção e fortalecimento da identidade racial e quilombola dos jovens da Comunidade Salinas.

4.4 Proposta de material didático no ensino de Sociologia: vídeo documentário

“[...] então, nós somos autores e atores de nossa própria história. Ninguém precisa escrever a nossa história, ninguém precisa pesquisar a nossa história, precisa conhecer e valorizar a nossa história.” (Marcos Vinicius Ferreira)

O Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO é um curso de pós-graduação stricto sensu que “visa à capacitação de professores/as de Sociologia para o exercício da docência no ensino médio, com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino no país” (UFC, 2018, p.1). Dessa forma, além da pesquisa aqui apresentada, produzi um vídeo documentário, como produto técnico desse estudo, apresentando fragmentos da realidade dos diferentes espaços pesquisados. Este se caracteriza por apresentar acontecimentos que mostram determinados recortes da realidade

interna e externa da Comunidade, ressignificando de maneira mais ampla a dimensão e a extensão interpretativa dessa realidade. Apesar da escassa bibliografia que trata do gênero, Thiago Altafini caracteriza o documentário moderno como:

Geralmente trabalha com fragmentos de uma realidade, buscando a reflexão e a compreensão aprofundada da questão abordada, deixando para o espectador o papel de relacioná-la com seu contexto histórico, econômico, político, social e cultural (...) permitindo ao espectador suas próprias conclusões. (1999, p.1).

O vídeo documentário é uma ferramenta de pesquisa que possibilita o registro de dados que refletem as vozes, emoções e idiosincrasias dos sujeitos que narram a partir de suas realidades, pois “o vídeo tem uma função óbvia de registro de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descrito compreensivamente por um único observador, enquanto ele se desenrola”, uma vez que “não existem limites óbvios para a amplitude de ações e narrativas humanas que possam ser registradas” (BAUER E GASKELL, 2002, p. 149).

Isso implicou numa seleção de materiais distintos, como fotografias, entrevistas, documentos, filmagens em vídeo dos elementos culturais inseridos na Comunidade, bem como de atividades envolvendo os atores da pesquisa, depoimentos em geral, entre outros.

O vídeo documentário traz como título “O Samba de Cumbuca e a construção da identidade da juventude quilombola na Comunidade Salinas” e atende a último objetivo específico que foi “produzir, a partir da pesquisa, um documentário a ser usado na disciplina de Sociologia nas escolas da região, destinado a trabalhar as questões étnico-raciais, envolvendo os saberes da Comunidade”, considerando que o Mestrado Profissional é ofertado na direção de subsidiar os aspectos teóricos e metodológicos para desenvolver um ensino de Sociologia centrado nas necessidades de formação dos estudantes.

O vídeo documentário se inicia com uma breve apresentação da Comunidade Salinas; segue com a caracterização e história do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca; aborda algumas considerações sobre a construção cultural dos quilombos como espaço de resistência; sobre a Juventude, afrodescendência e identidade; em seguida, aborda a educação escolar e o contexto social dos jovens do Quilombo Salinas; discorre sobre o papel social dos jovens no Quilombo Salinas e os desafios na construção de sua identidade e encerra com a discussão acerca da educação social no Quilombo Salinas: vivências e transmissão das tradições e saberes articulados com a organização política. Apresenta a relação necessária entre as necessidades de formação dos jovens e a disciplina de Sociologia.

Este vídeo documentário pode ser usado na sala de aula como mobilizador da temática racial e quilombola. A expectativa é que ele instigue uma prática de ensino de Sociologia a partir do conhecimento da Comunidade Quilombola Salinas, para compreender os processos de colonização e as relações geradores dos racismos, do aquilombamento e de todas as formas de resistência ao escravismo. Será, portanto, um instrumento que o professor de Sociologia poderá utilizar como desencadeador dos estudos sobre afrodescendência, eurocentrismo, etnocentrismo, racismo, construção das identidades raciais e culturais, manifestações culturais de origem africana e a história da própria Comunidade.

Como sugestão de trabalho docente a partir do documentário, o professor poderá desenvolver atividades como: i) pesquisa sobre o continente africano e dos principais aspectos para desconstruir os estereótipos negativos que são permanentemente evidenciados pelos que pretenderam e pretendem ainda desqualificar as africanidades; ii) estudos sobre a situação socioeconômica da referida Comunidade para a percepção dos efeitos do racismo histórico gerador das desigualdades; iii) estudos em grupos para realização de seminários, mesas temáticas, rodas de conversa sobre a legislação que garantem os direitos da população afrodescendente e quilombola; iv) rodas de conversa com pessoas da Comunidade para saber sobre os aspectos apontados pelo vídeo documentário e os que não aparecem. Seria interessante promover visitas com os estudantes na Comunidade, nos espaços onde está contada parte da história do povo afrodescendente de Salinas para recontar as muitas histórias em diferentes formatos, dentre eles: murais, outros documentários, exposição de fotografias e imagens, páginas na internet (blog, canal no youtube, facebook, etc.).

Acredita-se que os professores criarão muitas possibilidades de, a partir do documentário, refletir sobre a necessidade de inclusão da questão racial e quilombola de fato no currículo.

Comentado [NLM9]: Geradores ou geradoras?

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Em resposta à intenção geral deste trabalho, que foi analisar a construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas a partir da educação social e da educação escolar na perspectiva do ensino de Sociologia, é possível afirmar que, apesar das tentativas de apagamentos das suas existências e do silenciamento histórico da sociedade e dos governos sobre as tradições, sua existência e resistências, a Comunidade Quilombola Salinas tem consciência do seu passado histórico e ligação com as ancestralidades africana e afro-brasileiras. Para tanto, preserva suas tradições nos diferentes aspectos, além de ser rica em atividades produtivas do ponto de vista econômico e cultural, as quais coexistem articuladas e se reproduzindo na manutenção das existências.

Comentado [NLM10]: Acho que pode melhorar

Em razão disso, os jovens vivenciam os processos de educação social promovidos pelos mais velhos, numa transmissão natural das tradições culturais, no cotidiano. Além disso, a partir das tradições culturais, sobretudo do Samba de Cumbuca, a mais expressiva manifestação cultural, organizam a luta pelos seus direitos e promovem projetos sociais, com atividades diversas com foco no fortalecimento da identidade racial, afrodescendente e quilombola, dentro das quais os jovens conhecem sua história, desenvolvem seu sentimento de pertencimento e constroem suas identidades.

Contudo, quase todas as falas dos participantes desta pesquisa apontaram que o espaço escolar, cuja função é promover a formação plena, visando o preparo para o o trabalho e exercício da cidadania, mantem-se distanciado das realidades dos jovens dos quilombos, sem articulação com as experiências educativas com as quais eles convivem no cotidiano da sua Comunidade.

Quanto ao primeiro objetivo específico, que foi evidenciar as formas de educação social presentes na Comunidade e sua relação com a educação escolar na disciplina de Sociologia, constatei que existe uma diversidade de atividades articuladas, que envolvem as práticas culturais, religiosas, organização política, práticas produtivas do ponto de vista econômico, em que o Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca é o elemento mobilizador. Porém, como ficou evidenciado no depoimento de uma estudante e de uma professora, não existe esse diálogo entre essas formas de educação, acarretando consequências negativas para a formação da identidade dos jovens, que em vez de terem acesso a um currículo que reconheça a sua história, os valores do seu grupo social, como também a sua identidade de jovens afrodescendentes e quilombolas, contribui para a continuidade dos racismos, quando se silenciam diante deles a história e cultura do povo africano e afro-brasileiro.

Para responder à questão sobre as influências do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca na construção da identidade afrodescendente dos jovens, ficou evidente que, sendo a manifestação cultural mais expressiva e que abriga outras diversas, o referido Grupo tem um papel importante na formação da identidade racial e quilombola dos jovens, por ser dentro dele que aprendem as tradições, contam as histórias de ligação à ancestralidade afrodescendente, pensam e organizam as lutas para a ressignificação dos modos de vida quilombola, fazendo com que os jovens compreendam porque sofrem racismos e como enfrentá-lo.

No que concerne às práticas da educação escolar na disciplina de Sociologia do ensino médio e sua influência na formação da identidade racial dos jovens do Quilombo Salinas, considerando as falas das duas professoras e o depoimento dos estudantes, fica evidente que a disciplina de Sociologia pouco discute questões relacionadas à afrodescendência, quilombos, racismos, jovens quilombolas rurais, não tendo uma influência positiva na formação da identidade desses jovens.

No tocante ao papel social dos jovens da Comunidade Quilombola Salinas e os desafios enfrentados na construção de sua identidade, considerando as educações sociais e a educação escolar no âmbito da Sociologia, é possível afirmar que os jovens do Quilombo Salinas são sujeitos sociais que atuam em diversas frentes, com foco na formação das suas identidades afrodescendente, quilombola e campesino. Ao mesmo tempo que promovem as atividades de manutenção das tradições culturais no Quilombo, promovem atividades de luta pelos direitos e de enfrentamento aos racismos, fazendo que seus valores sejam reconhecidos e valorizados pela sociedade e governos.

Devido as condições históricas de negação de suas existências e resistências, imposto ao seu grupo social pelo processo de colonização, cujos efeitos se prolongam até os dias atuais, esses jovens enfrentam inúmeros desafios. O maior deles é o racismo que geram os demais como: silenciamento sobre sua história e cultura, falta de acesso às políticas públicas, como a educação, a qual é oferecida de forma precária, tanto em relação às condições de estrutura e materiais quanto ao currículo: “a dificuldade é em relação ao deslocamento para esses municípios por conta da precariedade das estradas e do transporte escolar”. Outro desafio que ficou expresso é ser jovem, mulher, mãe, estudante, como ficou evidente na fala de uma participante. Ficou explícito também a luta pela geração de renda para a continuidade dos jovens na Comunidade.

Entre todos os desafios, há o primordial, que é continuarem existindo e resistindo como jovens afrodescendentes, quilombola, do campo em meio a tantas adversidades.

Contudo, a herança de resistência dos ancestrais, que se aquilombaram e organizaram muitas outras formas de resistência, continua a inspirar e encorajar os jovens na busca permanente do reconhecimento do seu lugar na história, na pressão por políticas públicas e manutenção dos seus modos de vida.

Considerando o que apontou a pesquisa, a forma como a escola trata a questão racial e quilombola ainda não corresponde ao tratamento necessário às necessidades de formação dos jovens e ao que legislação antirracista já citada neste trabalho exige e propõe. Para que esse sentimento de pertencimento dos jovens se fortaleça é preciso que a escola evidencie, discuta e valorize os conhecimentos sobre a história e a cultura afrodescendente do passado e do presente, promovendo práticas de ensino e aprendizagem em que essa temática se faça transversal, permeando todas as disciplinas curriculares, sobretudo em Sociologia. Por isso se propôs o vídeo documentário.

O que trouxe neste trabalho sobre a Comunidade Quilombola de Salinas, sobretudo, do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, foram apenas alguns fragmentos da riqueza de saberes e experiências de um povo que acumula historicamente um conjunto de elementos históricos e culturais, articulados com outros aspectos que não se esgotam numa pesquisa. Meu sentimento é que muito mais poderia ter sido apresentado, certamente, muitos elementos não foram abordados e mereciam destaque, todavia, o meu desejo é que este estudo instigue outras pesquisas.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo. Ação Educativa - Mai/Jun/Jul/Ago 1997 N° 5 Set/Out/Nov/Dez.

ALMEIDA, A.W. **Quilombos**: sematologia face a novas identidades. In: ALMEIDA, A. (Org.). Projeto Vida de Negro Frechal: terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luís: SMDDH/CCN-PVN, 1996.

_____. **Quilombolas e novas etnias**. Manaus: UEA Edições, 2011.

ALTAFINI, Thiago. **Cinema documentário**: Evolução histórica da Linguagem. In: *Recensio*: Revista de resenhas de comunicação e cultura. Lisboa-Portugal, 1999.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**: Nota sobre os aparelhos ideológicos de estado. 3 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARAÚJO, Silvia Maria; BRIDI, Maria Aparecida; MOTIM, Benilde Lenzi. **Sociologia**. Volume 1. São Paulo: Scipione, 2013.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis- RJ: Vozes, 2011.

BAUER, Martin W. & GASKELL George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2ª edição. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2002.

BARLEU, G. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Belo Horizonte; Itatiaia: São Paulo, ed. USP, 1974.

Bbc News de 31/05/2020. Consulta em 04/06/2020, <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>

BOGDAN, Robert; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e os métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução**. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 28º ed. São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1993.

_____. **A pergunta a várias mãos**: a experiência da partilha através da pesquisa em educação. Série Saber com o outro, V. 1. São Paulo: Cortez, 1993.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Diário Oficial da União de 10 de janeiro de 2003.

_____. **Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008.** Diário Oficial da União de 11 de março de 2008.

_____. **Lei nº 9.394 – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, de 20 de dezembro de 2006.

_____. **Lei nº 5.692/71 – LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, de 11 de agosto de 1971.

_____. **Constituição da República Federativa Brasileira:** promulgada em 05 de outubro de 1988.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF. Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.**

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. CP/DF. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica.** Disponível in: <http://www.seppir.gov.br/arquivos-pdf/diretrizes-curriculares>.

_____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. **Orientações curriculares para o ensino médio:** ciências humanas e suas tecnologias. Volume 3, 2006.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica. **Sociologia – Ensino Médio – Coleção Explorando o Ensino.** Brasília, 2010. Disponível in: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7843-2011-sociologia-capa-pdf&category_slug=abril-2011-pdf&Itemid=30192.

_____. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD/MEC). **História da Educação do Negro e outras histórias.** Brasília, 2005. Disponível in: http://etnicoracial.mec.gov.br/images/pdf/publicacoes/historia_educacao_negro.pdf.

_____. **Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial.** Terra Quilombola. Disponível in: <http://www.digitalmundomiraira.com.br/Patrimonio/CulturaNegra/Quilombolas/Terra%20Quilombola.pdf>

_____. **Ministério da Cultura.** Fundação Cultural Palmares. Portaria nº 135, 04 de novembro de 2010. Brasília, 2007. Disponível em: acesso em: 16 de junho de 2019.

_____. **Decreto – Lei n. 4.887**, de 20 de novembro de 2003. Diário oficial da República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 2003.

_____. **Constituição Federal de 1988.** Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, art. 68. Disponível em: [www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm).

_____. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Consulta Pública. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018.

CARNEIRO, Aparecida Sueli.. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado em Filosofia da Educação).Universidade de São Paulo: São Paulo, 2005.

BATISTA, Ruimar. **Negritude**. 2ª ed.Teresina-PI: Afreketê, 2006.

BRASIL/IBGE.**Desigualdades por cor ou raça**: Taxa de homicídio de pretos ou pardos é quase três vezes maior que a de brancos. In: Agência IBGENoticias, 2019.Disponível em : <[https :// agencia denoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/25999-taxa-de homicidio -de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos](https://agencia.denoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-denoticias/noticias/25999-taxa-de-homicidio-de-pretos-ou-pardos-e-quase-tres-vezes-maior-que-a-de-brancos)

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

COELHO, Raimunda F. G. **As educações escolar e social na formação da identidade racial de jovens nos quilombos de São João do Piauí**. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Piauí: Teresina-PI, 2013.

CUNHA JR., Henrique. **Nós, afro-descendentes: história africana e afro-descendente na cultura brasileira**. In: ROMÃO, Jeruse (org.) História da educação do negro e outras histórias. Brasília: MEC, 2005.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. In: UNESCO/MEC/ANPEd. **Juventude e Contemporaneidade**. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Edufba, 2008.

FAVRET-SAADA, Jeanne. **Ser afetado**. Tradução: Paula Siqueira; Revisão: Tânia Stolze Lima. Cadernos de campo, Brasil, nº13: 155-161, 2005.

FERNANDES, Florestan. Prefácio. In: NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do Negro Brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro:Ed. Paz e Terra, 1978.

FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão**: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004). 1ª edição. São Paulo:Expressão Popular,2012.

FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Cadernos de Formação I, Lisboa: Pentaedro, 2004.

Folha de São Paulo on line de 20/05/2020. Consulta em 04/06/2020, <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1667253806744767-menino-joao-pedro-14-e-morto-em-operacao-policia-no-rj>.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. Universitários do meio rural: trajetórias e projetos de vida. IN: FREITAS, I.C.M.; PEREIRA, I.H.; LINHARES, M.I.S.B. (Orgs.). **Os jovens do interior**. pp. 187-202. Sobral-CE: Edições UVA, 2015.

FREITAS, Isaurora Cláudia Martins de. **Do campo à Universidade: trajetórias e projetos de vida dos jovens universitários do meio rural brasileiro**. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009. Disponível em <<https://docplayer.com.br/11033297-Do-campo-a-universidade-trajetorias-e-projetos-de-vidas-dos-jovens-universitarios-do-meio-rural-brasileiro.html>>.

FREYRE, Gilberto. **Casa grande e senzala**. Brasília: UNB, 1963.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. 4ª Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Cívicas no Brasil Contemporâneo**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.

_____. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo no terceiro setor. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

HAGUETTE, T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 12ª ed. Petrópolis – RJ: Ed. Vozes, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6ª ed. Rio de Janeiro - RJ: DP&A, 2001.

_____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte -MG: Editora UFMG; Brasília: Unesco, 2003.

IPHAN. **Bens Negros**: referências culturais em comunidades quilombolas do Piauí. Teresina, PI: IPHAN-PI, 2012.

LEITE, Ilka Boaventura. **Os quilombos no Brasil**: Questões Conceituais e Normativas. In: **Etnografia**. V.12(2), 2000. p.333. Disponível em http://ceas.iscte.pt/etnografica/docs/vol_04/N2/Vol_iv_N2_333-354.pdf.

LIMA, Solimar O. et al. FIABANI, Adelmir (Orgs.). **Sertão Quilombola**: comunidades negras rurais no Piauí. 2ª Ed. Teresina: Edufpi, 2007.

MELUCCI, A. Juventude, tempo e movimentos sociais. IN: FÁVERO, M.; SPÓSITO, M.P.; CARRANO, P.; NOVAES, R.R.(orgs.). **Juventude e contemporaneidade**. pp.29 - 45 Brasília: Unesco, MEC, ANPEd, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MENDES, Sônia Maria Dias. **O Samba de Cumbuca e o Empoderamento das Mulheres na Comunidade Quilombola de Salinas, em Campinas do Piauí**. Trabalho apresentado no curso de Formação de Gestores Culturais dos Estados do Nordeste. UFRPE/FUNDAJ/MinC, 2013.

MONTEIRO, Charles. **História, fotografia e cidade**: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. MÉTIS: história e cultura, v. 5, 2006.

MORAES, Amaury Cesar. **Licenciatura em ciências e ensino de Sociologia**: entre o balanço e o relato. São Paulo, 2003.

MOREIRA, Herivelto. CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro -RJ: DP&A, 2006.

MOURA, C. **Quilombos**: resistência ao escravismo. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. **Rebeliões da senzala**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1981.

MUNANGA, Kabengele. In: **Superando o racismo na escola**. 2ª edição. revisada/Kabengele Munanga, (org.).- Brasília: Ministério de Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de; ERAS, Ligia. W. **Por um ensino de sociologia descolonizado**. Revista de Estudos AntiUtilitaristas e Pós-Coloniais. Volume 1, nº01, 2011.

PAIS, José Machado. **A construção sociológica da juventude**: alguns contributos. *Análise Social*, vol. XXV (105-106), 1990 (1.º, 2.º), p. 139-165. Disponível em <<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223033657F3sBS8rp1Yj72MI3.pdf>>.

PINHEIRO, José Araújo. **Meus caminhos**. Teresina-PI: Editora Nova Aliança, 2016.

PITA, Sebastião da Rocha. **História da América portuguesa**. Belo Horizonte; Itatiaia – SP: Ed.USP, 1996.

Portal Az de 04/06/2020. Consulta em 04/06/2020. <https://portalaz.com.br/noticia/policia/31330/policial-rodoviario-mata-pedreiro-que-tentou-fugir-de-barreira-montada-na-br-316>

RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Nacional, 1988.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Quilombos**: Modos e Significados. Saco/Curtume, São João do Piauí – PI, 2007.

SANTOS, Josélio Teles dos. **De pardos disfarçados a brancos pouco claros**: classificações raciais no Brasil dos séculos XVIII-XIX. Afro-Ásia, n.32, 2005. p.118.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula; [orgs.]. **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Patrícia Lessa dos. **A imagem enquanto fonte de pesquisa:** a fotografia publicitária. Iniciação científica Cesumar, Maringá, v. 2, nº. 2, 2000.

SILVA, A. R. S. da; SILVA, R. S. da. A história do negro na educação: entre fatos, ações e desafios. In: Revista da FAEEBA – **Educação e Contemporaneidade**. Salvador, v.14, n. 24. p. 195, jul./dez., 2005.

SILVA, Afrânio et al. **Sociologia em movimento**. São Paulo: Moderna, 2013.

SILVA, M.V.; RODRIGUES, M.A. **A conquista de uma sertaneja quilombola** – Biografia. P/A.Teresina – PI, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença:** a perspectiva dos Estudos Culturais. 7ª ed. Petrópolis - RJ: Vozes, 2007.

THEODORO, Mario. A formação do mercado de trabalho e a questão racial no Brasil. In: _____. (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil:** 120 anos após a abolição, Brasília DF, IPEA, 2008. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Acesso em: 23 set. 2012.

TRIVIÑOS, A.N.S. **Introdução e pesquisa em Ciências Sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

UFC. **Regimento do mestrado profissional de sociologia em rede Nacional. Disponível em:** <https://profsocio.ufc.br/wp-content/uploads/2019/04/regimento-profsocio-rev_abr_2019.pdf>.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIROS DE FALAS DOS (AS) PARTICIPANTES



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL–
PROFSOCIO

**PROJETO: AS EDUCAÇÃO SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA
FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE JOVENS DO QUILOMBO SALINAS – PI**

MESTRANDA: Naira Lopes Moura
ORIENTADORA: Isaurora Cláudia Martins de Freitas

Conforme já conversamos, estamos desenvolvendo uma pesquisa no âmbito do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional - PROFSOCIO, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú -UEVA, com a intenção de analisar a construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas a partir da educação social e da educação escolar na perspectiva do ensino de Sociologia. Para isso, solicito sua colaboração em falar sobre algumas questões e permitir a gravação das suas falas.

Informações gerais a serem colhidas:

1. Quantas pessoas fazem parte do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca? Qual a faixa etária?
2. Quantidade de jovens que fazem parte do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca? (faixa etária de 15 a 29 anos)
3. Desses jovens há quantos homens e quantas mulheres?
4. Quantos e quais desses jovens estão no ensino médio?

Informações comum a todos (as):

1. Nome completo:
2. Idade:
3. Local de nascimento:
4. Auto declaração de cor:
5. Se não nasceu na comunidade Salinas, quanto tempo reside nela e por que a escolheu.
6. Escolaridade e profissão/ocupação atual/ outras atividades que desenvolve.

ROTEIRO – jovens

- 1- Fale de sua participação no Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca:
 - Quando começou a participar e como isso se deu?
 - O que é ser jovem e participar do Samba de Cumbuca?
 - O que ele significa para você?
 - Você acha importante valorizar as tradições culturais da Comunidade, como o Samba de Cumbuca? Por quê?

- 2- Os jovens afrodescendentes sempre enfrentaram muitos desafios: genocídio, dificuldades de ter seus direitos garantidos.
 - Quais os principais desafios enfrentados pelos jovens do Quilombo Salinas?
 - E como enfrentam esses desafios?
 - Quem ou o que ajudam esses jovens a enfrentar esses desafios e a conquistar seus direitos? Quem ou o que atrapalha?
 - O Samba de Cumbuca ajuda os jovens a enfrentar esses desafios, a fortalecer a identidade racial? Como?
- 3- Na escola onde você estuda tem a disciplina Sociologia? Nessa disciplina vocês falam sobre a vida na Comunidade Salinas, nas tradições culturais, sobre quilombos, sobre resistência e lutas do povo afrodescendente, sobre juventude quilombola, identidade, racismo?
- 4- O que a escola pode fazer para fortalecer a identidade racial dos jovens e a valorizar ainda mais as tradições culturais?

ROTEIRO – Professores

- 1- A disciplina de Sociologia aborda questões referentes a Africanidade, afrodescendência e quilombos? De que forma?
- 2- Os jovens do Quilombo Salinas trazem as vivências no Samba de Cumbuca para a escola? Na disciplina de Sociologia vocês conversam sobre isso? Se sim, como ocorre?
- 3- Qual o livro didático adotado na disciplina de Sociologia? Ele faz referência a temas como: organização quilombola, questão racial, movimentos de jovens e identidade afrodescendente?

ROTEIRO –Educadores Sociais/Integrantes do Samba de Cumbuca/ Coordenadores dos Projetos Socioculturais no Quilombo de Salinas.

- 1- O que é o Samba de Cumbuca? Como conseguiu resistir ao longo da história? Como ele é repassado para as gerações? Como se dá a participação dos jovens? Qual o impacto do Samba de Cumbuca na vida dos jovens?
- 2- Quais os projetos/ações socioculturais desenvolvidos na Comunidade Salinas? Como funcionam e como é a participação dos jovens neles? Quais os principais desafios enfrentados no desenvolvimento desses projetos? Qual o papel do Samba de Cumbuca nesses projetos?

- 3- Esses projetos sociais desenvolvidos na Comunidade contribuem para a formação da identidade racial e quilombola da juventude do Quilombo Salinas? De que forma?
- 4- Quais desafios enfrentados pela juventude quilombola de Salinas na construção de sua identidade, no acesso aos direitos: Quem ou o que os ajuda? Quem ou o que os atrapalha?
- 5- Além do Samba de Cumbuca, que outras atividades de origem afrodescendente são mantidas e ressignificadas? (terreiros/religião, capoeira, e outras)

ROTEIRO – principal mobilizadora cultural do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca

- 1- Como nasceu e se desenvolveu o Samba de Cumbuca na Comunidade Salinas?
- 2- Como é a participação dos jovens e a importância dessa participação na vida dos jovens?
- 3- O que as letras das músicas do Grupo de Tradições Culturais representam para a Comunidade?
- 4- Porque apenas as mulheres tocam a cumbuca?

APÊNDICE B – ROTEIROS DE FALAS DOS (AS) PARTICIPANTES

(Documentário)



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA
PROGRAMA DE Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional
PROFSOCIO

PROJETO: AS EDUCAÇÃO SOCIAIS E O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE JOVENS DO QUILOMBO SALINAS - PI

MESTRANDA: **Naira Lopes Moura**

ORIENTADORA: **Isaurora Cláudia Martins de Freitas**

Conforme já conversamos, estamos desenvolvendo uma pesquisa no âmbito do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, pela Universidade Estadual Vale do Acaraú - UEVA, com a intenção de analisar a construção da identidade da juventude afrodescendente do Quilombo Salinas a partir da educação social, sobretudo do Samba de Cumbuca e da educação escolar na perspectiva do ensino de Sociologia. Para isso, solicito sua colaboração em falar sobre algumas questões e permitir a gravação das suas falas.

ROTEIRO - Pesquisador - Solimar Oliveira Lima

- 1- Como se deu o processo de formação dos quilombos no Estado do Piauí e sua ressignificação nas últimas décadas?
- 2- Qual a importância das comunidades quilombolas na luta e resistência contra o racismo?
- 3- Qual o papel do Samba de Cumbuca na construção da identidade da juventude quilombola?

ROTEIRO - Pesquisadora - Sônia Terra

- 1- Como as culturas afrodescendentes conseguiram sobreviver em meio a uma hegemonia cultural eurocêntrica hostil aos símbolos negros?
- 2- Qual a importância da representatividade cultural quilombola em meio a diversidade cultural brasileira?
- 3- Qual o papel do Samba de Cumbuca na construção de identidade da juventude quilombola?

ROTEIRO – Pesquisadora – Raimunda Ferreira Gomes Coelho

- 1- Como a educação escolar influencia na formação da identidade racial dos jovens? E como ela deve influenciar?
- 2- Como as educação sociais contribuem para o tratamento dessas questões raciais?
- 3- Qual o papel do Samba de Cumbuca na construção de identidade da juventude quilombola?

ROTEIRO – Pesquisadora – Isaurora Cláudia Martins Freitas

- 1- De que forma os jovens afrodescendentes experienciam as práticas sociais nas comunidades rurais e de que maneira essas mesmas práticas contribuem para a formação de sua identidade?
- 2- Qual a importância de reascender as discussões sobre a formação identitária da juventude afrodescendente nas comunidades rurais?
- 3-

APÊNDICE C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM



UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ – UEVA
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL DE SOCIOLOGIA EM REDE NACIONAL
PROFSOCIO

PROJETO: O Samba de Cumbuca e a construção da identidade da juventude quilombola na Comunidade Salinas - PI

MESTRANDA: Naira Lopes Moura

ORIENTADORA: Isaurora Cláudia Martins de Freitas

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE IMAGEM PESSOAL

Eu, _____, RG _____, CPF nº _____, declaro para os devidos fins, que autorizo a utilização de minha imagem, em caráter gratuito, para uso e produção do PROJETO O SAMBA DE CUMBUCA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA JUVENTUDE QUILOMBOLA NA COMUNIDADE SALINAS, do Programa de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional –PROFSOCIO, da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UEVA, para serem utilizadas integralmente ou em parte, com citação de meu nome, nas condições originais da captação das imagens, sem restrição de prazos, desde a presente data. Esta autorização se refere a fotos ou imagens em vídeo, com ou sem captação de som, para uso educativo, para serem veiculadas em mídias eletrônicas e/ou impressas. A presente autorização não permite a modificação das imagens, dos textos, adições, ou qualquer mudança, que altere o sentido das mesmas, ou que desrespeite a inviolabilidade da imagem das pessoas, previsto no inciso X do Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil e no art. 20 da Lei nº 10.406, de 2002 - Código Civil Brasileiro.

Assinatura

Junho de 2020.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO TEXTUAL NA ÍNTEGRA DO CORPUS DA PESQUISA

Marcos Vinicius Ferreira – Nêgo Vina
Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Marcos Vinicius Ferreira, conhecido como Nego Vina, sou da Comunidade Quilombola Salinas, localizada no município de Campinas do Piauí, nasci na cidade de Oeiras, no dia 10 de março de 1980, filho de um agricultor chamado José Galdino Ferreira e de uma professora Inácia Galdino Ferreira, logo depois do meu nascimento, retornei para a minha Comunidade, onde passei o início da minha infância, voltando para Oeiras para estudar, já que aqui naquele tempo só tinha até a 4ª série, então eu tive que voltar pra continuar meus estudos lá em Oeiras. Conclui o ensino médio em Oeiras, na extinta escola normal Presidente Castelo Branco, morava no bairro do Rosário que é a primeira Comunidade Quilombola Urbana do Piauí, é um bairro onde eu tive o contato com o grupo de consciência negra, onde iniciei a minha militância e também onde fiz teatro no grupo IPA de teatro, que é um grupo de teatro negro, que traz em si as pautas no movimento negro, do movimento LGBT, e foi o meu primeiro contato com as artes. E isso me ajudou muito a militar na defesa das políticas públicas, não só no movimento negro, mas no combate de toda e qualquer prática de discriminação racial.

Em 2020 retornei para a minha Comunidade Quilombola, onde passei a dar aula como professor substituto, quando retornei para a minha Comunidade. Quando saí só tinha até a 4ª série, mas quando retornei já tinha até a 8ª série, fui professor de história e geografia e, além disso, educador popular. Participando do Samba de Cumbuca, da Capoeira de Quilombo e de todo movimento cultural da Comunidade.

Faço parte do Grupo Afro-Cultural Coisa de Nego, que é um grupo de dança afro. Tenho 14 anos que faço dança afro no Grupo Coisa de Nêgo que é da cidade de Teresina. E durante toda essa trajetória a gente vai construindo algumas identidades ou várias identidades que leva a gente a chegar onde a gente está hoje. E pautar caminhos para um futuro próximo e distante ao mesmo tempo. E é a ancestralidade, são os nossos ancestrais que nos fazem ter essa força. Então todos aqueles que vieram, saudar todos aqueles que vieram antes de mim é saudar a nós mesmos, a nossa geração e as gerações futuras, porque o que é a cultura, o que são os fazeres e saberes culturais se não transmissão de geração após geração. Então é isso

que nos faz seres pensantes e seres que lutam por um ideal, por uma causa. Então dentro dessa minha militância, conhecer pessoas, fazer parte de movimentos, fazer parte do Conselho Nacional de Cultura, fazer parte do Movimento de Juventude Negra, abriu em mim um leque de visão, de valorização de nossa história, da nossa cultura, da nossa identidade e da nossa religiosidade.

Eu sou o primeiro quilombola no Piauí, iniciado no candomblé, sou filho de Ogum. Iniciado para o orixá Ogum. As religiões de matrizes africanas, como bem sabemos, sofrem com a intolerância religiosa.

(Canta trechos da música do Samba de Cumbuca)

O que é o Samba de Cumbuca? Samba de Cumbuca é a voz ancestral...Samba de Cumbuca é a nossa voz, é a nossa história, é o nosso ser, ser andante, ser pensante, ser ancestral, ser negro na história do Brasil, ser negro na história do Piauí e ser negro na história do Quilombo Salinas. O Samba de Cumbuca é a nossa identidade. Eu sou o Samba de Cumbuca. É difícil se falar quando alguém pergunta pra gente Como é? O que é o Samba de Cumbuca? O Samba de Cumbuca sou eu. O Samba de Cumbuca é o meu gesto, o meu cantar, o meu andar. É a história do meu pai, do meu avô, do meu bisavô. É a história dos que vieram, dos que já foram, dos que estão e um dia vão. Mas também é a história dos que virão. Isso é Samba de Cumbuca! O Samba de Cumbuca é mágico! O Samba de Cumbuca é inebriante! Quando se está no terreiro e um toca o tambor, toca a cabaça. Que começa a cantar é como se a gente transcendesse! É como se a gente saísse desse universo e fosse para um universo suspenso onde a nossa identidade, a nossa história, a ligação do ancestral com nós que estamos aqui é uma magia! É algo inexplicável! Dizer pra vocês é pouco tudo o que eu disse até aqui sobre o Samba de Cumbuca, por que só sabe o que é o Samba de Cumbuca, quem é Samba de Cumbuca! É o sangue que corre nas minhas veias, é o vento que eu respiro, é o ar, é o universo! É isso que é Samba de Cumbuca! Então, ser Samba de Cumbuca, fazer Samba de Cumbuca, viver Samba de Cumbuca, é viver toda a riqueza dos saberes e fazeres culturais que os nossos ancestrais trouxeram de África e nos deram como presente até hoje. Eu não seria Marcos Vinicius ou Nêgo Vina se não fosse o Samba de Cumbuca. A música, o canto, a dança, o contato com as pessoas idosas, o contato com as crianças, a transmissão de conhecimento, de pensamento, de energia, tudo isso tem numa roda de Samba. O som de tambor que entra em nosso ouvido se transforma em voz através da música e nos leva para outro espaço, um espaço espiritual.

O toque da cabaça, a história, a cabaça que só é tocada por mulheres, o tambor que os homens tocam, o caneco, a roupa, a indumentária, tudo isso são elementos materiais e elementos imateriais que faz com que nós possamos dizer sem medo: “Eu sou o Samba de Cumbuca, nós somos o Samba de Cumbuca”. É a história da nossa Comunidade. Existe Samba de Cumbuca sem Quilombo Salinas, mas não existe a história do Quilombo Salinas sem a história do Samba de Cumbuca. Eu tentei no máximo que pude transmitir pra todos o sentimento que se tem quando se é Samba de Cumbuca.

E como o Samba de Cumbuca ele resistiu durante todos esses anos? Os mais velhos de Salinas diz que em 1908 já existia Samba de Cumbuca, já existia essa identidade cultural. Então como esse Samba de Cumbuca percorreu toda esse caminho, toda essa história, que pedras encontrou no caminho? E como usou essas pedras para se transformar e chegar no que estamos hoje?

É porque o Samba, ele, somos nós. Então, todas as nossas vitórias, são vitórias do Samba. Todas as nossas lutas, as nossas batalhas, por identidade por valorização da nossa estética, da nossa religiosidade, tudo isso é Samba de Cumbuca. Então, o Samba de Cumbuca ele só resistiu até hoje porque ele é vivo em nós. Ele é o sangue que corre em nossas veias, é o pulsar do nosso coração. Então, quando se fala em resistência, o Samba de Cumbuca, quando os mais velhos diz que em 1908 tinha Samba de Cumbuca e, hoje, ininterruptamente tem Samba de Cumbuca em Salinas, os de 1908, muitos já se foram, mas porque que o Samba resistiu?

Dessa transmissão de pensamento, de energia, de saberes e fazeres culturais, sociais, religiosos. Então é essa resistência, é esse símbolo de pertencimento, que faz com que a voz que ecoa do Quilombo Salinas é voz do Samba de Cumbuca, da piabinha da Lagoa, e de tantos e tantos cantos que estão contidos dentro da história do Samba de Cumbuca. Pegar o Sol com a mão, o que a gente diz nas músicas do Samba de Cumbuca, simboliza liberdade, ir aonde quer. Porque como dizia os mais velhos, os negros e negras que aqui chegaram tocavam o Samba a noite toda, começava por volta de seis horas da tarde, tocavam a noite toda e quando era de madrugada eles saíam em rumo da nascente e diziam que iam tocar o Samba até pegar, o sentido, pegar o sol com a mão. Porque no processo de escravidão, no processo de opressão, o sentido pegar o sol com a mão, ir até onde o sol nasce, é o nascer de liberdade, o nascer do novo dia. Além do sofrimento que se tinha no processo de escravidão, mas tinha esse sonho.

O negro não foi tornado livre, o negro se tornou livre, o negro lutou por sua liberdade. E são esses momentos fixos na história, ou volantes na história que faz com que

essa liberdade seja uma liberdade guerreira, a liberdade do negro é uma liberdade guerreira. Então, quando a gente diz lá vem a barra do dia, e o dia amanhece já, e o dia viajou pra outro lugar. Mas a gente continua ali na resistência.

E como esse Samba se dá na vivência dos jovens?

Sobre a participação dos jovens no Samba de Cumbuca, outrora, eu ainda criança vendo o Reisado, vendo o Samba de Cumbuca, e o Samba de Cumbuca só participava as pessoas mais velhas, meus pais, avós, tios, a gente não via jovens no Samba de Cumbuca, era mais as pessoas mais velhas. E eu agora com 40 anos, sou da primeira geração de jovens no Samba. Porque? Como se dava esse processo? A gente ficou com aquilo...porque ficar só ouvindo ou assistindo e não participar? E aí jovens como eu, Marcilio, Badu, Chicico, Jaqueline, Naninha, era mais ou menos uns 15 a 20 jovens. A gente dizia assim: Mais quando os mais velhos se forem? A gente não aprendeu. E quem vai fazer Samba de Cumbuca? Então, o que levou nós a participar do Samba de Cumbuca, primeiro era essa valorização que o Samba de Cumbuca já tinha dentro da Comunidade.

Nas rezas populares São João, São Pedro, São Sebastião, todas as rezas populares elas terminavam no terreiro com o Samba de Cumbuca. A poeira subia e tocava Samba de Cumbuca até de manhã. Então, celebrava-se nove noites de São João, no dia que derrubava a bandeira, depois que se servia aquele chá na casa da saudosa tia Vitória, tocava-se Samba até altas horas, até de manhã. E aquelas negras e aqueles negros, sambavam, peneiravam no terreiro numa majestosa dança que inebriava todo mundo. E a gente ficava ali, mas não tinha como entrar. Aí foi o nosso primeiro processo de luta: conquistar os nossos mais velhos e dizer pra eles que nós também jovens e crianças éramos, somos Samba de Cumbuca e que a gente ia levar essa cultura pra frente quando eles não estivessem mais aqui.

Aí eu me lembro da primeira viagem para Teresina para participar da FERAPI (Feira de Produtos da Reforma Agrária e Comunidades Quilombolas do Piauí), os mais velhos não podiam ir, e aí a gente disse, nós já ensaiando o Samba, pois nós jovens vamos representar a Comunidade, e os mais velhos se reuniram e disseram: Não, vocês não estão preparados pra mostrar a nossa cultura, a nossa identidade, vocês são muitos jovens! E aí foi uma pauta de conversa e ensaia Samba e a gente disse: olha se vocês permitirem que a juventude vá a Teresina dançar o Samba de Cumbuca na FERAPI, nós vamos mostrar pra vocês que nós somos Samba de Cumbuca. E foi nosso primeiro desafio! E fomos a Teresina só jovens e filmamos tudo, gravamos tudo e foi exibido nos canais de televisão. E a Sonia Terra, que nesse tempo estava na Secretaria de Cultura, nos apresentou para vários canais de televisão e

quando a gente chegamos aqui as pessoas mais velhas estavam orgulhosas do que nós havíamos feito.

E assim nós entramos no Samba de Cumbuca, nós conquistamos esse espaço. Por isso que hoje nós temos autonomia pra dizer nós somos Samba de Cumbuca. Hoje nós já temos uma geração, eu tenho 40 anos, nós já temos uma geração de 12, 13, 15 anos, e temos o Sambinha de Cumbuca, que são as crianças que fazem parte do grupo. Mas foi uma luta da minha geração e é muito honroso dizer isso para que esses jovens possam ser as futuras gerações do Samba de Cumbuca. Então, só pra vocês veem que o Samba de Cumbuca é a identidade da Comunidade, que pra nós entrar no Samba, nós tivemos que mostrar...

Além do Samba aqui da Comunidade Quilombola de Salinas, nós temos outras manifestações culturais importantes, nós temos o Reisado, que começa no dia 25 de dezembro e vai até o dia 6 de janeiro, onde a gente encerra com a grande festividade do Reisado. Falando em festividade, nós tivemos as edições do Festival de Cultura de Quilombo, onde a gente reúne essas comunidades. No Piauí nós temos mais de 170 comunidades quilombolas. Então a gente reúne essas comunidades num evento que tem oficinas, rodas de diálogos e encerra com a Quizomba, noite cultural.

E aí nós temos o Reisado, a Capoeira de Quilombo, Grupo de Dança Elite Negra, que é um grupo de dança de hip-hop com os jovens e o Grupo de Dança Afro aqui na Comunidade, eu faço dança afro no Coisa de Nêgo e trago essa essência africana para a Comunidade também.

Mas dentro de tudo isso por ser jovem, quilombola, e a gente tá aí diante da Associação e como eu disse estou eu e Cleane na Secretaria de Cultura (municipal), eu como secretário e Cleane como assessora de desenvolvimento de projetos culturais, nós enfrentamos vários desafios, um dos desafios, nós temos que estar a toda hora - poderia essa não ser a falaprovando para as pessoas a nossa capacidade de desenvolver as coisas. Nós temos aí alguns projetos que tem instituições que tentam menosprezar o nosso conhecimento. Desde 2009 toda essa história. Desde 2009 a gente está envolvido nessa história. Tem instituição que vira pra gente e diz assim: mas vocês sabem elaborar um projeto? Vocês sabem fazer uma prestação de contas? Não quer que alguém vá aí mostrar pra vocês como é que faz não? Ah, vem aqui em Oeiras, vem aqui em lugar tal para nós dar uma aula pra vocês? Não que não seja importante uma capacitação, mas não é nesse sentido, é no sentido como se nós não soubéssemos fazer. É no sentido como nós vamos mandar alguém aí pra mostrar pra vocês como é que faz. Quando a gente faz parte de um trabalho como esse que...

A Naira ela não é só uma professora, ela não é só aluna, ela é uma pessoa da Comunidade, ela é uma pessoa que sempre esteve com a gente desde o começo da nossa história. É uma pessoa que se identifica com o Samba de Cumbuca, se identifica com a história do Quilombo, é como a gente diz é uma branca de alma negra. A identidade, lutar por uma causa não tá ligada a cor da pele. E Naira sempre lutou junto com a gente por essa causa. Por isso que quando ela nos chama pra fazer um trabalho e diz olha eu tô fazendo um trabalho e quero falar de Salinas, muito nos honra, porque saber que uma pessoa que convive com a nossa história convive com o nosso Quilombo, e quer materializar isso.

Porque nós costumamos dizer tanto no Quilombo Salinas, como em todos os quilombos, nós não somos extraterrestres, nós não somos fosseis, nós não somos objetos de pesquisa, nós somos pessoas que temos conhecimento a transmitir. Então quem vem a Comunidade não vem pesquisar, nós não somos fóssil de um dinossauro ou um extraterrestre, quem vem para a Comunidade vem trazer e levar conhecimento. Então nós somos autores e atores de nossa própria história. Ninguém precisa escrever a nossa história, ninguém precisa pesquisar a nossa história, precisa conhecer, valorizar a nossa história. E quando a gente aceita fazer esse trabalho junto com a professora Naira é porque a gente entende que não é uma pesquisa, é uma valorização da nossa história. Por isso eu encerro a minha fala dizendo: (canta)

Ilu-ayê, Ilu-ayê, Odara

Negro cantava na nação Nagô

Depois chorou lamento de senzala

Tão longe estava de sua Ilu-ayê

Tempo passou e no terreirão da casa grande

Negro diz tudo que pode dizer

É samba, é batuque, é reza, é dança, é ladainha

Negro joga a capoeira e faz louvação à rainha

Hoje, negro é terra, negro é vida

Na mutação do tempo, desfilando na avenida

Negro é sensacional, é toda festa de um povo

É o dono do carnaval

Ilu-Ayê (Terra da Vida)**Clara Nunes**

Axé a todos!

Marcos Vinicius Ferreira – Nêgo Vina

Texto transcrito de gravação de áudio via WhatsApp

Meu nome é Marcos Vinicius Ferreira, conhecido popularmente como Nêgo Vina, tenho 40 anos, nasci no dia 10 de março de 1980, na cidade de Oeiras, meus pais são do município de Campinas do Piauí, da Comunidade Quilombola de Salinas, mas naquela época, quando não se nascia pôr as mãos de uma parteira, por complicação no processo de parto, era levado de forma precária a cidade de Oeiras, cidade mais próxima com estrutura. Filho de um lavrador e uma professora, moradores da Comunidade Quilombola Salinas, onde passei toda a minha infância aqui no Quilombo Salinas. Como na Comunidade só havia até a 4ª série primária, retornei à cidade de Oeiras aos 12 anos de idade para estudar, morava no bairro do Rosário, que é um bairro predominantemente negro, hoje a primeira comunidade negra quilombola urbana no Piauí. Estudei nas escolas Armando Bulamarqui e Costa Alvarenga, onde conclui o fundamental e conclui o ensino médio na extinta escola normal Presidente Castelo Branco, onde hoje é o prédio da UESPI. Fiz teatro num grupo de teatro chamado IPA, que é um grupo negro de Oeiras, composto de pessoas que vinham da periferia, que também denunciava através de sua arte as mazelas sociais, como o racismo, a homofobia, a intolerância religiosa. Assim, tive acesso as artes cênicas, viajei muito com eles a passei a ter esse olhar voltado para o combate a toda e qualquer prática de discriminação racial, esse foi o meu primeiro contato com as artes cênicas.

Há 14 anos faço dança no Grupo Afro Cultural Coisa de Nêgo em Teresina. Esse Grupo tem na sua essência, na sua história a religião negra, as matrizes africanas, através do canto, da dança, das indumentárias, trabalha com projetos que fortalecem a autoestima da negritude como trançado, estética negra, figurino, dança, posicionamento e encaminhamento ao mercado de trabalho, são algumas das ações do Coisa de Nêgo.

Nego Vina, como sou conhecido, sou militante do movimento negro, onde ocupo o cargo de destaque como coordenador cultural das comunidades quilombolas, sou adepto das religiões de matrizes africanas. O primeiro quilombola iniciado no candomblé no Estado do Piauí. Fui iniciado no terreiro de candomblé em Teresina pelo babalorixá Mauricio de Oxum, vou fazer 7 anos de iniciado no candomblé, mas a minha vivência com as religiões de

matrizes africanas vem desde a minha infância, com os meus avós paternos e as próprias pessoas da Comunidade, mesmo não tendo terreiro, sempre foram ligados a religião de matrizes africanas. Mas o candomblé, uma religião africana, trazida ao Brasil pelos negros que foram escravizados.

Em 2002, retornei para a Comunidade, onde dei aula na escola da Comunidade, de 1ª a 4ª série, nas matérias de história, geografia e ciências. Ocupei cargo de destaque, como conselheiro nacional de cultura e, hoje, ocupo o cargo de secretário municipal de cultura de Campinas do Piauí. Viajo pelo Brasil e Piauí, ministrando palestras sobre a história do povo negro, suas conquistas e desafios, além de ministrar oficinas de dança afro, performance negra, turbantes, amarrados de turbantes nos cabelos que entra na parte de estética negra, como também, falando sobre a diversidade cultural e religiosa do povo africano e do povo afro brasileiro.

Quando retornei para a Comunidade em 2002, minha mãe como professora que sempre valorizou a educação dos filhos, somos três irmãos, meu irmão que é gêmeo comigo, Marcos Antônio Ferreira, mora em Recife e faz parte do movimento de maracatu e a minha irmã, Marcia Antônia Ferreira, que é formada em inglês e matemática e é professora da Comunidade nas duas disciplinas. Assim que cheguei na Comunidade, minha mãe, que é referência na Comunidade, por ser professora tinha acabado de falecer. E esse contato que tive com a minha história, com a minha estética, para construir ou reconstruir a minha história e a minha estética, para reescrever a minha história de pessoa negra, devo também a nossa mãe que sempre colocou o nosso valor, de conhecer a nossa história, de estudar, de nos valorizar enquanto pessoa negra, de realizar os nossos sonhos. Daí quando cheguei em Oeiras, que fui morar no bairro do Rosário, sai de uma comunidade quilombola e fui morar num bairro negro em Oeiras, tive contato com o grupo dos Congos (grupo de dança afro), e participei de um grupo de consciência negra e do grupo de teatro IPA.

Com tudo isso, participar do teatro, participar do Grupo Afro Cultural Coisa de Nego, fazer dança afro, conhecer a minha estética, saber da minha origem, minha história, adentrar mais fundo nas religiões de matrizes africanas, participar do Samba de Cumbuca. Daí eu volto que o meu primeiro contato com a questão da negritude, da questão cultural vem do Samba de Cumbuca, do Reisado, das rezas populares da minha Comunidade, tudo isso construiu o que sou hoje. Essa história, esses lugares, esses saberes e fazeres, culturais, sociais, religiosos, econômicos, educacionais, cheios de modos e significados, tudo isso deu sentido ao ser negro e ao ser pessoa de luta, um militante do movimento negro, no qual quero viver anos e anos fazendo o que faço hoje.

Dentro do Projeto Cultura e Cidadania do Quilombo que foi o projeto patrocinado pela Petrobras, nós tínhamos uma oficina de pinturas em tecidos e com essa oficina foi lançado à Coleção Moda Afro no Quilombo que eu falei acima, com o propósito de valorizar o figurino, a roupa, a estética negra, africana, afro brasileiro e quilombola. Então, com indumentárias como: colares, trançados afros, black, a estética do cabelo, a estética da maquiagem, as indumentárias de colares, pulseiras, de sementes, de coco, de casca de coco e também a própria roupa, o próprio figurino.

Então, daí, surgiu a Coleção Moda Afro no Quilombo com aquele texto que eu lhe mandei mais acima; e as técnicas de pintura, elas têm várias técnicas. Tem a pintura feita com lâmina de vidro, que é uma pintura mais demorada, com mais detalhes, é uma pintura bem mais difícil de fazer. Tem a pintura que é feita através do cozimento dos tecidos junto com a tinta, cozer, botar para cozinhar o tecido junto com as tintas. Tem outra técnica que é feita com sal grosso, tinta e sal grosso, tinta pra tecido, tinta própria pra tecido e sal grosso e tem a técnica de pintura à mão, essa ela é demorada, você leva de um a dois dias pra fazer uma camiseta porque você tem que ir jogando a tinta e deixando essa tinta secar pra que quando você jogar a próxima camada de tinta ela não se misture com a outra, então, pega o tecido de algodão, tecido branco e nesse tecido vai se colocando as tintas, essa pintura à mão que é a que eu mais faço a que eu mais ministro a oficina é essa de pintura à mão, e esses tecidos são usados pra fazer saias, blusas, turbantes, camisas masculinas, femininas, tem uma infinidade, é usado também pra ornamentar espaços culturais, é utilizado pra uma infinidade de coisas.

Então, esse modelo que é o modelo feito à mão, ele é um modelo que a gente consegue trabalhar em três dias, quatro dias, a gente dá uma oficina pra pessoa já pegar as técnicas principais de como fazer essa pintura em tecido; são pinturas exclusivas, essa à mão, a lâmina de vidro, o cozimento e a de sal grosso são pinturas exclusivas, você não consegue repetir a mesma moldagem da tinta, se eu pego um tecido e faço essa pintura à mão, se eu fizer em dez tecidos, cada um tecido vai ser exclusivo porque você não consegue, não é uma coisa que é imprimindo, é uma coisa que é a tinta é quem toma forma. Então, cada pintura, em cada tecido, ela vai ter uma estética exclusiva, por isso que é um tecido que ele tem um valor mais elevado, é uma camisa que ela tem um valor mais elevado, ela vai custar entre sessenta, setenta reais porque, além do trabalho, é um material mais caro, então é mais ou menos por aí.

Primeiro: Samba de Cumbuca – o Samba de Cumbuca ele é a expressão viva da cultura de Salinas. A Comunidade Quilombola Salinas ela tem como manifestação cultural principal o Samba de Cumbuca. O que é a cumbuca? A cumbuca é o fruto da cabaceira, do pé de cabaça é a cabaça, que, a cabaça ela é uma planta nativa, é da mesma família da abóbora,

ela é uma planta nativa da abóbora, do chuchu, ela é uma planta nativa da região. E a cabaça, ela é utilizada depois que ela é um fruto verde, amarga muito, mais depois que seca, depois dela secar, ela é utilizada para guardar mel, para guardar ovos, para carregar água. Ela quando aberta em bandas, quando aberta ao meio, a cabaça se torna cuias, as cuias têm a função de vasilhas, de bacias, então são utilizadas só para feijão, só para milho. É usada no processo de farinhada, de desmancha, aqui o processo de farinhada a gente chama de desmancha, é usada também para lavar roupa, para tomar banho e as cuias menores são usadas como prato, para comer, são chamadas de coité, que são menorzinhas. As menores mesmo são usadas como copo para beber água, para tomar café. Então, existe uma infinidade de coisa que é usada à cabaça.

Dentro da Comunidade Quilombola Salinas, as negras que vieram de Guiné Bissau na África, no processo de escravidão, elas perceberam que a cabaça produz o mesmo som, creiamos nós, que os antepassados nos diziam, que os mesmos sons dos tambores existentes nas regiões africanas ou nos terreiros de umbanda e candomblé. Então, a cabaça, ela passa por um processo de curtir que a gente chama que é quando você abre um orifício na cabaça, põe água, e aí passa vários dias tirando aquele bago que é tipo a abóbora, quem conhece abóbora a cabaça só que ela quando seca, aí é cortada, é aberta um buraco na parte mais fina da cabaça, vira, o fundo da cabaça é utilizado como tambor e desse tambor produz um som, por isso que a gente chama Samba de Cumbuca, samba tocado na cumbuca, tocado na cabaça.

Por que que a cabaça aqui em Salinas ela é tocada só por mulheres? Porque desde a origem, desde o início, da história do Samba de Cumbuca, nunca se teve, o Samba de Cumbuca tem mais de cem anos, e no inventário feito pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, não se teve conhecimento desde o início das tradições de Samba de Cumbuca de que um homem tocou a cabaça. Então, por isso, que somente mulher toca cabaça e é transmitido de geração por geração essas mulheres tocando essas cabaças. É transmitido de geração por geração. Então, nunca foi transmitido da mão de uma mulher para mão de um homem. Isso também, a gente indo mais longe...

Dentro dos terreiros de candomblé, como o Ilê Axé D'Ogum-Já, em Salvador, e outras casas em Salvador de Candomblé, de cultos afros, é quando a cadeira é ocupada por uma mulher, sempre, um exemplo, o Ilê Axé D'Ogum-Já nunca um homem sentou na cadeira, na cadeira principal como sacerdote, sempre foi mulheres, a última foi mãe Stella de Oxóssi, já falecida e agora ocupa, mais uma mulher ocupa a cadeira. Então, dentro dessas tradições o Samba de Cumbuca, ele também, desde sua origem as mulheres tocam a cabaça. Nunca um homem tocou e até hoje é mantida essa essência, dos homens tocarem tambores, tocarem

pandeiro, mas não tocar cabaça; geralmente, o homem nem pega na cabaça. Eu, nunca, tenho 40 anos eu nunca vi um homem pegar nem na cabaça. Geralmente a cabaça ou é a titia Maria Flor que é a atual coordenadora do grupo ou outras mulheres que pegam também para tocar.

Sobre as músicas, as músicas do Samba de Cumbuca, quando a gente fala que essas músicas elas contam e cantam a história da Comunidade, as pessoas da vivência, é porque são músicas do dia a dia. Quem fez essas músicas? Os antepassados, elas são músicas passadas de gerações por gerações. Tem músicas, algumas músicas, alguns versos que a gente coloca que são novos? Tem! Mas, elas são músicas que vem desde quando existiu o Samba de Cumbuca e aí a gente continua cantando as mesmas músicas. Por quê? Porque segundo a oralidade dos mais velhos, eles diziam que essas mulheres, esses homens, eles passavam o dia todo na labuta, na lavoura, passava o dia todo trabalhando, mas quando era noite, finalzinho da tarde, início da noite, eles sentavam, reunia todo aquele grupo de pessoas, sentavam na porta de suas casas e iam tocar Samba de Cumbuca até pegar o sol com a mão, ou seja, até o amanhecer do dia. Então eles tocavam Samba de Cumbuca e iam cantarolando as coisas do dia a dia. Nós vamos ter músicas do Samba de Cumbuca que pra quem conhece a história de Salinas, quem conhece a Comunidade, elas estão muito ligadas a essa história da Comunidade.

E o Samba de Cumbuca ele não é só bater na cabaça, bater nos tambores ou cantar. É assim, o Samba de Cumbuca ele não é falado, ele não é cantado, ele é sentido! Então, é uma expressão de pertencimento. Quando a gente está ali naquela roda de Samba de Cumbuca, quando a gente está ali dançando o Samba de Cumbuca, ouvindo aquele som de tambor, das cabaças, do tambor, titia Maria Flor cantando, Titonho cantando, quando a gente está ali é como se a gente tivesse num universo paralelo.

É como se a gente, aquilo envolve a gente, a nossa identidade, é a nossa expressão cultural, é a nossa expressão ancestral, que vem dos nossos ancestrais. Então, quando se está ali no terreiro, tocando e dançando Samba de Cumbuca e brincando naquela roda, não tem, não tem, é imaterial, é imaterial, não tem como você materializar o sentimento, quem tá vendo ali ao redor que tá assistindo, ele tá achando bonito, ele tá achando uma coisa, mas pra nós vai além do bonito, vai além do dançar pra alguém ver. Um exemplo: há uma diferença quando a gente dança na Comunidade ou numa outra comunidade, no terreiro, no chão, com o pé no chão, com a roupa que a gente tá, do jeito que a gente tá, há uma diferença quando a gente vai pra Teresina ou pra qualquer outra capital e a gente dança em cima de um palco, pra milhões, pra pessoas verem, pra plateia ver, há uma diferença, a energia é outra. Não é uma energia. Ah, Vinicius, existe dois Sambas de Cumbuca nesse processo? Não! A gente está falando de energia imaterial. A energia de estar no terreiro, de estar naquela roda onde a poeira sobe,

onde a gente dança à vontade, onde não tem um horário. Ah, vocês têm 20 minutos para fazer um Samba de Cumbuca. Aí a gente tem que seguir aquele cronograma é uma coisa, quando se tá no terreiro que se toca até pegar o sol com a mão, que se toca até amanhecer o dia, que se toca até a hora que quer que aí um entra, dança uma hora, cansou, saí um pouquinho; outro entra, dança, cansou, saí um pouquinho e não precisa botar figurino, e não precisa seguir toda aquela estética do palco. A energia é outra e aí não tem como se materializar, por mais que o tambor, a cabaça, o pandeiro, o figurino, essas coisas são materiais, mas a expressão ancestral Samba de Cumbuca ela é imaterial, ela está em nós, ela é nós!

Não tem como eu, Vinicius, o que é o Samba de Cumbuca para você? Você precisa me conhecer, precisa saber dos meus anseios, saber da minha ancestralidade, saber da minha identidade para você ter essa resposta. As pessoas, às vezes, dizem assim: Vinicius, o que é o Samba de Cumbuca para você? Eu sou o Samba de Cumbuca! Não é o que é o Samba de Cumbuca para mim. Eu não sou separado do Samba de Cumbuca. O que é o Samba de Cumbuca para você? Eu sou o Samba de Cumbuca! Então, é essa a identidade, é essa a expressão da ancestralidade, da espiritualidade, do som dos tambores, é essa a expressão de África em nós que vai além do que é material, são os saberes culturais, sociais, transmitidos de gerações por gerações, saberes cheios de modos e significados. Então, isso é o que é. Isso é um sentimento, Vinicius, Samba de Cumbuca? É um sentimento! Samba de Cumbuca é bem maior que isso! Eu tentei expressar uma partícula do que é Vinicius e Samba de Cumbuca, mas é bem maior que isso, o que se senti é uma energia inexplicável, imaterial inexplicável. Então, espero ter contribuído muito!

Sobre os projetos, a Comunidade Quilombola Salinas, tem a Associação de Moradores e Pequenos Produtores Rurais do Quilombo Salinas. Ela foi fundada em 17 de agosto de 1997, sempre foi atuante na Comunidade na área da agricultura, mas em 2008, eu e mais outro grupo de jovens a gente sentiu a necessidade de participar dos editais. A gente sempre via outros grupos, que projeto é esse? – Não, foi um edital que a gente participou e aí a gente foi tendo conhecimento disso, e aí a gente passou a fazer parte da Associação; e aí fazendo parte da Associação a gente conseguiu chegar à diretoria da Associação. E em 2009 a gente elaborou o primeiro projeto pra Comunidade Quilombola Salinas, juntamente com um grande parceiro nosso que é o Áureo João, o Áureo João trabalha no INCRA-PI, em Teresina, e a gente ia para o INCRA e lá a gente elaborou esse projeto chamado Ponto de Cultura Cumbuca de Quilombo, que é uma homenagem ao Samba de Cumbuca. Ele tinha várias oficinas: oficina de percussão, oficina de dança, canto e Samba de Cumbuca, oficina de estética negra, oficina de áudio, vídeo e fotografia, oficina de percussão e dança.

Então, como se dava esse processo? Tinha as inscrições, eram abertas as inscrições. O público desse projeto era um público de todas as idades, e as pessoas se inscreviam de acordo com a afinidade. Afinidade que tinha por aquela oficina e osicineiros como a oficina de Samba de Cumbuca que tinha como oficineiros: Titonho e Titia Maria Flor que dentro dessa oficina ensinavam as pessoas que ali estavam: o canto, a dança, os batuques dos tambores, os elementos do Samba de Cumbuca, a história do Samba de Cumbuca, as vestimentas do Samba. E a partir dessas oficinas as pessoas que se interessavam já entravam no grupo, já participava do grupo ou outras pessoas que já participaram do grupo também faziam parte dessas oficinas.

Assim, também, a Capoeira de Quilombo, que é outro grupo que está na Comunidade desde 2005, que é o grupo que está junto com o Samba de Cumbuca, quem é do Samba de Cumbuca também é da Capoeira de Quilombo. E logo em seguida, 2010, o Ponto de Cultura é um projeto do Governo Federal em parceria com o Governo do Estado, através da FUNDAC, que era a Fundação Cultural do Piauí, que nesse período era presidido pela Sônia Terra.

E logo em seguida nós tivemos outro edital que foi o edital Prêmio Pontinho de Cultura, que nós mandamos o projeto chamado, Sambinha de Cumbuca: minha identidade, que era pra trabalhar a cultura na infância, nós fomos contemplados com esse projeto, ele era do Ministério da Cultura, da Secretaria da Cidadania do Ministério da Cultura, e nós fomos contemplados e nesse projeto trabalhava o Samba de Cumbuca para criança, capoeira pra criança, violão, voz e violão pra criança e a questão da brincadeira na infância. Era esse o foco de fazer com que a criança tivesse contato com esse universo cultural, através dessas brincadeiras, através de brincar Samba, brincar Reisado, brincar capoeira, ele já ia adentrando nesse processo de transmissão da cultura de geração por geração.

Logo depois do Pontinho de Cultura nós tivemos o projeto Cultura e Cidadania do Quilombo, que foi um projeto que nós enviamos para a Petrobras, esse também, na elaboração, nós tivemos uma grande contribuição do parceiro Áureo João, esse projeto foi aprovado. Nesse projeto Cultura e Cidadania do Quilombo, patrocinado pela Petrobras, nós tivemos: oficina de artesanato com cabaça, oficina de artesanato com semente, Samba de Cumbuca, capoeira, um curso sobre africanidade e afrodescendência, nós tivemos oficina de percussão, oficina de artesanato com argila, oficina de pintura em tecidos. E a partir desse, tanto o ponto de cultura, como o projeto da Petrobras, foi criado o projeto Coleção Moda Afro no Quilombo, por que a partir da oficina de corte e costura e pintura em tecidos, aí criou-se o projeto Coleção Moda Afro no Quilombo onde a gente utilizava os tecidos, já pintados pelas

meninas, pra fazer roupas, camisas, turbantes, saias, colares, brincos, pulseiras que entrava dentro desse processo da estética negra.

Nós tivemos também, em 2011, nós recebemos a medalha da Ordem do Mérito Cultural Brasileiro, que é uma honraria entregue pelo Governo Federal aos grupos e pessoas que salvaguarda a cultura africana. E, agora, recentemente, nós estamos com um projeto Viva o Semiárido, que é um projeto em parceria do Governo do Estado com o Banco Mundial, onde 18 famílias da Comunidade Quilombola Salinas serão contempladas, é um projeto de arranjos agrícolas, o arranjo desse projeto é ovino-caprinocultura, então, essas 18 famílias irão receber todos os equipamentos, recebem os animais, as matrizes, tanto de ovino como de caprino, e assistência técnica pra que eles possam manusear todo esse processo de criação. Então, a Associação, juntamente com o Samba de Cumbuca, com a Capoeira, com o Reisado, trabalha com esse foco de salvaguarda da cultura, fazer com que as famílias, elas tenham acesso às políticas culturais.

Marcos Vinicius Ferreira – Nêgo Vina
Texto transcrito de gravação de áudio

Boa tarde! Me chamo Marcos Vinicius Ferreira, sou Coordenador Cultural das comunidades quilombolas, coordenador cultural da Comunidade quilombola Salinas, fica no município do Piauí, uma comunidade com 117 famílias, o centro da Comunidade e as suas adjacências formam o núcleo de 117 famílias; sou o presidente da Associação de Moradores da Comunidade.

Sou o primeiro quilombola iniciado no candomblé no Estado do Piauí, a orixá Ogum, fui iniciado há sete anos. Desde criança, sempre tive contato com as religiões de matrizes africanas, principalmente com a umbanda, que é mais presente no Piauí e no Maranhão, minha avó paterna, tios.

Na Comunidade a igreja católica ela é bem recente, porque, nós sempre tivemos uma religiosidade popular, eu cresci no meio de uma religiosidade popular. Rezas de São João, São Pedro, São Gonçalo, São Vicente, São Francisco, São João Batista, e todas essas rezas elas tinham uns novenários nas casas das tias velhas e se encerravam com Reisado e o Samba de Cumbuca.

Sempre o Reisado e o Samba de Cumbuca encerravam os festejos populares da Comunidade, inclusive Nossa Senhora Aparecida que hoje é padroeira da Comunidade, ela antes era celebrada, não na igreja católica, não como expressão católica, mas expressão da cultura popular.

Depois foi construída uma capela quando o Senhor João Pereira faleceu e não veio mais a celebrar os festejos da Nossa Senhora Aparecida que era o maior da região, então, foi feito uma capela e logo em seguida construído uma igreja.

As religiões de matrizes africanas sempre foram dentro do território da Comunidade Quilombola Salinas, sempre foi algo feito de forma mais discreta, mais escondida, todas as pessoas sempre iam a benzedores, rezadores, a terreiros, em comunidades e municípios vizinhos, mas sempre de forma escondida por conta da presença do cristianismo dentro da comunidade que se tornava um impeditivo pra que as religiões matriz africana, também praticadas por os quilombolas, fossem disseminadas dentro da Comunidade.

A igreja evangélica, já bem mais recente, mas não teve tanta perseguição da igreja evangélica Assembleia de Deus às religiões de matrizes africanas, como teve da igreja católica.

Marcos Vinicius Ferreira – Nêgo Vina

Texto transcrito de gravação de áudio – Sobre a Comunidade Quilombola Volta do Morro

Volta do Campo Grande, que possui 147 famílias que moram nessa Comunidade, segundo o IPHAN, no Piauí, só existe o Samba de Cumbuca nessas duas Comunidades, Salinas e Volta, mas mesmo nas duas Comunidades, o Samba de Cumbuca tem sua especificidade, elas cantam as mesmas músicas, mas o sentido é diferente, quando se vai se perguntar qual o sentido daquela música na Volta, ela tem uma história, na Salinas tem outra. O Samba canta e dança a história das pessoas, da vivência, dos ancestrais, dos negros e negras que aqui chegaram, da agricultura. O Samba conta toda essa história. Então em cada Comunidade tem a sua especificidade, o modo de cantar, o estilo e o jeito de dançar, o entendimento sobre a mesma música, tem entendimento que convergem e divergem em cada uma dessas Comunidades. O Samba de Salinas está entranhado na vivência de Salinas, e o Samba de Cumbuca da Volta está entranhado na vivência da Volta, cada um segue a vivência naquele local, está muito ligado a história, os saberes e fazeres sociais, econômicos, agrícolas, religiosos daquele local onde está inserido o Samba.

Cleane Pereira da Silva

Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Cleane Pereira da Silva, eu sou do Samba de Cumbuca, sou integrante também da diretoria da Associação de Moradores e agricultora familiar.

O Samba de Cumbuca é a nossa manifestação cultural mais expressiva que a gente conhece, é a expressão cultural que a gente mais se identifica. E é a expressão cultural que representa, além da nossa Comunidade, o nosso município.

O Samba de Cumbuca é repassado de geração após geração, através da oralidade, da musicalidade e através da dança. A gente tem ainda a tradição de fazer o novenário do Santo Reis, que começa no dia 25 de dezembro e termina no dia 06 de janeiro, com a festa de Reis. Nesse período, é um período em que a Comunidade em geral, tanto os idosos como as crianças se envolvem, desde a organização, dos brinquedos do Samba que são o Boi, a Burrinha, a Cabeça de fogo... toda aquela ornamentação, todo aquele enfeite, é o momento que envolve todo mundo, até o momento da apresentação, até o momento da chegada nas casas das pessoas.

Ao longo da história o Samba, ele resistiu porque os nossos griots, os nossos mais velhos, nunca deixaram de fazer, nunca deixaram de se confraternizar, se encontrar, nesse espaço, nesse ambiente. Não tinha festa, não tinha forró, não tinha churrasco, essas coisas que hoje a gente tem na atualidade, né? A festa que eles tinham naquele tempo era fazer o Samba, era se encontrar pra fazer o Samba, era se encontrar pra fazer o Reisado na casa de alguém. Alguém que ia ter a chegada de um filho que vinha de São Paulo, por exemplo, então aquele senhor mandava um convite para que fosse feito um Samba em sua casa. Então o momento de confraternização, aqui no nosso município era assim, se dava através do Samba de Cumbuca.

O impacto do Samba de Cumbuca na vida dos jovens, na juventude, é a questão realmente de identidade, realmente de se sentir parte, de conseguir enxergar o mundo além da nossa realidade. Foi através do Samba de Cumbuca que os jovens, saíram da Comunidade, puderam conhecer grandes centros, puderam conhecer outras realidades, puderam conhecer outras manifestações culturais, fazer amizades, era nos momentos de encontro cultural onde a juventude se empolgava porque iam passear fora e chegavam e tinham muita coisa pra contar.

E, além disso, o Samba é hoje a representação de um espaço que a gente conseguiu, um espaço físico, hoje a gente tem o 1º Centro Cultural de Apoio a Economia e a Cultura Quilombola do Estado do Piauí, que foi conseguido através do Samba. E é um espaço que a juventude se vê ali dentro, a juventude se encontra ali dentro com um sentimento de pertencimento. A gente tem a quadra que é de todo mundo, a gente tem a escola que é de todo mundo, mas a gente tem o Samba de Cumbuca que é um espaço do povo do Samba, é um espaço da Comunidade também, mas é um espaço onde a juventude sabe que contribuiu através do esforço na hora da apresentação, através do empenho na hora de responder o coro,

sabe que foi através disso que a gente conseguiu ter hoje esse espaço, esse espaço é muito nosso.

A frente da Associação a gente conseguiu vários projetos, dentre eles, o Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo que foi um projeto amplo, que visava a geração de renda com resgate histórico-cultural e a difusão do Samba de Cumbuca e da Capoeira. Foi importantíssimo esse projeto porquê, a juventude pôde participar tanto dos cursos de formação profissional, que é uma coisa muito difícil na nossa região, quanto ministrando as oficinas. As oficinas de Samba e de Capoeira já foi ministrada por jovens aqui mesmo da Comunidade.

Esses projetos contribuíram sim na formação da identidade racial na Comunidade Quilombola, uma vez que teve o processo de memória, teve o processo de valorização do Samba de Cumbuca, teve o processo de resgate histórico e artístico, teve o processo de valorização enquanto remuneração, porquê os integrantes do Samba puderam ministrar as oficinas, tanto os griots, os mais velhos, quanto a juventude, e com isso desenvolveu na juventude de Salinas, a ideia de que é interessante, a ideia de que é possível buscar parcerias, é possível buscar projetos sociais pra gente mudar a realidade da Comunidade.

Os desafios...é realmente a ideia de achar que só é possível emprego, uma formação, fora. Esses projetos que a gente busca é no intuito disso, de valorizar a pessoa enquanto pessoa negra, valorizar a autoestima da juventude e trazer formação para essa juventude, o que é muito importante, coisa que o Estado não oferece, o município não oferece e que são fundamentais pra permanência desses jovens dentro da Comunidade. Nós temos diversos casos de jovens que fizeram curso de manicure, hoje estão trabalhando na Comunidade, fizeram curso de corte e costura hoje estão trabalhando na Comunidade.

Não foi um projeto passageiro, foi um projeto onde as pessoas se profissionalizaram para manter-se na Comunidade. E quem quis sair, quem precisou sair, saiu, mas saiu levando seu certificado. E aí liga para a gente e diz: olha, foi fundamental ter certificado aqui na hora de me apresentar na empresa. Olha, eu ía trabalhar em tal setor, mas aí como eu tinha uma diversidade de certificados, a pessoa me colocou num setor melhor, num setor em que eu vou receber uma remuneração melhor. Isso pra nós da Associação e do Samba de Cumbuca é gratificante porquê é uma janelinha que a gente abriu, ainda não tá perfeito não, ainda não tá bom, ainda não tá do jeito que a gente quer. A gente quer construir, reconstruir uma Comunidade melhor, mas já é um começo, já é um começo e a gente pretende dar continuidade a esse trabalho.

Além do Samba de Cumbuca a Comunidade tem uma identificação muito grande com a capoeira, com o jucá que é uma cultura que a gente no Estado do Piauí a gente só tem notícia dessa manifestação cultural aqui no nosso município de Campinas do Piauí. Então a Capoeira e o Jucá, a Leseira, são manifestações culturais que quando a gente se mistura a gente não separa o Samba, da Leseira, da Capoeira, não, se torna uma manifestação cultural só, uma matriz só e um povo só.

Florentina Pereira dos Santos – Dona Maria Flor

Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Maria Florentina Pereira dos Santos, eu nasci em cinquenta, então com onze anos eu já participava do Samba de Cumbuca, só que foi dançando a Cumbuca de Fogo, passava nove noites dançando a cumbuca, tirando o Reis e na última noite era Samba de Cumbuca até o dia amanhecer. Nós saía com os passarinhos, chamava passarinho, Jaraguá, era Boi, era Burrinha, era Cabeça de Fogo, era assim...cumbuca chamava Cabeça de Fogo. E aí nós andava até 9 km com eles nas cabeças e nos ombros, tirava o Reis nas casas. A gente cantava até o dia amanhecer e era de a pés, num tinha história de moto e nem de carro não, era de a pés. Aí quando o dia amanhecia, a gente voltava. Aí fiquei participando assim do Samba. Aí depois com idade de dezoito anos eu me casei em setenta e um (1971), quando foi em setenta e dois (1972) já nasceu o primeiro filho. E aí começou o sofrimento assim de pobreza. Aí em seguida, tive a segunda, a terceira, a quarta, daí da quinta pra sexta foi que deu um espacinho de uma pra outra. Aí depois disso aí, depois que tive os filhos, aí eu formei um grupo, um grupo de umas senhoras pra tirar o Reis.

Tiramos nove noites de Reis, a última noite foi o Samba até o dia amanhecer. Daí tinha uma senhora... que naqueles tempos tinha cachaça, num era que nem hoje não, nêgo bebia a vontade, amanhecia o dia cantando o Samba de Cumbuca, por isso que o Samba de Cumbuca hoje em dia ninguém aguenta cantar a noite toda e dançar a noite toda porque num tem mais essa história de beber que nem a gente bebia pinga. Aí a gente cantava e já dizia verso para darem cachaça, pra darem bebida pra gente. E aí, por aí a gente tirava a noite todinha. Tinha uma senhora que ela sambou tanto nessa época que aí tirei esse Reis, que fizemos esse Samba, essa senhora bebeu muito de noite, aí amanheceu o dia e foi embora pra casa, aí depois ela voltou, ela fumava, né “Oh Maria Flor, tu num sabe onde eu coloquei meu cachimbo não? Eu perdi o meu cachimbo!” Eu disse: “não eu num vi não, Maria”, que o nome dela se chamava Maria. Ela disse: “num sei onde eu joguei meu cachimbo e eu tô doida pra

fumar” aí eu oiei pra debaixo do braço dela e tava lá sacolinha com o cachimbo e eu digo: “muié, aí num é o teu cachimbo não?” Ela diz: “aí, é mesmo Maria Flor! ” Aí foi fuma e voltou pra casa.

Aí depois eu passei pra cá pra Salinas e aí aqui na Salinas, madrinha Vitória me chamou, no ano de 2002, e disse: “olha minha filha, agora nós vamos tirar o Samba de Cumbuca, nós vamos tirar o Reis e fazê o Samba de Cumbuca. ” E, assim nós fizemos, até quando ela num aguento mais. Aí depois disso o Samba já tava sumindo, acabando, já morrendo, no poço. Aí eu convidei um grupo, esse grupo às vezes dava mais de 30 pessoas, formei esse grupo e aí fomos tirar Reis.

E aí minhas meninas, as professoras só era dizendo no fim de ano, mandava bilhete pra mim dizendo: ah! Simone não passou em matemática porque na hora do recreio num voltava pra estudar, só ficava os cadernos aqui. Daí eu disse: Simone eu vou te acompanhar, eu vou porque se não tu, tu tá falando de sair, desde novinha tu fala que vai para São Paulo, então pra ir pra São Paulo pra dar trabalho aos outros, eu num deixo você ir e com menos de dezoito anos eu num libero ninguém pra sair. E aí eu vou me matricular e vou te acompanhar.

Aí estudei mais ela três anos lá. Aí quando foi na 5ª série... aí ela passou em matemática e eu num passei, minha vista já cansada, eu digo as carteiras, tava tudo os cadernos dos outros, tinha cinco dentro da sala de aula, a maioria tava lá fora. Eu digo: “ói Simone, já pensou se eu num tivesse aqui? Tu era de uma que estava lá fora.” Aí ela só fazia olhar pra mim e dava risada, que era verdade. Ai, depois Simone passou e eu não passei, aí pronto, minha fia estudou e fez o ensino médio, terminou, aí depois foi que ela foi para São Paulo.

Aí, antes disso, teve um trabalho que pediram lá para os professores, aí eu disse: “o que nós vamos fazer? ” Aí, um disse: “Vamos caçar quem canta o Samba de Cumbuca!” Aí, disseram: “mas quem é?” Aí, disseram: “Maria Flor, vamos convidar ela.” Aí me convidaram. Aí, eu disse: “tudo bem, vamos fazer.” Fizemos, aí teve uma professora, chamada Eliete, filha do finado Hosternes, dava aula de inglês, em 2003, que disse assim: “Oh, Maria Flor, num deixa acaba, não, tão bonita essa tradição!” Aí, foi untá minha menina que é o nome é Neide, e disse assim: “ Oh Neide, ajuda a dona Maria Flor pra num deixa acabar essa tradição.” Aí, foi aonde eu formei o Grupo do Samba e fiquemos, mas nós ainda num tinha saído pra lugar nenhum.

Aí, quando foi em 2005 chegou uma pessoa lá de São João (do Piauí) que chama Bispo, aí ele soube lá que tinha essa tradição aqui. Aí, veio por Campinas. Chegou lá em Campinas, os professor tava lá fazendo um planejamento, aí ele falou com uma professora e

ela disse é na Salinas, aí disse meu nome e ele veio baixar aqui em casa. Eu fiquei assim quando ele chegou... eu num conhecia... e ele disse: “eu ando aqui porque eu ouvi falar que aqui tem uma tradição chamada Samba de Cumbuca e disse que é muito bonito e eu vim pra vocês ir pra Teresina”. Eu digo: “Ah, eu nunca fui, nós nunca foi em Teresina.” Convidei o grupo que primeiramente na hora que ligavam pra mim eu já chamava todos pra fazer uma reunião pra saber se dava pra nós, ou se num ía. Se desse pra nós ir, tudo bem! Se num desse, eu num metia de cara e nem dizia assim: “ah, num vou falar com eles não porque é eu mesma que sou a cabeça! Que chamava a cabeça, então num vou falar com nenhum, não, eu chamava todos e combinava. E era assim, o Grupo de Samba era combinado.

Hoje em dia num gosto do que Vinicius faz porque ele num combina mais nada comigo. É difícil ele num fala mais quase nada, as coisas dele é assim pra lá. Aí, eu num gosto porque era tudo combinado, ele fez coisas que num fiquei achando vantagem. Então foi assim que o Grupo de Samba... nós andamos por primeiramente em São João umas duas vezes, depois nós foi em Oeiras, em São Raimundo Nonato, nós foi em Picos, nós foi em Brasília, em Fortaleza, tudo nós andamos apresentando o Samba de Cumbuca, e o Samba era muito bom, eu tando no Samba de Cumbuca pra mim, ave maria, vale tudo!

E sobre a letra das músicas de Samba de Cumbuca, elas inventava assim, via um objeto, via um boi ou uma lagoa e elas formava aquelas músicas, às vezes tinha uma lagoa que tinha bastante piabinha aí elas cantava: “piabinha de lagoa, piabaê, piabaá, paturi avoador” e o paturi era os patos que tinha lá na lagoa, aí era assim que elas inventava as músicas, que nem eu inventei, que eu fiz essa música (canta): “eu saí de lá de casa levando a minha cumbuca, eu saí de lá de casa levando a minha cumbuca, eu fui cantar o Samba na Casa da Cultura, mas eu fui cantar o Samba na Casa da Cultura, quando eu cheguei lá, tava o Pedim e o Marlon, o Tibúrcio ali sentado e o Neguin vinha chegando.” Era assim que a gente inventava as músicas.

Todo mundo aqui gostava do Samba de Cumbuca, aí depois que formou esse nome de quilombola a Associação, botaram o nome de quilombola na Associação que eu participei desde que era da Kolping, aí depois que Vinicius botou o nome de quilombola, ave amaria! Aí, era uma guerra, vixe maria! Aí ninguém queria esse nome, que nome feio! Que isso aí era do tempo dos antigos, do tempo que tinha os escravos. Daí proibiram de nós entrar no colégio, ave maria! No colégio num era pra nós entrar de jeito nenhum, botaram logo foi o cartaz: “quilombola aqui num entra”. Aí depois, tinha umas coisas pra gente, era melancia, cheiro verde, mandioca, aí já tinha começando alguém já vindo pegar, aí depois acabou isso aí. Aí veio essas cestas, aí ele falou: Oh, só recebe a cesta se renovar o cadastro de

quilombola. Aí meu Deus! Quase todos assinaram e receberam as cestas, disse que muito boa, eu mesmo num recebi, num deram pra mim, eu que era quilombola num ganhei, mas eles ganhava.

Minha mãe quando eu era muleca dizia assim: “oh minha filha amanhã disse que o Reis vai passar aqui, aí o que é que nós vamos fazê? Nós num temos querosene pra botar na lamparina que tinha aquelas lamparinas que tinha que colocar querosene, aí nós num tinha condição nem de comprar o gás. “Mas eu sei, aqui tem uma cera, eu vou derreter e aí vou passar essas tiras de panos veio.” Aí fazia. “Vou fazer um murrão pra quando os caretas disser (canta): Ôh de casa e ôh de fora, ôh quem tá dentro, saía fora (2x) ôh venha receber o Reis, ôh se quiser ser festejada (2x) arrisca o fósforo e acende a luz (2x) ôh se quiser ser festejada (2x).” Aí era a hora de acender a luz. Então, foi assim o Reisado.

Outra coisa, as mais velhas falaram que quem trouxe o Samba de Cumbuca foi umas negas veias que vieram da África fugida e aí chegaram e arranjaram aqui num lugar chamado Barriguda e aí elas ficavam disse que trabalhando de dia e a noite elas iam tirar Reis, aí diziam assim: amanhã nós vamos pegar o sol com a mão. Aí faziam aqueles panos de fritos e amarravam e aí caía no mundo cedinho disse que pra pegar o sol com a mão, mas como que elas ia pegar? Aí quando o sol ía alteando...aí elas voltavam, quando chegava num pé de juazeiro, um pé de pau que tinha sombra, elas iam comer o frito e voltavam pra casa.

Era assim que eu saiba, que disseram, mas eu num sei! Aí uma desses muié, chamava-se Úrsula, que era bisavó do meu esposo, aí a outra eu num tô lembrada o nome não, sei que diziam que eram duas irmãs, sei que ela teve um bocadão de filhos aqui. Esse povo de dentro aqui da Salinas, é tudo dessas duas véias, de uma família só, mas na hora de falar em quilombola num quer nem saber,

Aí depois vinham os empregados da luz, num vinham entregar a luz aqui, aí os meninos puxavam... aí foram chegando pra perto, muitos já vai, mas lá pra trás num queriam nem saber porque era quilombo...vai trazer coisa ruim, vai tomar as terras da gente, mas hoje em dia não, quando a gente faz o Samba muita gente vai pra lá.

Para os jovens o Samba era muito bom, quando a gente chamava eles para alguma apresentação que fosse aqui ou que fosse sair, eles adoravam! E não davam trabalho nenhum! Nunca me deram um pinga de trabalho! Saímos nesse tanto de lugar e nunca me deram trabalho nenhum, porque antes de sair, nós fazia uma reunião, eu chamava todos e aí ia conversar com eles: “oia vocês não me fazem vergonha por aí, a gente vai sair, mas vocês tem que me obedecer.” As mães entregavam eles pra mim eu sai com eles e dizia: “oia, aonde nós chegar se alguém disser que aqui vocês podem pegar, tudo bem, pega, mas aonde se ver e o

dono não falasse pega isso aqui, ninguém pega.” Tudo isso eu explicava pra eles. Então foi muito bom! E nesse tempo andava jovem com namorado e tudo, mas graças a Deus aonde nós chegava e quando nós saía, diziam: “Oh voltem de novo!” Era assim. Nunca me deram um pingão de trabalho, eles adorava! E antes mesmo passou uma aqui, eu chamei ela e disse: “Ei Cleia o que tu achava do Samba de Cumbuca?” E ela disse: “Oh, dona Maria Flor, era muito bom, ave maria! Eu pensei que a senhora já ia me chamar para alguma apresentação.” Mas eu adorava quando dizia assim tal dia nós vamos apresentar em tal lugar, era muito bom!” Aí eu digo: “pois é!” E todos que se for perguntar é desse jeito, todos adoravam o Samba de Cumbuca!

Hoje tem muitas que já tem filhos, essa mesma que eu tô falando já tem um filhinho, tem outras que saíram pra trabalhar, estão pelo mundo. A minha mesma está em São Paulo, e muitos jovens, mulher, homi, também, estão lá em São Paulo. Muitas vezes quando eu vou pra lá, quando eu dou fé a minha (filha) sai sapateando, eu digo: “o que é Simone?” E ela diz: “lembrei do Samba de Cumbuca”. Tudo adorava o Samba, até as crianças, a gente canta o Samba de Cumbuca e elas ficam se requebrando. Aqui a minha bisnetinha, vai interar um ano agora, aí eu canto aqui o Samba e bato aqui numa cadeira fazendo umas músicas e aí quando eu dou fé, ela tá toda batendo o pé no chão, se peneirando. É assim o Samba de Cumbuca na hora que mexe com o Samba de Cumbuca todo mundo quer se bulir.

Minha cor? Eu sou preta, sou negra, num tem pra onde correr. É isso que eu sou!

Sou aposentada, não trabalho mais em roça, vou em roça assim, mas trabalho mesmo é em casa, fazendo o de comer para eu mais o veio.

A importância que eu acho (do Samba de Cumbuca para os jovens) é que os jovens nunca deixa o Samba de Cumbuca acabar, porque o Samba de Cumbuca ele é raiz, ele passa de geração a geração. E é muito bom que eles aprendam a cantar, a bater na cumbuca, a puxar as músicas, porque as músicas quem puxa é só eu e Tonho. E o Tonho pra mim é uma pessoa muito importante, porque eu bato na cumbuca e ele no surdo, que chama tambor. Então pra mim, estando nós dois pode puxar música do Samba em qualquer lugar. E tem outra pessoa também que eu acho muito importante, em primeiro lugar a Deus, em segundo, meu esposo, porque no tempo que eu chamei pra formar esse grupo, ele disse: “pode chamar, se forem tirar Reis eu vou dançar o Jaraguá.” Então ele é quem dança o Jaraguá. E para todo lugar que nós vamos ele tá rente. E ele samba também. Então pra mim é uma pessoa muito importante.

E os jovens eu acho que eles nunca devem deixar o Samba de Cumbuca, e é bom pra eles mesmo, era meu prazer se um deles disser: “vamos formar um grupo de Samba de Cumbuca pra nós cantar o Reis e fazer o Samba de Cumbuca.” Pra mim era muito

importante. E dissesse um dia: “aqui foi Maria Flor que deixou essa tradição para nós, é uma tradição muito boa e bonita.” E na hora que eles tiverem cantando o Samba e sambando - ali mais atrás chamava sapatear - então eles num tavam envolvidos em negócio de bebedeira, em negócio de outras coisas ruim, era muito importante se eles fizesse isso. E eles gostam de sambar. Eu passei um ano, num lembro bem se um ano, mas passei um bocado de mês dando aula de Samba de Cumbuca aqui, fui dar aula até lá nas Caraíbas, município de Isaias Coelho dando aula para os jovens, eu o Tonho e meu esposo, nós saía daqui no domingo, sol quente, e ia para lá. E é longe, nós fomos bem um ano.

Vou cantar uma música do Boi pra você: (canta)

BOI

Cadê o vaqueiro, oh Maninha
 Que eu mandei chamar (2x)
 Pra trazer o Boi, oh Maninha! Pra nós vadiar (2x)
 Eu não sou de ouro, oh Maninha! Nem sou Maracá
 Eu sou um rapaz solteiro, oh Maninha! Vim pra vadiar
 Êi boi Salá (2x)! Meu boi bonito! Sala ê boi (Refrão)
 Faz a venda me ama
 Me amo também
 Acompanha Sebastião
 O careta mais velho
 Eu num sou camaleão
 Pra andar pelo chão.
 Tu abaixa a ponte
 Tu abaixa outro
 Faz a venda me ama
 E os pequeninos
 Tu despede o Boi
 Até para o ano
 Se nós vivo for
 Tu despede o Boi
 De homi e mulé
 Tu despede o Boi
 Até para o ano
 Se aqui nós vier

JARAGUÁ

Oh, lá se vem o Jaraguá,
 Oh, Jaraguá (Refrão)
 E ele veio do Ceará (Refrão)
 Oh, bicho veio e fedorento
 Tem a catinga de jumento
 Tu embalança a cabeça
 Pra lá e pra cá
 Oh, Jaraguá do Ceará

E ele veio pra brincar

Vou mandar a música da burrinha pra você:

BURRINHA

Oh minha gente, cadê Aninha? (2x)

Aninha o bicho comeu

Olê, lê o bicho comeu (2x)

Mas não foi bicho não foi nada

Foios careta que escondeu

Olê, lê o bicho comeu (2x)

Por cima de pau e pedra

Ou por onde o fogo labora

Oh minha gente, cadê Aninha?

Aninha o bicho comeu

Olê, lê o bicho comeu (2x)

MÚSICA 1

Eu fui cantar o Samba na casa da Iaia

Quando eu cheguei lá a galera estava lá

O Samba é meu, o Samba é dela é de toda a galera

Samba eu e Samba ela e só não Samba quem não quer.

Oia, o batuque da cozinha Sinhá não quer

Se botar o pé do fogo Sinhá é porque quer (2x)

Pisa na linha levanta esse boi este boi é de Iaia.

Pisa na linha levanta esse boi este boi já quer brigar.

MÚSICA 2

Oh Paulo, Paulo Dia,

Muleque cela o cavalo que é meio dia

Vai para a estrada de Oeiras

Travessa um riacho no meio

Paulo brincando no terreiro

E olha o Paulo, Paulo, Paulo Dia (2x)

Ajoelho Paulo (refrão)

Pra fazê pelo sinal (pra rezá)

Botá mão na cabeça

Bota mão na cintura

Antônio Ferreira Damaceno - Integrante do Samba de Cumbuca (sambista e batedor de tambor), educador popular e agricultor rural

Texto transcrito de gravação de áudio via WhatsApp

Eu sou do Samba de Cumbuca, eu sou o cabra do Tambor. E meu nome é Antônio e eu sou sambista e batetor. Eu gosto do Samba, eu adoro o Samba, eu amo o Samba! Eu nasci no Samba e me criei no Samba e vou morrer no Samba e minha família toda é do Samba. Se

“você quiser o Reis é só me contratar porque o Reis é da Salinas e o Samba acompanhar. Você tem o direito de dar o carro pra nós ir no terreiro pra nós sambar.” (Toinho)

Jamilly Galdina Sobreira – 17 anos, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e estudante do ensino médio.

Texto transcrito de gravação de áudio via WhatsApp

Me chamo Jamilly, tenho 17 anos e desde o início moro em Salinas, mas ao terminar o ensino fundamental, passei a estudar em Simplício Mendes, no colégio integral, algumas coisas mudaram por conta do tempo, pois eu só ia para a Salinas nos fins de semana e, às vezes tinha aula nos sábados. Por conta disso passei mais tempo em Simplício Mendes o ano passado, mais sempre quando dava eu ir para Salinas, eu tentava fazer o máximo possível das coisas que eu fazia lá.

Tenho uma irmã, a Geovana, que também vai participar do seu projeto e um irmão que faleceu, então hoje só sou eu e a Geovana.

Saiba que sou péssima e me expressar, assim gosto mais de um diálogo pessoalmente acho mais natural, mais te garanto que no documentário vai ser diferente. Minha infância, foi muito boa graças a Deus não tenho o que reclamar. Aliás um dos meus melhores momentos foi na minha infância.

Então, nas minhas horas vagas eu sempre fico mais com a minha família, meus amigos. Agora nessa pandemia meu foco é basicamente, só estudar.

Sobre os projetos pra mim foi muito gratificante participar de cada um deles. Acho que me tornei outra pessoa. A me assumir, da minha cor, do meu jeito ser, de falar de vestir, do meu cabelo também.

E ano passado eu sofri bullying na escola, por conta do meu cabelo e da minha simplicidade. Mais, por conta do que aprendi com pessoas que eu conheci dentro do projeto eu soube lidar com essa situação.

Na minha sala não tinha muitos conhecidos meus, se tinha eram umas três pessoas, logo, fiz muitas amizades, acho que pelo meu jeito simpático, talvez, ou até engraçada. Mas...com o passar do tempo veio de alguns alunos umas brincadeiras sem graça, logo depois, mais uma menina disse que meu cabelo parecia com pelos de vassoura. Eu sempre sendo forte jamais me importava com essas coisas, pois tinha aqueles que me enchiam de elogios e palavras de apoio. Só que um dia foi demais, que eu não aguentei e chorei, chorei de angústia, de raiva. A professora tentou me ajudar, falou com as pessoas que faziam isso, fiquei um

pouco chateada, pois a atitude não foi aqui eu realmente esperava. Foram três meninas e dois meninos. Minha turma super me apoiou em tudo e simplesmente tive os melhores amigos ao meu lado, eles, eu sei que eram meus amigos. A professora não presenciou, mais todos os meus amigos confirmaram para ela. No começo foi difícil, mas tive muito apoio, muitas palavras ao meu favor.

A professora (que chamou a atenção dos colegas racistas) era de um horário apenas de estudo que chamamos H.E - Horário Especial, reservado para estudos.

Geralmente era nas aulas (as “brincadeiras racistas), eu simplesmente acho um absurdo um professor não perceber umas brincadeiras ofensivas, não se dar conta que não está certo!

Uma professora que me ajudou muito, mesmo sem saber de nada que estava acontecendo, foi minha professora de Sociologia, e minha professora de história, duas mulheres incríveis que eu tenho certeza que jamais iriam admitir uma coisa dessa em suas aulas.

Decidi estudar em Simplício Mendes e não em Campinas, por conta do carro, pois quando chove, o carro não vai para Campinas, muitos alunos se prejudicaram por isso, muitos alunos perderam o ano porque não tinham como ir, não tinham moto, não tinham automóvel e perderam o ano.

Fui também para Simplício Mendes, pensando na minha avó, pois ela morava sozinha e eu resolvi ir ficar com ela, mas passava o dia na escola, entrava as 07:00h e saía as 16:00h e dormia com a minha avó, fazendo companhia pra ela.

Eu participo do Samba de Cumbuca e Capoeira.

A disciplina de Sociologia não aborda exatamente essa questão de afrodescendência, de quilombos, de juventude... pelo que estudei ela aborda mais sobre ética, sobre sociedade.

Jamilly Galdina Sobreira

Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Jamilly Galdina Sobreira, tenho 17 anos, moro na comunidade Salinas, Campinas do Piauí, faço o 2º ano do ensino médio na escola B em Simplício Mendes.

É importante valorizar a nossa cultura, pois, através dela, ficamos reconhecidos por onde passamos e aprendemos a valorizar a nós mesmos e a nossa história.

Ao sair da minha Comunidade pra estudar em Simplício Mendes, fui vítima de racismo por conta da minha cor de pele e do meu cabelo.

Ao contrário disso, não me deixei abalar, aprendi a me valorizar, inclusive recebi o certificado de aluna nota 10.

Para que outras pessoas não passem pelo que eu passei é necessário que a escola fale sobre a nossa cultura e sobre a nossa história, assim outras pessoas aprenderiam a se valorizar.

Uma outra dificuldade é em relação ao deslocamento para esses municípios por conta da precariedade das estradas e do transporte escolar.

O Samba de Cumbuca é importante pra mim porque é um momento que nós nos divertimos, trocamos experiências com os mais velhos e valorizamos a nossa cultura.

Eu comecei a participar porque vi minhas tias dançando, viajando, daí eu entrei. Viajei, conheci novos grupos, novas pessoas e isso foi muito importante.

Geovana Galdino Sobreira, 15 anos, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e aluna do ensino médio.

Texto transcrito de gravação de áudio via WhatsApp

Meu nome é Geovana, moro em Malhada, perto de Salinas, estudei o ensino fundamental completo na Salinas. Eu ía começar o 1º ano do ensino médio em Campinas, mas devido a pandemia, não deu, tivemos apenas uma semana de aula. Moro com a minha mãe, meu pai e minha irmã. Ajudo eles em casa e na roça. Não sou muito boa em palavras, estudo, faço minhas atividades. Pretendo terminar meus estudos e conseguir um bom emprego, penso muito nisso, em estudar e conseguir entrar na faculdade.

Eu namoro faz dois anos e quatro meses, ajudo meu pai na roça. Nós vivemos do sustento do meu pai que também trabalha de pedreiro, minha mãe faz cabelos e ganha um dinheirinho também.

Minha infância, posso dizer que foi um pouco tranquila. Perdi meu irmão quando eu tinha sete anos, convivi sempre com minha mãe, meu pai e minha irmã (que é a Jamilly).

Na escola nunca fui de ter amigos, sempre fui uma boa aluna, nunca perdi o ano, nunca levei reclamação para meus pais, sempre fui ligada muito nos estudos. Ultimamente me ocupo mais fazendo as atividades da escola.

Na escola, lá em Salinas, as meninas não gostavam de mim e da minha irmã, sempre procuravam confusão. O porquê eu não sei, uma já bateu em nós, O porquê, eu não sei. Nunca explicaram, até hoje, eu queria entender. Procuravam confusão, só queriam saber de brigas. Eu queria poder falar com elas, mas acho difícil, quando eu chego, elas saem.

Na escola de Salinas sempre convivi bem com os professores, diretores, estudei desde pequena, se pudesse estudava lá até me formar, gostava dos professores, sempre teve brincadeiras, aula de dança.

Geovana Galdino Sobreira

Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Geovana Galdino Sobreira, tenho 15 anos, moro na Comunidade Salinas, estou fazendo o primeiro ano do ensino médio, na cidade de Campinas do Piauí.

Se no currículo escolar ensinasse as nossas culturas e tradições, aprenderíamos desde criança a nos valorizar.

Participar dos grupos culturais, conhecer e valorizar a nossa história nos ajuda a combater toda e qualquer prática de discriminação racial.

Por sermos jovens negros sofremos racismo por conta da cor da nossa pele, do nosso cabelo e até mesmo pelo estilo de música que ouvimos.

Nós jovens de Salinas enfrentamos várias dificuldades. Essas dificuldades começam ainda na comunidade, como a falta de água, de um espaço para praticar esportes e outras atividades. Além de nossa escola não ter uma estrutura adequada, faltam salas de aula, não tem ensino médio. Quando terminamos o ensino fundamental temos que deslocar para outros municípios para continuar os estudos.

Valorizar as tradições da nossa Comunidade como o Samba, a Capoeira e o Reisado são importantes porque as pessoas passam a reconhecer e valorizar a nossa história. Além de que esses grupos buscam projetos importantes para a Comunidade.

Eu comecei a participar do Samba de Cumbuca a partir do momento que vi os mais velhos, minhas tias dançando, a partir daí, viajei, conheci pessoas novas, grupos novos.

Artur Galdino Damasceno, 18 anos, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca e estudante do ensino médio.

Texto transcrito de gravação de vídeo i

Meu nome é Artur Galdino Damasceno, tenho dezoito anos, moro na Comunidade Salinas. Eu, além de participar do Samba de Cumbuca, também, jogo bola aqui na Comunidade com o treinador, Gilvan, que ele fez um projeto, mas o projeto acabou. Ele deu continuidade com os jovens. Eu não moro mais com a minha mãe, moro com os meus avós e

ajudo eles na roça. Eu trabalho como gari e também gosto muito de andar a cavalo. E minha vida diária é basicamente isso, quando não estou na roça ajudando meu avô, estou jogando bola, ou no Samba de Cumbuca ou andando a cavalo, ou jogando capoeira.

Artur Galdino Damasceno

Texto transcrito de gravação de vídeo ii

Meu nome é Artur Galdino Damasceno, tenho dezoito anos, moro na Comunidade Quilombola Salinas e estudo no primeiro ano do ensino médio em Simplício Mendes.

Desde pequeno eu ouvia o meu avô tocar o Samba de Cumbuca, minhas tias participavam, minha mãe... aí em comecei a gostar, comecei a frequentar e desse dia pra cá eu venho acompanhando o grupo de Samba. Ai, até hoje eu tô aí acompanhando, pra onde eles vão.

Eu gosto de participar do Samba de Cumbuca por causa das viagens, meu avô toca e minhas tias dançavam e eu via elas participando e para mim é muito bom ver elas participando, e eu gostei do Samba por causa das viagens e eu conheci outras pessoas, outros grupos de Quilombo.

Eu acho muito importante a valorização do Samba de Cumbuca porque é uma tradição daqui da nossa Comunidade e aí nós já estamos sendo bem conhecidos por todo lugar que a gente passa as pessoas falam: “olha aquele menino representa o Samba de Salinas.” Eu acho muito importante isso, cara, não deixar a nossa cultura morrer aí! E os jovens tinha que participar mais e valorizar mais a nossa cultura.

Por se jovem, negro, quilombola e morar numa comunidade a gente encontra muita dificuldade: a falta de acesso a uma educação de boa qualidade, por ter que sair da minha Comunidade para estudar em Simplício Mendes e aqui não ter o ensino médio.

O que nos ajuda a enfrentar esses desafios é o Samba de Cumbuca e a Capoeira que com eles a gente consegue vários projetos para a Comunidade.

Por ser jovem e negro, nós jovens sofremos muito preconceito por causa da nossa pele da nossa roupa, do estilo de música que nós gostamos de ouvir.

Participar do Samba, conhecer a nossa história nos ajuda a combater todo esse preconceito.

Claudia Galdino Ferreira, 27 anos, integrante do Grupo de Tradições Culturais Samba de Cumbuca, concluiu o ensino médio no ano de 2019.

Texto transcrito de gravação de áudio

Boa tarde, meu nome é Claudia Galdino Ferreira, moro na Comunidade Quilombola Salinas, tenho vinte e sete anos, sou trabalhadora rural, solteira, tenho duas filhas, tenho o ensino médio completo (concluí em 2019), faço parte do Samba de Cumbuca da Comunidade Quilombola Salinas.

Quando eu ia para a escola, deixava as minhas duas filhas com a minha mãe. Eu saía daqui meio dia num carro desconfortável. Tinha dia que nós alunos chegava cheio de terra por que a estrada não tem asfalto é cheia de buracos. Nós chegava na escola cansado, muitas vezes não dava tempo de comer em casa e as merendas da escola não são boas, mas, mesmo assim, não desisti, fui em frente!

Não lembro muita da aula de Sociologia, a professora era “Chinara”, mas não falava esse termo de quilombola, eu não lembro o que falava, mas não falava esses termos não.

Claudia Galdino Ferreira

Texto transcrito de gravação de vídeo

Meu nome é Claudia Galdino Ferreira, moro na comunidade Salinas, tenho vinte e sete anos, estudei no colégio em Campinas até o 3º ano do ensino médio.

Eu tenho duas filhas. A primeira se chama Lara Fernanda, ela tem dez anos; a segunda Ana Clara, tem sete anos. Sempre eu ensino pra elas, pra valorizar a cor da pele e o cabelo delas, sempre ensinei para elas: mesmo que os outros diz que é duro, mas não é, a gente tem que valorizar a cor e o cabelo que são bonitos. O cabelo a gente trança pra poder ficar mais bonito. Minhas filhas, elas gostam do cabelo solto, entrançado, afro, eu boto laço, boto xuxinha, enfeito o cabelo delas com lenço e elas se sentem lindas! As minhas filhas valorizam a cor da pele, o cabelo e participam do Samba de Cumbuca, do Reisado e da Capoeira e isso está faltando ser ensinado na escola, porque falta a escola ensinar as crianças a se valorizar.

Eu acho importante valorizar a nossa cultura como Samba de Cumbuca, Capoeira, Reisado, porque valoriza a cultura e nós conhecemos muitas pessoas de fora, nós viajamos, isso ajuda a gente a valorizar a Comunidade.

Outro dia na escola, elas foram discriminadas por ser negra e usar o cabelo afro, usar lenços, aí eu falei pra elas que não liga para o que os outros dizem, porque os outros falam que ser negra é feio, que o cabelo é feio, mas o que importa é o que eu penso delas e elas tem que se valorizar, tem que ser do jeito que é, que nós somos negros quilombolas e cabelo afro não é duro, negro não tem cabelo duro.

Eu participo do Samba de Cumbuca porque eu gosto, é a cultura da nossa Comunidade que nós temos. E as minhas filhas também gostam, nós interage com os mais velhos. É a cultura que nós temos desde os mais velhos é o Samba de Cumbuca que nós conhecemos e é bom estarmos juntos!

Quando eu entrei no Samba de Cumbuca, eu não era pequena, já tinha as minhas filhas, e fui vendo que era bom, aí comecei a sambar, aí conheci outras pessoas, aí coloquei as minhas filhas no Samba de Cumbuca e até hoje eu sambo.

Eu participo do Projeto Cultura e Cidadania de Quilombo aonde a oficina que eu trabalho é artesanato com sementes fazendo colares de sementes, aí nós vende esses colares para ajudar nas despesas. Quando nós sai para viajar nós levamos esses colares para vender e o dinheiro é para ajudar a nós se manter.

Minha dificuldade aqui na Comunidade, minha não, a nossa dificuldade do jovem aqui da Comunidade é porque quando termina o ensino fundamental, nós precisamos sair daqui pra Campinas do Piauí, meio dia, horário quente, carro aberto. E eu tenho duas filhas, pra mim é uma dificuldade, mas mesmo assim eu não desisti, eu tenho que mostrar tal exemplo para elas. Pode é ter dificuldade, mas a gente vence as dificuldades, graças a Deus eu estou vencendo.

A nossa dificuldade aqui na Comunidade é porque nós não temos aulas de qualidade, a merenda da escola não são de qualidade, nós não temos uma quadra, não temos um ambiente para as crianças brincar, e isso ta precisando ser mudado na nossa Comunidade porque nós precisamos ser mais valorizados.

Mesmo com essas dificuldades, a gente luta pra poder a gente ter o melhor, a gente planta, a gente cria galinha. Eu sou uma trabalhadora rural, vivo da roça e aí a gente vai lutando até melhorar essas dificuldades e um dia vai melhorar.

Professora “Anaya” – Escola “Ayô”, do município de Simplício Mendes-PI, tem 37 anos, ministra a disciplina de Sociologia, formada em Letras Espanhol pela UESPI e especialista em Letras Espanhol.

Texto transcrito de gravação de vídeo

Olá! Eu me chamo “Anaya”, sou professora de espanhol e trabalho com a disciplina de Sociologia na Escola A, aqui em Simplício Mendes, escola na qual estou nesse momento. Trabalho com a disciplina de Sociologia com o livro adotado pela escola, que é Sociologia, o título do livro, de Silvia Maria de Araújo, Maria Aparecida Bridi e Benilde Lenzi Motim.

Olhando para o livro didático nós não temos muito essa abordagem da africanidade, da afrodescendência, da organização quilombola. Na verdade, o livro não trata em nenhum de seus capítulos de organização quilombola; o que ele trata em relação a essa afrodescendência é muito pouco, é em um capítulo que trata de cultura e suas raízes, mas, como professora eu procuro abordar essa temática abrangendo ela, trazendo discussões em sala de aula pra que realmente os nossos jovens possam ter um olhar diferente sobre essa cultura afrodescendência e pra que as pessoas, também, entendam, nossos jovens compreendam a importância que os afrodescendentes tiveram na construção de nossa cultura.

Quanto ao Samba de Cumbuca, que é realizado na Comunidade Quilombola de Salinas, que é bem próximo de Simplício Mendes, eu não tenho conhecimento se alguma vez nessa escola, pode ser que tenha acontecido já, deles trazerem suas vivências ou uma apresentação pra cá, porque eu só tenho quatro anos nessa escola. Então, repito, pode até ter acontecido antes.

Eu, como professora de Sociologia, na verdade, nunca tinha pensado nessa questão dos quilombolas das Salinas, da Comunidade Salinas, mas, agora vendo esse trabalho até me trouxe realmente a mente fazermos um trabalho onde essas pessoas, principalmente jovens da Comunidade Quilombola, possam estar trazendo pra cá essa vivência pra escola, pra que realmente as pessoas conheçam mais esse trabalho, conheçam a importância desse trabalho, na construção do Brasil, na construção da sociedade, na construção de quem somos hoje. Então, futuramente, nós iremos procurar estar tendo esse contato, como professora de Sociologia com a Comunidade Salinas.

Como eu já falei, o livro não aborda o tema quilombo; em nenhum de seus capítulos nós não temos essa temática, mas ele trata de movimentos juvenis, de uma maneira não, movimentos juvenis afrodescendentes, ele trata de movimentos juvenis como um todo, como sociedade, mas, eu sinto que realmente esse livro precisava de uma abordagem melhor sobre a questão do tema afrodescendência. Eu acredito que é uma temática muito importante para ser trabalhada em sala de aula e depois, também, desse trabalho vou estar tentando trazer mais ele pra nossa vivência.

Professora “Chinara”, Escola “Ominira”, do município de Campinas do Piauí, tem 45 anos, ministra a disciplina de Sociologia, formada em Licenciatura Plena em Normal Superior e especialista em Docência nos anos iniciais do Ensino Fundamental das populações de campo e carcerária na modalidade Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Texto transcrito de gravação de vídeo

Na disciplina Sociologia, trabalhamos com o livro didático “Sociologia em Movimento”, o mesmo contempla as questões raciais, africanidade, afrodescendência, movimentos de jovens, organização quilombola, dentre outros.

Recebemos em nossa escola, jovens da Comunidade Quilombola Salinas, onde a presença cultural do Samba de Cumbuca, canto, capoeira é muito forte na comunidade.

Então, essas atividades elas são trabalhadas nos projetos da escola de forma interdisciplinar, através das discussões, debates, rodas de conversas, sempre ouvindo depoimento de cada um ou em grupo, mesmo porque, vivenciamos muito a questão do racismo, discriminação, do preconceito e de ser aceitado.

Estamos sempre enfatizando o respeito a essas diferenças, dialogando, trabalhamos essas questões dessa forma em sala de aula e através dos projetos interdisciplinar da nossa escola.

ANEXOS

**ANEXO 01 – CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO DA COMUNIDADE DE SALINAS –
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES - 2007**



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL
MINISTÉRIO DA CULTURA
FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES
Criada pela Lei n. 7.668 de 22 de agosto de 1988

Departamento de Proteção ao Patrimônio Afro-Brasileiro

CERTIDÃO DE AUTODEFINIÇÃO

O Presidente da **Fundação Cultural Palmares**, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo art. 1º da Lei n.º 7.668 de 22 de Agosto de 1988, art. 2º, §§ 1º e 2º, art. 3º, § 4º do Decreto n.º 4.887 de 20 de novembro de 2003, que regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e artigo 216, I a V, §§ 1º e 5º da Constituição Federal de 1988, Convenção nº 169, ratificada pelo Decreto nº 5.051, de 19 de abril de 2004 e nos termos do Processo administrativo desta Fundação nº 01420.003878/2010-07 **CERTIFICA** que a **Comunidade de Salinas**, localizada no município de Campinas do Piauí/PI Registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 012, Registro n. 1.385, fl. 200, nos termos do Decreto supramencionado e da Portaria Interna da FCP n.º 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União n.º 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, **SE AUTODEFINE COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO.**

Eu, **Maurício Jorge Souza dos Reis**, (Ass.)....., Diretor do Departamento de Proteção do Patrimônio Afro-Brasileiro, a lavrei e a extraí. Brasília/DF, **21 de outubro de 2010.**

O referido é verdade e dou fé.


Edvaldo Mendes Araújo
(Zulu Araújo)
PRESIDENTE

ANEXO 02 – PORTARIA CCSA/GAB 001/2010 RECONHECENDO COMO LEGITIMA A COMUNIDADE DE SALINAS COMO COMUNIDADE NEGRA RURAL QUILOMBOLA

 **GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ**
COORDENADORIA DE CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO – CCSA
GABINETE DA COORDENADORA

PORTARIA CCSA/GAB. COORDENADORA/ 001 /2010

A Coordenadora Geral da Coordenadoria de Convivência com o Semiárido – CCSA-PI, no uso das atribuições que lhe confere o Regulamento Geral da Autarquia.

Considerando a necessidade de fazer acontecer ações afirmativas no âmbito da operacionalização de políticas pública de apoio ao resgate e valorização da história e da cultura afro brasileira para a inclusão dos homens e mulheres das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, no contexto das ações de Governo do Estado do Piauí;

Considerando a definição de Comunidades Quilombolas sob gestão representativa da Coordenação Estadual das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Piauí, conforme dados atuais nesta data;

RESOLVE:

Artigo 1º - RECONHECER, para efeito do desenvolvimento das Políticas e dos Programas de Assistência Técnica e Extensão Rural, Crédito Rural, PRONAF, Programa Brasil Quilombola, Programas de Promoção de Igualdade de gênero e etnia e outras políticas, programas e projetos destinados ao contexto da Agricultura Familiar e da Proteção da Cultura, sob gestão desta Autarquia, como sendo legítima **COMUNIDADE NEGRA RURAL QUILOMBOLA** a Comunidade **SALINAS**, LOCALIZADA NO Município de **Campinas do Piauí**, Estado do Piauí com **106 (Cento e Seis) Famílias**.

Artigo 2º - DETERMINA que todos os órgãos internos desta Autarquia, no âmbito das abrangências de suas atribuições específicas, procedem à execução e a organização dos registros sobre os efeitos deste ato.

Artigo 3º - A presente Portaria entra em vigor a partir desta data.

REGISTRE-SE, PUBLIQUE-SE, CUMPRA-SE.

Teresina (PI), 11 de Março de 2010.

p/ Maria Edinivalva Costa Silva
Assessoria Técnica
Márcia - 21592/9
Maria Lúcia Araújo e Silva
Coordenadora Geral

Rua João Cabral S/N, Bairro Pirajá CEP 64.002-150, Teresina-PI
Fone/fax: 86/3216-2154 – e-mail: semi-arido@semi-arido.pi.gov.br

 **Piauí**
GOVERNO DO
SEMIARIDO

ANEXO 03 – PORTARIA EMATER/GAB. DIGER 191/2009 RECONHECENDO COMO LEGITIMA A COMUNIDADE DE SALINAS COMO COMUNIDADE NEGRA RURAL QUILOMBOLA



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
INSTITUTO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E
EXTENSÃO RURAL DO ESTADO DO PIAUÍ
Vinculado à SDR



PORTARIA EMATER/GAB. DIGER/ 191 /2009

O Diretor Geral do Instituto de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado do Piauí - EMATER-PI, no uso das atribuições que lhe confere o Regulamento Geral da Autarquia.

Considerando a necessidade de fazer acontecer ações afirmativas no âmbito da operacionalização de políticas públicas de apoio ao resgate e valorização da história e da cultura afro brasileira para a inclusão dos homens e mulheres das Comunidades Negras Rurais Quilombolas, no contexto das ações de Governo do Estado do Piauí;

Considerando a definição de Comunidades Quilombolas sob gestão representativa da Coordenação Estadual das Comunidades Negras Rurais Quilombolas do Estado do Piauí, conforme dados atuais nesta data;

RESOLVE:

Artigo 1º - RECONHECER, para efeito do desenvolvimento das Políticas e dos Programas de Assistência Técnica e Extensão Rural, Crédito Rural, PRONAF, Programa Brasil Quilombola, Programas de Promoção de Igualdade de gênero e etnia e outras políticas, programas e projetos destinados ao contexto da Agricultura Familiar e da Proteção da Cultura, sob gestão desta Autarquia, como sendo legítima **COMUNIDADE NEGRA RURAL QUILOMBOLA** a Comunidade **SALINAS**, localizada no Município de **Campinas do Piauí**, Estado do Piauí com **106 (Cento e Seis) Famílias**.

Artigo 2º - DETERMINA que todos os órgãos internos desta Autarquia, no âmbito das abrangências de suas atribuições específicas, procedam à execução e a organização dos registros sobre os efeitos deste ato.

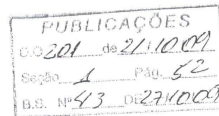
Artigo 3º - A presente Portaria entra em vigor a partir desta data.

REGISTRE-SE PUBLIQUE-SE.CUMPRA-SE.

Teresina, PI, 28 de setembro de 2009.

Francisco Guedes Alcantara Filho
 Diretor Geral

ANEXO 04 – INCRA/IN Nº 57/2009 QUE REGULAMENTA O PROCEDIMENTO PARA IDENTIFICAÇÃO [...] DAS TERRAS OCUPADAS POR REMANESCENTES DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS



INSTRUÇÃO NORMATIVA Nº 57

DE 20 DE OUTUBRO DE 2009.

Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que tratam o Art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003.

O PRESIDENTE DO INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA, no uso das atribuições que lhe conferem o art. 21, inciso VII, do Anexo I, do Decreto nº 6.812, de 3 de abril de 2009, e art. 122, inciso IX, do Regimento Interno da Autarquia, aprovado pela Portaria MDA Nº 20, de 8 de abril de 2009, do Ministro de Estado do Desenvolvimento Agrário, e tendo em vista o disposto no art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e no Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, resolve:

OBJETIVO

Art. 1º. Estabelecer procedimentos do processo administrativo para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação, desintrusão, titulação e registro das terras ocupadas pelos remanescentes de comunidades dos quilombos.

FUNDAMENTAÇÃO LEGAL

Art. 2º. As ações objeto da presente Instrução Normativa têm como fundamento legal:

- I - art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Federal;
- II - arts. 215 e 216 da Constituição Federal;
- III - Lei nº 4.132, de 10 de setembro de 1962;
- IV - Lei nº 9.784, de 29 de janeiro de 1999;
- V - Lei nº 4.504, de 30 de novembro de 1964;
- VI - Decreto nº 59.428, de 27 de outubro de 1966;
- VII - Decreto nº 433, de 24 de janeiro de 1992;
- VIII - Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993;
- IX - Medida Provisória nº 2.183-56, de 24 de agosto de 2001;
- X - Lei nº 10.267, de 28 de agosto de 2001;

**ANEXO 05 – DIPLOMA DE ADMISSÃO Á ORDEM DO MÉRITO CULTURAL
CONCEDIDO A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE PEQUENOS PRODUTORES
RURAIS DE SALINAS E ADJACÊNCIAS PELA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
FEDERATIVA DO BRASIL - 2011**



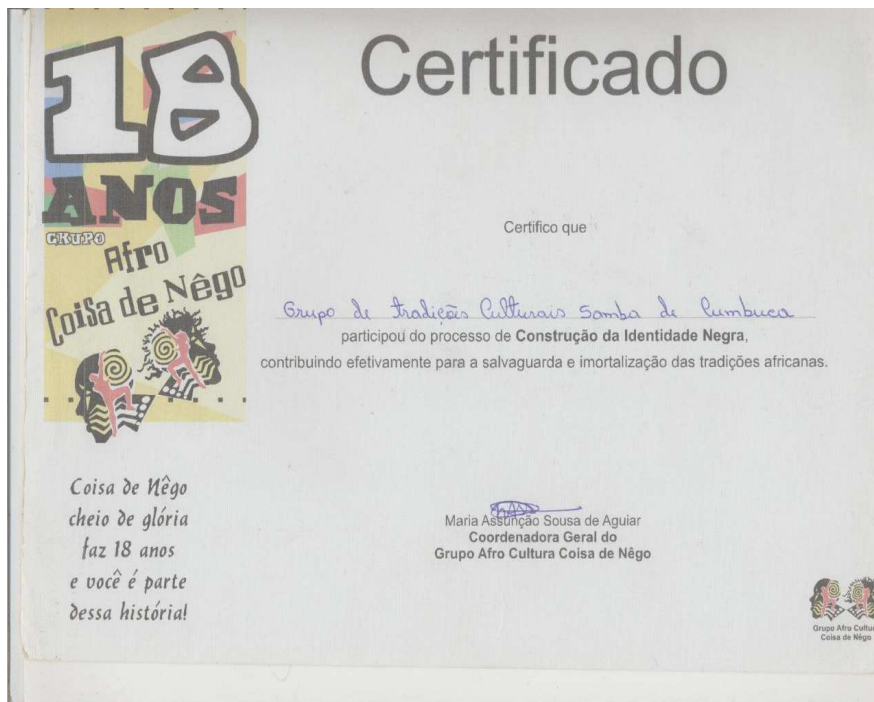
ANEXO 06 - CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA NA IV FEIRA DE PRODUTOS DA REFORMA AGRÁRIA E COMUNIDADES QUILOMBOLAS – VI FERAPI/2009



ANEXO 07 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA NA II CONFERÊNCIA ESTADUAL DE CULTURA DO PIAUÍ – 2009



ANEXO 08 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO SAMBA DE CUMBUCA DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NOS 18 ANOS DO GRUPO AFRO COISA DE NÊGO



ANEXO 09 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA NA 2ª CONFERÊNCIA ESTADUAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE JUVENTUDE DO ESTADO DO PIAUÍ -2011



ANEXO 10 – CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO COMO DELEGADO DO GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA NO TEIA PIAUÍ 2010- ENCONTRO ESTADUAIS DE PONTOS DE CULTURA

Teia Piauí - 2010
Encontro Estadual de Pontos de Cultura
04 a 06 de março de 2010 - Teatro 4 de Setembro
Teresina - Piauí - Brasil

O Governo do Estado através da Fundação Cultural do Piauí/ Programa Mais Cultura certifica que
Grupo de tradições culturais Samba de Cumbuca participou da TEIA PIAUÍ 2010 -
Encontro Estadual de Pontos de Cultura como Delegado.

Teresina, 06 de março de 2010

Sônia Maria Dias Mendes
Sônia Maria Dias Mendes (Sônia Terra)
Presidente da Fundação Cultural do Piauí

Jaíro Araújo
Jaíro Araújo
Coordenador do Programa Mais Cultura / Piauí

ANEXO 11 –CERTIFICADO DE APROVAÇÃO DO PROJETO CULTURAS E CIDADANIA DE QUILOMBO DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DE PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SALINAS E ADJACÊNCIAS PELO PROGRAMA PETROBRÁS DESENVOLVIMENTO E CIDADANIA - 2010



ANEXO 12 –CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DO GRUPO DE TRADIÇÕES CULTURAIS SAMBA DE CUMBUCA DA II CONFERÊNCIA ESTADUAL DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL - 2009



ANEXO 13 – CAPA DO PROJETO DO III FESTIVAL CULTURA DE QUILOMBO/2007

**ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA
COMUNIDADE QUILOMBOLA SALINAS E ADJACÊNCIAS- CNPJ: 02.246.078/0001-16**
Comunidade Quilombola Salinas – Território Rural – CEP: 64.730-000
Tel.: (899) 99395294 /Campinas do Piauí – PI
Email-culturadequilombo@gmail.com

**PROJETO****III FESTIVAL DE CULTURA DE QUILOMBO 2019****“QUILOMBO: ESSÊNCIA DA CULTURA E RESISTÊNCIA
DE UM POVO”**

Comunidade Quilombola de Salinas. Certificação junto à Fundação Cultural Palmares, conforme publicação no DOU de 04.11.2011. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?page_id=88&estado=PI>

ANEXO 14 – CONTRATO DE PATROCÍNIO CELEBRADO ENTRE A PETROBRAS E A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SALINAS (1ª Parte)



1

CONTRATO- 6000.0087444.13.2

**CONTRATO DE PATROCÍNIO QUE
ENTRE SI CELEBRAM PETRÓLEO
BRASILEIRO S.A. - PETROBRAS E
ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E
PEQUENOS PRODUTORES RURAIS
DA COMUNIDADE QUILOMBOLA
SALINAS E ADJACÊNCIAS**

PETRÓLEO BRASILEIRO S.A. - PETROBRAS, sociedade de economia mista, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica do Ministério da Fazenda sob o nº 33.000.167/0001-01, com sede na Avenida República do Chile, 65, Centro, Rio de Janeiro – RJ, CEP 20031-912, neste ato representada pela Gerente de Investimentos Sociais da Responsabilidade Social, Rosane Beatriz Juliano Aguiar Figueiredo, doravante denominada **PETROBRAS** e **ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SALINAS E ADJACÊNCIAS**, inscrita no Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica do Ministério da Fazenda sob o nº 02.246.078/0001-16, com sede no Povoado Salina, s/n - Zona Rural - Campinas do Piauí - PI - CEP 64730-000, neste ato representada pelo Presidente, Marcos Vinicius Ferreira, CPF nº 007.486.643-51, doravante denominada **PATROCINADA**, coletivamente denominados **PARTES**, celebram o presente Contrato de patrocínio, em conformidade com o Regulamento do Procedimento Licitatório Simplificado da **PETROBRAS**, legislação civil aplicável e Cláusulas abaixo.

CLÁUSULA PRIMEIRA - OBJETO

1.1 - O presente Contrato tem por objeto o patrocínio, pela **PETROBRAS**, ao projeto "Cultura e Cidadania do Quilombo II", que visa promover o fortalecimento da identidade afro brasileira, a diversificação produtiva e a comercialização do artesanato quilombola gerando trabalho e renda de forma sustentável para jovens e adultos quilombolas de 4 municípios do Estado do Piauí, cuja realização está a cargo da **PATROCINADA**.

ANEXO 15 – TERMO ADITIVO CELEBRADO ENTRE O ESTADO DO PIAUÍ, POR INTERMÉDIO DA SECRETARIA DE CULTURA E A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SALINAS – PONTO DE CULTURA (1ª Parte)

POLÍTICA NACIONAL DE CULTURA VIVA

TERMO ADITIVO

PONTO DE CULTURA

TERMO ADITIVO AO TERMO DE COMPROMISSO CULTURAL Nº 121/2009 QUE ENTRE SI CELEBRAM O ESTADO DO PIAUÍ, POR INTERMÉDIO DA SECRETARIA DE CULTURA E A ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SALINAS E ADJACÊNCIAS, PARA OS FINS QUE ESPECIFICA.

1. FINALIDADE	
O ESTADO DO PIAUÍ, inscrito no CNPJ sob o nº. 06.533.481/0001-49, representado por seu Governador, o SR. JOSÉ WELLINGTON BARROSO DE ARAÚJO DIAS, com sede no Palácio Karam, situado na Avenida Antônio Freire, nº 1450, Centro, CEP 64.001-40, nesta Capital, por intermédio da SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO PIAUÍ - SECULT, representada pelo Secretário FÁBIO NÚÑEZ NOVO, inscrita no CNPJ sob o nº. 05.782.352/0001-60, com sede na Praça Marechal Deodoro, nº 816 – Centro, nesta capital doravante denominado Ente Público e a ASSOCIAÇÃO DE MORADORES E PEQUENOS PRODUTORES RURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SALINAS E ADJACÊNCIAS, pessoa jurídica de direito privado inscrita no CNPJ sob o nº. 02.246.078/0001-16, representada pelo Sr. MARCOS VINÍCIUS FERREIRA, inscrito no RG: 2.349.022 SSP/PI, e CPF: 007.486.643-51, com endereço na Comunidade Salinas, s/n, Zona Rural do município de Campinas do Piauí-PI, CEP: 64.730-000 doravante também denominada PONTO DE CULTURA celebram o presente TERMO ADITIVO, com a finalidade de, mediante as condições estipuladas em suas Cláusulas, nos termos da Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014, e da Instrução Normativa /MinC nº 08, de 11 de maio de 2016.	
2. IDENTIFICAÇÃO DAS PARTES	
Ente Público:	SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA DO PIAUÍ – SECULT
CNPJ:	05.782.352/0001-60
Endereço completo:	PRAÇA MARECHAL DEODORO, 816 – CENTRO – TERESINA
Nome do responsável legal:	FÁBIO NÚÑEZ NOVO
Cargo:	SECRETÁRIO DE ESTADO DE CULTURA
Registro Geral (RG):	1.181.007 SSP/PI
CPF:	566.080.983-91
Assinatura:	29 de Junho de 2015.

